FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

ALAN APARECIDO CAMPOS BRIZOTTI

“É TUDO PELA PALAVRA”:
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO-PENTECOSTAL DE CARLOS NEJAR NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA-ES

2024

ALAN APARECIDO CAMPOS BRIZOTTI

“É TUDO PELA PALAVRA”:
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO-PENTECOSTAL DE CARLOS NEJAR NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e espaço público.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

VITÓRIA-ES

2024

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Brizotti, Alan Aparecido Campos
"É tudo pela palavra" / O imaginário religioso-pentecostal de Carlos Nejar no Estado do Espírito Santo/ Alan Aparecido Campos Brizotti. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.
ix, 105 f. ; 31 cm.
Orientador: David Mesquiati de Oliveira
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.
Referências bibliográficas: f. 99-105
1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Carlos Najar. 4. Análise do Discurso. 5. Pentecostalismo e sagrado. 6. Religião e literatura.7. Glossário nejariano. - Tese. I. Alan Aparecido Campos Brizotti. II. Faculdade Unida de Vitória, 2024. III. Título.

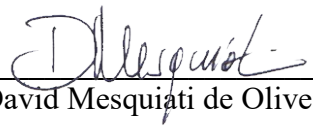
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

ALAN APARECIDO CAMPOS BRIZOTTI

"É TUDO PELA PALAVRA":
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO-PENTECOSTAL DE CARLOS NEJAR NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

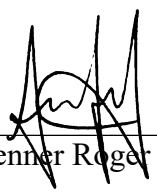
Data: 26 mar. 2024.



David Mesquiati de Oliveira, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



Gedeon Freire de Alencar, Doutor em Ciências da Religião, UNIDA.



Kenner Roger Cazotto Terra, Doutor em Teologia, FBMG.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Para Mari e Eduardo. Pelo privilégio de amar e ser amado.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

AGRADECIMENTO

Ao meu orientador, Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, por sua generosidade e incentivo, sobretudo durante o tumultuado processo da minha inscrição e desenvolvimento da pesquisa morando em São Paulo. Sua paciência, sempre temperada pelo humor maravilhoso, foram inspiradores. Grato, mestre.

Ao amigo e incentivador, Dr. Kenner Terra. Sua amizade e carinho por mim são um privilégio que guardo no coração. Sua mente brilhante e prontidão em ler e reler meus textos não têm preço. Você é uma referência para mim. Obrigado por tanto, meu amigo.

Ao mestre Carlos Nejar. Faltam-me palavras para agradecer ao grande poeta e Servo da Palavra. Sua prontidão e generosidade em atender minhas ligações e tirar algumas dúvidas ao longo da pesquisa foram magistrais. Muito obrigado, irmão Nejar.

À Fapes, Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo, pelos auxílios concedidos.

À EMW, Evangelische Mission Weltweit [Associação de Igrejas e Missões Protestantes na Alemanha], pelo apoio fundamental na formação de recursos humanos na América Latina.

À Faculdade Unida de Vitória, por todo o apoio e qualidade excepcional do ensino e das relações; ao Prof. Dr. Wanderley Pereira da Rosa, diretor-geral da Unida, por seu apoio e generosidade; aos colegas de turma: foi uma honra caminhar com vocês.

À minha esposa, Mari Brizotti e nosso filho, Eduardo Brizotti. Vocês são magníficos. A paciência, o amor e o cuidado para comigo ao longo do processo de pesquisa, apenas atestam o privilégio que tenho em ser amado por vocês. Meu coração aplaude e celebra a vida ao seu lado.

À minha mãe, Maria Brizotti, seu esforço para que eu estudasse, mesmo sob condições tão precárias, é diretamente responsável pela vitória que hoje se concretiza. Obrigado, mãe.

Aos meus irmãos, Lucas Brizotti e Núbia Ganev, pelos livros que me presentearam, elementos fundamentais nesta pesquisa. Vocês são incríveis.

Aos amigos que de alguma forma me ajudaram no processo. Em especial, meu supervisor na psicanálise, Nilson Dias, pelos muitos livros e ajuda que sempre me prestou, e o pastor Usiel Carneiro, com sua esposa Ângela, por me ceder sua casa, numa magnífica hospitalidade, na minha primeira vez em Vitória, nas tratativas do mestrado.

Ao meu editor, Renato Juneo, da Editora Estação da Fé, pela paciência em alongar os prazos dos meus escritos a fim de que eu pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa. Valeu, chefe.

Aos diletos membros da banca examinadora.

A Deus, pela Palavra!

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

“Santidade da loucura, Deus. Ceamos com a palavra”.

Carlos Nejar.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um recorte da vida e obra de Carlos Nejar, poeta da Academia Brasileira de Letras, em seu período de atuação no estado do Espírito Santo. Sua vasta obra possui traços essenciais do sagrado, sobretudo, dentro do espectro religioso-pentecostal, gerando imagens e símbolos que dialogam profundamente com o imaginário religioso. Para a realização da pesquisa, buscamos analisar sete obras nejarianas produzidas ou reeditadas no período de atuação do poeta no estado do Espírito Santo, período compreendido entre os anos de 1987-2009. A partir da pesquisa bibliográfica e entrevistas com Nejar, sob os auspícios da Análise do Discurso, em especial o aporte de Bakhtin, fizemos uma análise em três capítulos, investigando alguns aspectos biográficos de Nejar através do trânsito nejariano, que vai desde o Pampa, a nascente do poeta, passando pelo Espírito Santo e chegando ao Rio de Janeiro. Esta análise do discurso nejariano enfatizou o imaginário religioso-pentecostal e a presença do sagrado nas sete obras destacadas, bem como alguns apontamentos sobre a Bíblia na obra de Nejar, o lugar do feminino e um pequeno glossário nejariano das ideias e expressões do universo do autor, para servir como facilitador da leitura e compreensão do poeta para professores/as e pesquisadores/as de sua obra. Colocamos em relevo a presença do sagrado pentecostal na linguagem nejariana em seu período de atuação no estado do Espírito Santo. Foi possível perceber que essa atuação no estado capixaba aprofundou sua linguagem e simbólica pentecostais, gerando textos que contribuem muito para a pesquisa da religião como texto da cultura, sobretudo o imaginário religioso-pentecostal em seus símbolos e linguagens.

Palavras-chave: Carlos Nejar. Análise do Discurso. Sagrado. Religião e literatura. Glossário nejariano.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

ABSTRACT

The present work seeks to present a clipping of the life and work of Carlos Nejar, poet of the Brazilian Academy of letters, in his period of operation in the state of Espírito Santo. His vast work has essential traces of the sacred, especially whitin the religious-pentecostal spectrum, generating images and symbols that dialogue deeply with the religious imaginary. To carry out the reserch, we sought to analyse seven works by Nejar produced or reissued in the period of Nejar's performance in the state of Espírito Santo, a period between the years 1987-2009. From the bibliographic research and interviews with Nejar, under the auspices of Discourse Analysis, especially the contribution of Bakhtin, we seek to make an analysis in three chapters, investigating some biographical aspects of Nejar through the Nejar transit, whitch goes from the Pampa, the source of the poet, passing throught Espírito Santo and arriving in Rio de Janeiro. We seek to make an analysis of the Nejarian discourse, emphasizing the religious-pentecostal imaginary and the presence of the sacred in the seven outstanding works, as well as some notes on the Bible in the works of Nejar, the place of the feminine and a small Nejarian glossary of the ideas and expressions of the Nejar universe, to serve. The present work sought to show the presence of the sacred pentecostal in the Nejarian language in its period of operation in the state of Espírito Santo. It was possible to see that the Nejarian performance in Espírito Santo deepned its Pentecostal language and symbolic, generating texts that contribute a lot to the reserch of religion as a text of culure, especially the religious-pentecostal imaginary in the symbols and languages.

Keywords: Carlos Nejar. Discourse Analysis. Sacred. Religion and Literature. Nejarian glossary.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
1 O POETA DO PAMPA NO PAIOL DA AURORA.....14
1.1 Dados biográficos.....17
1.2 Reconhecimento e importância internacional.....24
1.3 A teopoética nejariana.....33
2 O DISCURSO NEJARIANO E A PRESENÇA DO SAGRADO.....42
2.1 Catalogação: *corpus* documental (1990-2009).....43
2.2 Entre a Nuvem e o redemoinho: leituras nejarianas.....54
2.3 Poesia e a santidade da loucura: provocações nejarianas.....63
3 SOB O VENTO DO SANTO ESPÍRITO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.....71
3.1 A Bíblia na leitura de Nejar.....74
3.2 A presença do feminino.....82
3.3 Nejariar: pequeno glossário das palavras e das ideias de Carlos Nejar.....90
CONCLUSÃO.....100
REFERÊNCIAS 103
ANEXO: ENTREVISTA COM CARLOS NEJAR.....106

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

INTRODUÇÃO

Uma das dádivas do envolvimento com as pesquisas nas áreas de literatura, linguagens e religião é a redescoberta contínua das grandes obras e seus literatos. O mundo contemporâneo e sua excessiva virtualidade, corre o sério risco de desperdiçar a grandeza e a profundidade desses textos e suas ressonâncias. Na velocidade hodierna, textos cuja linguagem, símbolos e imaginários exigem um pouco mais de aprofundamento, tendem a serem vistos como ecos de outros tempos, enfadonhos ou sequestrados pela rigidez tecnicista. Apesar dessa estranha crise, quando acessamos as fontes literárias e sua profundidade, somos agraciados com a experiência renovadora do conhecimento, e isso nos aprimora.

No desejo de não desperdiçar os mestres da nossa literatura, sobretudo quando dialogam com a religião, nosso objetivo neste trabalho é apresentar um recorte da obra de Carlos Nejar, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL)[1], quando morou e atuou no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre os anos de 1987-2009. Foi um período intenso e transformador para o próprio Nejar, de modo que estudar algumas de suas muitas obras nesse período pode contribuir para a investigação interdisciplinar entre linguagens e ciências das religiões. Buscaremos tratar a narratividade pentecostal nejariana, sua aproximação e até mesmo apropriação do sagrado através dos símbolos, imagens e linguagens da religião como texto da cultura.

A escolha desse tempo e local (1987-2009; Espírito Santo) deu-se no marco de um projeto da Fapes: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo[2], sobre "Os pentecostais no estado do Espírito Santo: história, cultura e política", sob coordenação do Dr. David Mesquiati de Oliveira. Nosso foco está na influência do Pentecostalismo na cultura capixaba, razão pela qual, estudamos as obras de Carlos Nejar em seu período de atuação no estado, por se tratar de um expoente da cultura nacional, inclusive pertencente à Academia Brasileira de Letras e Academia Capixaba de Letras, além de ser um pastor e pregador pentecostal, com atuação destacada em uma das igrejas pentecostais mais importantes do estado, a Igreja Cristã Maranata.

Refletindo sobre Nejar nesse período, partiremos da seguinte pergunta: quais são as imagens, símbolos e linguagens que podemos perceber no imaginário religioso-pentecostal de

[1] Carlos Nejar ocupa a cadeira número 4 da ABL, sucedendo o também gaúcho Vianna Moog. Nejar foi eleito em 24 de novembro de 1988. Sua posse se deu no dia 9 de maio de 1989, com discurso de Eduardo Portella. Em 2017, a ABL indicou Nejar à *Svenka Akademien* (Academia Sueca) ao Prêmio Nobel de Literatura.

[2] Projeto Número T.O. 448/2021; Processo 2021-KG806.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Carlos Nejar em seu período de atuação no estado do Espírito Santo? Buscaremos compreender o imaginário religioso-pentecostal do poeta, como pastor e pregador pentecostal atuante numa das maiores igrejas pentecostais do Brasil, a Igreja Cristã Maranata[3], no Espírito Santo. Partiremos da hipótese de que o imaginário nejariano, e a força de sua poética e romance, ganharam ainda mais profundidade e amplitude a partir das experiências e vivências de Nejar no Espírito Santo. Sua vida pessoal, o amor e a intensidade de sua práxis religiosa, foram elementos importantes na construção das obras do *corpus* da nossa pesquisa.

A metodologia utilizada nesta pesquisa se deu sob ampla bibliografia, entrevistas, artigos e inserção em jornais e sites oficiais, como o site da ABL. Fizemos, ainda, um mergulho nas obras nejarianas que compõem o *corpus* do nosso recorte: sete livros essenciais do período pesquisado. O objeto é, em primeiro plano, o romancista e poeta Carlos Nejar em seu período de atuação no estado do Espírito Santo. Os critérios que usamos para chegar aos sete livros nejarianos indicados, foi o alcance, aclamação e ressonância que as obras atingiram após sua publicação, sobretudo a partir dos testemunhos de grandes literatos e críticos literários, brasileiros e estrangeiros, sobre essas obras. Destacaremos algumas especificidades que contribuíram para que essas obras entrassem no cânon nejariano e corroborassem o alcance e a importância de Nejar. As sete obras pesquisadas são: *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas*[4]*; Aquém da infância*[5]*; Os viventes*[6]*; A engenhosa Letícia do Pontal*[7]*; Riopampa: o moinho das tribulações*[8]*; Carta aos loucos*[9]; e *A idade da aurora*[10].

Refletir sobre a poética e o romance nejariano não é tarefa das mais fáceis, visto que Nejar desenvolve uma linguagem peculiar e está sempre dialogando com o próprio universo de sua criação e inventividade. Podemos perceber essa dialogicidade e polifonia nas imagens, símbolos e linguagens que o imaginário religioso-pentecostal nejariano evoca, imagens que se comportam como aparatos simbólicos, tais como a Nuvem, o Vento, os sonhos, a Palavra, Deus, o assombro e a condição humana, a criação. Nejar utiliza-se de diversos significantes da linguagem religiosa: metáforas como vaso e oleiro, personagens bíblicos como Moisés, os profetas, o apóstolo Paulo, dentre outros, além de várias figuras de linguagem perpassadas por

[3] De acordo com o censo brasileiro de 2010, a Igreja Cristã Maranata estava entre as dez maiores igrejas pentecostais do Brasil. IBGE. *Censo Demográfico 2010.* Rio de Janeiro: IBGE, 2012, p. 143. [*online*].
[4] NEJAR, Carlos. Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas. *In*: NEJAR, Carlos. *A idade da aurora*: poesia II. São Paulo: Ateliê; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.
[5] NEJAR, Carlos. Aquém da infância. *In:* NEJAR, 2002.
[6] NEJAR, Carlos. *Os viventes.* Rio de Janeiro: Record, 1999.
[7] NEJAR, Carlos. *A engenhosa Letícia do Pontal.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
[8] NEJAR, Carlos. *Riopampa:* o moinho das tribulações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
[9] NEJAR, Carlos. *Carta aos loucos.* Rio de Janeiro: Record, 1998.
[10] NEJAR, Carlos. A idade da aurora. *In*: NEJAR, 2002.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

suas vivências religiosas-pentecostais. Todo esse tratamento criativo está em diálogo intertextual e interdiscursivo com sua imaginação poética. O sagrado, expresso em linguagem religiosa teopoética, é parte fundamental da obra nejariana.

Nosso referencial teórico é a Análise do Discurso sob as contribuições de Mikhail Bakhtin.[11] Buscaremos mostrar na obra nejariana a presença da intertextualidade, interdiscursividade, dialogicidade, polissemia, além de reflexos da paródia e carnavalização, ideias que Bakhtin trabalhou e deixou como aportes de grande auxílio na compreensão da constituição dos enunciados.[12] A Análise do Discurso é uma ferramenta muito importante no estudo da religião, de suas linguagens e de sua produção de sentido como texto da cultura. As contribuições bakhtinianas sobre a tecitura dos textos, o mundo dialógico e memórias do dizer são pontos importantes que a nossa pesquisa buscará explorar.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos que buscam apresentar Nejar e sua produção literária no recorte dos sete livros publicados (ou reeditados, como é o caso da edição de *Os viventes*, de 1999), bem como relacionar sua pentecostalidade[13] e suas experiências de vida no estado do Espírito Santo. No primeiro capítulo, faremos uma biografia de Carlos Nejar enfatizando o trânsito nejariano: seu caminho entre o Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e o Espírito Santo. Faremos, ainda, uma apresentação dos seus principais prêmios e participação em eventos e academias no Brasil e exterior, pontuando sua importância e reconhecimento nacional e internacional, a partir dos testemunhos dos grandes luminares da cultura sobre a obra nejariana, bem como suas obras mais importantes e traduções. Na última subseção do capítulo, mostraremos um olhar panorâmico sobre a teopoética pentecostal de Nejar, apontando alguns vislumbres sobre o imaginário religioso-pentecostal nejariano.

No segundo capítulo, abordaremos o discurso nejariano, a partir das contribuições de Bakhtin. Faremos uma catalogação sucinta do *corpus* nejariano no período estudado, mostrando na primeira subseção, algumas características de três obras do *corpus*: *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas; Aquém da infância;* e *Os viventes*, bem como uma breve apresentação dos

[11] BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011; BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017; BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso.* São Paulo: Editora 34, 2016.

[12] BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2021.

[13] Entendemos pentecostalidade na perspectiva de Bernardo Campos, uma mística "onde o extraordinário se expressa no ordinário e onde o divino se epifaniza no humano […]. A pentecostalidade não é somente uma *notae* da igreja, senão uma realidade sobrenatural do Espírito de Deus que empurra a criação inteira para a reunião com ele". CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade:* hermenêutica, história e teologia. São Paulo: Recriar, 2018, p. 144-145. Nejar, ao preencher seu discurso com imagens da criação, por exemplo, (fogo, vento, pássaros, árvores, água), o faz a partir desse olhar da pentecostalidade, uma vez que sua vivência pentecostal parece exercer influência direta sobre a sua obra. Nejar nos apresenta uma forma de pentecostalidade. Em entrevista concedida a nós, em anexo, falando sobre algumas de suas obras, Nejar afirmou: "*Carta aos loucos* é uma obra do Espírito".

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

símbolos, imagens e linguagens de Nejar, destacando o imaginário religioso-pentecostal. Neste capítulo, faremos também uma análise mais aprofundada de dois livros que compõem o *corpus* nejariano: *A engenhosa Letícia do Pontal* e *Riopampa: o moinho das tribulações.* São duas obras cujos símbolos, imagens e linguagens que pesquisamos aparecem abundantemente e com especial presença da pentecostalidade em Nejar. Na terceira subseção, pretendemos fazer uma análise da dimensão provocativa de Nejar, à guisa de amostra do universo nejariano em seus símbolos, imagens e linguagens, da poesia de *A idade da aurora* e do romance mais reconhecido de Nejar: *Carta aos loucos.*

No terceiro capítulo, abordaremos a Bíblia na arte de Nejar, como texto da cultura[14], sobretudo por seu caráter de texto fundamental na linguagem nejariana. Mostraremos também a presença do feminino no *corpus* pesquisado, sua importância e destaque tanto na figura da mulher amada, Elza, como na simbólica feminina, como a Nuvem[15], personagem especial do *corpus* nejariano. Na terceira subseção, como instrumento profissional, apresentaremos um pequeno glossário nejariano das palavras e das ideias, cujo objetivo central é servir como aporte ou chave hermenêutica aos professores de ensino religioso, literatura e filosofia que queiram apresentar a obra de Nejar aos estudantes, ou somente, pesquisar e aprofundar seu conhecimento sobre essa figura importante no cenário cultural brasileiro. O pequeno glossário será composto por 40 palavras/ideias que servem como guia de leitura dentro do escopo de importância na linguagem nejariana.

Nossa expectativa e esforço é para que possamos obter uma compreensão maior sobre a importância, o alcance e o lugar que Nejar ocupa na cultura brasileira, destacando o fato de que, apesar de ser evangélico pentecostal-carismático, Nejar não faz uso apologético-dogmático de sua arte, somente conjuga erudição e pentecostalidade como elementos da imaginação criativa, gerando obras que dialogam profundamente com as ciências das linguagens religiosas, cativando a atenção de literatos cujas experiências são diametralmente opostas a de Nejar, como é o caso de José Saramago. Conhecer a vida, obra e as experiências do trânsito nejariano será importante para seguir despertando em nós o desejo de redescobrir as preciosidades que o nosso país ainda produz.

[14] FRYE, Northrop. *O grande código:* a Bíblia e a literatura. Campinas: Sétimo Selo, 2021.
[15] NEJAR, 2003.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

1 O POETA DO PAMPA NO PAIOL DA AURORA

Religião e literatura, principalmente a intersecção entre poéticas e imaginários religiosos, é um campo fértil para a investigação científica, sobretudo quando o literato investigado tem a obra consolidada e aclamada. Apesar de ser reconhecido internacionalmente, inclusive com indicações ao Prêmio Nobel de Literatura, e ter sido amplamente celebrado nas décadas de 1970-2000, Carlos Nejar, na cena contemporânea, pode curiosamente ser considerado pouco conhecido, sobretudo no ambiente religioso. Neste capítulo, abordaremos o poeta e romancista a partir de uma modesta cobertura de sua biografia, enfocando seu trânsito criativo pelos caminhos do Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro, bem como alguns apontamentos sobre seu alcance e importância, tanto nacional como internacionalmente.

O presente capítulo é dividido em três subseções: dados biográficos, importância e reconhecimento internacional, além de uma visão panorâmica sobre a teopoética nejariana no escopo das linguagens da religião e sua intersecção com a poesia e o sagrado, sobretudo a partir de uma visão teológica não-dogmática ou institucionalizada. Nosso objetivo é mostrar um pouco da presença e alcance de Carlos Nejar, sua origem, trânsito e consolidação poética. A partir de jornais, revistas, entrevistas, sites institucionais e livros, buscaremos montar um panorama da vida de Nejar desde o Pampa, Rio Grande do Sul, até o *Paiol da Aurora*, Guarapari, Espírito Santo. Nosso objetivo é retratar os caminhos nejarianos até o estado do Espírito Santo, nosso recorte temporal da vida e de algumas obras nejarianas.

O período de atuação de Nejar no Espírito Santo, tempo que desejamos estudar, está compreendido entre o final da década de 1980 (entre 1987 e 1988) e os últimos anos da década de 2000.[16] Vamos observar na primeira subseção, dados biográficos, inclusive, a intensa relação de Nejar com uma das igrejas mais importantes no cenário pentecostal capixaba, a Igreja Cristã Maranata. Nas outras subseções, faremos um apanhado mais amplo da importância nacional e internacional de Nejar a partir de alguns testemunhos e do alcance de sua obra, sobretudo por seus prêmios mais importantes, antologias e obras a seu respeito, bem como algumas manifestações de grandes literatos que endossaram e admiraram a obra nejariana. Na terceira subseção, lançaremos alguns olhares sobre a teopoética nejariana, enfocando seu imaginário religioso-pentecostal, suas imagens, símbolos e linguagens, sob o aporte teórico da Análise do Discurso.

[16] Como não há uma data específica registrada, fizemos essa estimativa com base nas datas de alguns livros e nas memórias do poeta em entrevistas concedidas a nós e a outros periódicos.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Carlos Nejar, embora tenha sido classificado entre os poetas da Geração de 60[17], extrapola os limites dessa classificação e consegue assumir um lugar como um dos trinta e sete escritores-chave do século, entre trezentos autores memoráveis, no período entre 1890-1990, segundo o aclamado ensaio, publicado em livro, do crítico suíço Gustav Siebenmann[18]. Sua habilidade se revela especialmente na linguagem, na intrincada construção de simbolismos e na intensidade com que usa da intertextualidade, interdiscursividade e dialogicidade com o universo da Bíblia e da cultura. Nejar é vasto, profundo e altamente produtivo, o que é claramente atestado pelos seus mais de 60 anos de poesia.

Nelly Novaes Coelho, incluiu sob a nomenclatura de "Geração 60" diversos poetas e manifestações da poesia experimental, em suas palavras:

> Incluímos sob o rótulo de "geração 60", as várias manifestações da poesia experimental (= grupo paulista da POESIA-CONCRETA; grupo mineiro de TENDÊNCIA e o movimento PRÁXIS) e certas vozes significativas que se firmaram independentemente de pertencerem ou não a determinados grupos: Mário Faustino (já falecido); Afonso Ávila; Ferreira Gullar; Ida Laura; Hilda Hilst; Renata Pallotini; Stella Carr; Mário Chamie; Walmir Ayala; Marly de Oliveira; Lupe Cotrim Garaude (já falecida); Lindolf Bell; Affonso Romano Sant'Anna; César Leal; Álvaro Pacheco.[19]

Quanto à geração de 60 não são todas as manifestações sempre elogiosas, há aqueles que preferem manter-se numa atitude mais cautelosa, como é o caso de Carlos Felipe Moisés, crítico literário, especializado em poesia moderna e contemporânea. Em seu livro de 2012, *Balaio: alguns poetas da Geração 60 & arredores*, Moisés trata com muito cuidado sobre os poetas incluídos, além de sinalizar para alguns nomes ignorados, bem como deixa transparecer certo desgosto com a nomenclatura do movimento:

> Rótulos em geral me aborrecem sobremaneira, especialmente este, "Geração 60", mero índice cronológico. Mas (que fazer?), passados cinquenta anos, não dispomos de outro, ninguém chegou a atinar com o rótulo capaz de abrigar a massa heterogênea dos poetas surgidos desse momento em diante. Uma geração poderosa, que tenha efetivamente mostrado a que veio, ganhará fatalmente o seu rótulo, garantia de sua inscrição na História – não pelo rótulo em si, mas pelo efetivo poder estético-literário aí representado. Já a mera existência do rótulo (qualquer esforço marqueteiro é capaz disso) não garante coisa alguma, salvo a satisfação pueril dos profissionais da vaidade.[20]

[17] COELHO, Nelly Novaes. *Carlos Nejar e a "geração de 60".* São Paulo: Saraiva, 1971, [n.p.].
[18] MODERNO, João Ricardo (org.). Dados bibliográficos do homenageado: Carlos Nejar. *In*: *Carlos Nejar:* poeta da condição humana. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, p. 203.
[19] COELHO, 1971, p. 170. A autora não cita o nome de Carlos Nejar nessa lista, contudo, acreditamos ser pelo fato de o livro ser sobre Carlos Nejar, logo, estaria implícito seu lugar dentre a "geração de 60". Grifos da autora.
[20] MOISÉS, Carlos Felipe. *Balaio:* alguns poetas da Geração 60 & arredores. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2012, p. 15-16.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

As décadas de 1950-1980 foram extremamente produtivas e efervescentes no cenário cultural brasileiro. Grandes nomes surgiram em centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Belém do Pará.[21] Nomes como Affonso Romano de Sant'Anna, Armando Freitas Filho, João de Jesus Paes Loureiro, Eunice Arruda, Bruno Tolentino, dentre outros. Carlos Nejar torna-se um caso ainda mais interessante se observarmos seu trânsito criativo que se molda nos caminhos de, pelo menos, dois desses grandes centros: Porto Alegre e Rio de Janeiro, inserindo um terceiro ambiente que se tornará *lócus* de afetividade e criação artística: o Espírito Santo, nascedouro de algumas das suas obras mais celebradas, como veremos adiante.

O trânsito criativo nejariano passa basicamente por três caminhos, sem, contudo, esgotar-se a eles: Rio Grande do Sul: a nascente do poeta, o Pampa, seu lugar de constante lembrança e afeto; Espírito Santo: o amor, Elza; o *Paiol da Aurora*, o lugar da felicidade e do prazer de amar; e Rio de Janeiro: a Casa do Vento, o lugar do reconhecimento e da imortalidade das letras.[22] O trânsito nejariano também é perpassado pela pertença a determinados grupos religiosos: como a Igreja Cristã Maranata, no Espírito Santo. Conhecer esses caminhos do poeta, o que faremos adiante, no percurso criativo nejariano, é importante porque seu imaginário religioso-pentecostal será construído e ampliado a partir das vivências com esses lugares de acolhimento, afetos, memórias e experiências.

Investigaremos o imaginário religioso-pentecostal de Carlos Nejar buscando compreendê-lo dentro do campo religioso do cristianismo evangélico-pentecostal. Nejar é pastor, pregador e permeia seu poetizar a partir de imagens, símbolos e linguagens que moldam e ampliam sua narratividade, seu discurso poético-sagrado. Conhecer um pouco mais da vida e dos caminhos do poeta e romancista pode nos ajudar na difícil tarefa de perscrutar sua inventividade e o trato peculiar com a palavra. Segundo Antônio Houaiss, enciclopedista e dicionarista: "a criação tão intensa, tão passional, em Nejar, busca atingir os ápices da solidariedade humana, o que não é dado em todos os tempos, senão a poucos – a esses em cuja normalidade há um *'quantum'* de loucura e outro tanto de santidade"[23].

[21] MOISÉS, 2012, p. 22.
[22] MODERNO, 2009, p. 203.
[23] HOUAISS, Antônio. Endosso quarta capa. *In:* MODERNO, João Ricardo (org.). *Carlos Nejar:* poeta da condição humana. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, [n.p.]. Grifo do autor.

1.1 Dados biográficos

No crepúsculo da década de 1930, no Pampa, nasceu em Porto Alegre, Luís Carlos Verzoni Nejar, no dia 11 de janeiro de 1939, às sete horas da manhã. Filho da mistura árabe e italiana de seus pais, Sady Nejar e Mafalda Verzoni Nejar, fez sua primeira comunhão aos sete anos de idade e concluiu o curso ginasial no Colégio Nossa Senhora do Rosário, dos Irmãos Maristas, em 1953. Em 1956 terminou o Curso Clássico no mesmo colégio. Em 1957 prestou os vestibulares da Faculdade de Letras e de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Frequentou ambas as faculdades, mas desistiu da primeira antes dos exames finais.[24] Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais aos 23 anos de idade, na PUC-RS.

Em 1960, juntamente com Ítalo Marcon, Elvo Clemente e vários colaboradores, dirigiu a página literária semanal do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, denominada *A Nossa Geração*. Em julho do mesmo ano, publicou seu primeiro livro de poesias, *Sélesis*. Numa década de vasta produção, ainda publicou *Livro de Silbion* (1963), *Livro do tempo* (1965), *O campeador e o vento* (1966) e *Danações* (1969). Nejar seguiu gerando e cruzando as fronteiras dos gêneros: contos, ficção, romance, novelas, literatura infantil, além da poesia. Recentemente, seu filho, o também poeta Fabrício Carpinejar, por ocasião da Feira do Livro de Porto Alegre, escreveu:

> Terei a maior emoção da minha biografia ao passar o bastão de patrono da Feira do Livro de Porto Alegre e a chave da Praça da Alfândega para o meu pai, o poeta Carlos Nejar, único gaúcho na Academia Brasileira de Letras, com 62 anos de literatura e mais de 80 livros publicados em todos os gêneros. Todos os gêneros mesmo (novela, romance, poesia, ensaio, história, conto, dramaturgia!) – ele pode ser chamado de escritor completo.[25]

A obra nejariana é ampla, abarcando a multiplicidade dos gêneros e dialogando profundamente com a cultura em diversos níveis: mitologia grega, cultura judaica, literatura árabe, cultura religiosa e mística, literatura infantojuvenil. Sua capacidade de transitar entre os gêneros e produzir imagens, símbolos e uma linguagem plural, sobre a qual trataremos mais adiante, pode ser fruto também de seu talento para ampliar os contextos. A fórmula tradição + ruptura, que Nelly Novaes Coelho, professora, pesquisadora e crítica literária, evoca em Nejar, aprofundada em seu livro de 1971, *Carlos Nejar e a "Geração de 60"*[26], também foi estudada

[24] MORGANTI, Vera Regina. *Autores gaúchos*. Instituto Estadual do Livro-IEL. Porto Alegre: IEL, 1985, p. 10. Essa revista é particularmente importante, pois localiza-se no *lócus* temporal entre a saída de Nejar do Pampa e sua ida ao Paiol da Aurora, entre 1985 (revista) e 1987 provável ano da primeira ida de Nejar ao Espírito Santo.
[25] CARPINEJAR, Fabrício. *GHZ.* Choro de felicidade. [*online*], [n.p.].
[26] COELHO, 1971, p. 2.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

e trabalhada por Cínthia Machado, em sua dissertação de mestrado em Letras, pela Universidade Federal de Viçosa-MG, sobre o conjunto de poemas *A Arca da Aliança*, parte da obra *Os Viventes* (edição de 2011), de Carlos Nejar.

Em sua dissertação, Machado diz:

> […] sua poesia apresenta desde as primeiras manifestações, o que Nelly Novaes Coelho veio a chamar de corrente épica: manifestações que, subterrâneas ou abertas, vieram a caracterizar a linha de força presente na obra de Nejar. Avultando-se e apresentando-se como um dos mais atuantes deste impulso, a poesia do "poeta dos pampas" adentra por uma fusão especial: tradição + ruptura. […] Esta ímpar fusão, que incorpora o novo à tradição, confere à poesia de Carlos Nejar o tom maior e mais complexo do seu processo criador.[27]

Nejar, entre o final dos anos 1960 e ao longo da década de 1970, foi Promotor de Justiça e Assessor do Procurador Geral de Justiça, no Rio Grande do Sul, além de seguir publicando várias obras. Em 1979, foi promovido a Procurador de Justiça e gravou seus poemas para a Biblioteca do Congresso, Washington-USA. Nesse período, sua linguagem carrega muito do mundo jurídico, numa gramaticalidade pesada, densa. Em entrevista de 1985, Nejar afirma: "Palavra para mim é julgamento. A palavra pesa. Não vejo o poema diferente. Às vezes como um código quanto à sua concisão. Cada palavra do código é importante. Uma vírgula cria direitos, extingue obrigações"[28]. A voz de um paladino da justiça ecoa na intencionalidade do dizer. O discurso é jurídico, pesado.

Casou-se em dezembro de 1964, em primeiras núpcias, com a Dra. Maria Elisa Carpi Nejar e residiram na comarca de Taquari-RS. O casal teve quatro filhos, dentre eles o já citado poeta Fabrício Carpinejar[29], além de Rodrigo, Carla e Miguel. No ano de 1970, recebeu o Prêmio Jorge de Lima, do Instituto Nacional do Livro, por sua obra *Arrolamento.* Em 1975, a convite do Ministério das Relações Exteriores de Portugal, fez aperfeiçoamento jurídico em Lisboa, como bolsista. Defendeu a tese: "Da imputabilidade no Direito Penal português e brasileiro". A justiça, mesmo após a aposentadoria na área jurídica, será um dos grandes temas trabalhados na literatura nejariana. Nejar teve ampla e destacada atuação na educação e no direito em seu estado natal, Rio Grande do Sul. Integrou o Conselho Superior e o Colégio de

[27] MACHADO, Cínthia Marítz Ferraz dos Santos. *A palavra iluminada:* "A Arca da Aliança" - paródia na poesia religiosa de Carlos Nejar. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa, 2013, p. 42.
[28] NEJAR, Carlos. *Inspiração e técnica*. Entrevista concedida a *Autores gaúchos*-IEL 8. Porto Alegre, 1985, p. 7.
[29] Poeta, cronista e jornalista, Fabrício Carpinejar tem mais de 40 livros publicados. Recebeu diversos prêmios, dentre eles: Prêmio Nacional Fernando Pessoa, da União Brasileira de Escritores, por seu livro de estreia, em 1998, *As Solas do Sol.* Em 2006, recebeu o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), por seu livro infantojuvenil, *Filhote de Cruz Credo.* Recebeu, ainda, em 2008, o Prêmio Jabuti, por seu livro de crônicas, *Canalha.* BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. *Um Escritor na Biblioteca.* [n.p.], [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Procuradores do Ministério Público do Estado, sendo eleito, em 1986, um dos sete procuradores que compõem o referido Conselho, órgão diretivo máximo da Instituição.[30]

No ano de 1979, Nejar divorcia-se de Maria Carpi, evento que imprime uma marca pessoal muito forte no poeta, inclusive em sua relação com a Igreja Cristã Maranata, sobre a qual falaremos logo adiante. Seguindo o percurso do trânsito nejariano, chegamos ao Espírito Santo. O poeta do Pampa se estabelece em seu *Paiol da Aurora*. No final do seu romance *A engenhosa Letícia do Pontal*, Nejar escreveu: "[…] Procurador de Justiça aposentado, radicado em seu 'Paiol da Aurora', o autor prossegue sendo procurador de almas e poemas, até onde for Deus servido"[31]. Aqui conseguimos vislumbrar duas de suas marcas distintivas: "procurador de almas" e a busca por servir a Deus através dos seus poemas. O discurso do sagrado aparece.

No ano de 1987, Nejar chega no estado do Espírito Santo e, em 1988, casa-se com Elza Griffo Almeida Nejar. O grande amor da vida do poeta é Elza, a quem ele dedica muitos dos seus livros, incluindo aquele que leva o nome dela: *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas* (1993). Numa entrevista concedida a nós, Nejar disse que seu casamento com Elza teve conotação profética, em suas palavras: "ela sonhou comigo sem me conhecer; e eu também sonhei com ela"[32]. A linguagem poético-pentecostal de Nejar sempre aflorou pela via do amor e das experiências com Deus. A essência de sua poética é perpassada por essa relação com o "Deus Vivo"[33].

No estado do Espírito Santo, lugar de especial interesse da nossa pesquisa, Nejar teve intensa relação com a Igreja Cristã Maranata (ICM), uma das maiores igrejas pentecostais do Brasil, com mais de 50 anos de história. Oriunda da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), a ICM tornou-se pentecostal, como declara em seu credo: "cremos, ainda, nas doutrinas pentecostais do batismo com o Espírito Santo, dos dons espirituais e da direção do Senhor Jesus sobre Sua Igreja"[34]. Curioso é que, em sua revista oficial, há uma nota sobre a igreja não ser pentecostal nem neopentecostal, embora o texto siga na ênfase dos elementos pentecostais: "somos uma igreja que crê na Palavra de Deus como única regra de fé e prática, que inclui: batismo com o Espírito Santo e dons Espirituais"[35].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[30] Jornal da poesia. Carlos Nejar: biografia. [*online*], [n.p.].
[31] NEJAR, Carlos. Dados (in)prováveis do autor. *In*: *A engenhosa Letícia do Pontal.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 307.
[32] NEJAR, Carlos. Entrevista concedida a Alan Brizotti. São Paulo, 28 jun. 2022, por telefone. Anexo.
[33] SOUZA, Diego Mendes de. *Entrevista com o escritor Carlos Nejar*. Entrevista. *Domingo com poesia.* [*online*], [n.p.].
[34] ICM. Maranata 45 anos. *Revista Vem*, edição especial, Vila Velha, mar. 2013, p. 5.
[35] ICM, 2013, [n.p.] O Batismo no Espírito Santo se constitui uma crença tipicamente pentecostal se vier compreendida como evento dissociado do ato da conversão, ou experiência pós-conversão distinta da regeneração. Ver: SIQUEIRA, Gutierres. *Pneumatologia:* uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 72-74. Na nota da ICM não fica clara essa perspectiva.

A ICM exerceu forte impacto na vida de Nejar. Anos antes de mudar-se para o Espírito Santo, ainda no Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, Nejar teve um encontro muito significativo com a ICM. Na edição comemorativa dos 45 anos da igreja, na *Revista Vem*, periódico oficial da instituição, Nejar dá seu testemunho:

> Passara dos quarenta e três anos, quando fui convidado para um culto na Igreja Cristã Maranata, no Rio de Janeiro. Algo me aconteceu que não conseguia explicar no limite da razão e chorei. Sob o peso da luz do Altíssimo. Encantei-me com o louvor, a Palavra que me atingiu como flecha, a sabedoria da cerimônia e a formosura dos hinos e dos dons. E era um homem acostumado à dureza da lei, judicioso e frio (separava a sensibilidade do poeta da busca da verdade do jurista). Frequentei aquela igreja e a mão do Oleiro trabalhava o barro e o barro guardava o sonho de Deus.[36]

Nas palavras do poeta podemos perceber a presença constante de elementos simbólicos da sua linguagem atravessada por diversos significantes do imaginário poético-pentecostal, bem como o uso de algumas imagens que caracterizam sua aproximação ao sagrado: a simbólica sobre o Oleiro e o barro, profundamente enraizada no imaginário religioso, são exemplos dessa construção imagética que dialoga e evoca os textos bíblicos, nesse caso específico, com Jr 18. Nejar, na referida revista, conta sobre a pregação que ouviu do pastor Gedelti Gueiros, presidente da ICM, e o quanto sentiu-se impactado por ela. O poeta dedicou um dos seus livros mais famosos, *A engenhosa Letícia do Pontal*, ao pastor, dizendo: "[…] ao Pr. Gedelti Gueiros, de quem ouvi sobre Moisés e sobre o que mudou minha vida, a gratidão, enquanto durar a Letícia do Pontal"[37].

Em sua conclusão do texto na *Revista Vem*, Nejar mostra-nos a importância da ICM em sua vida, bem como alguns traços doutrinários que o impactaram:

> Encontrei isso tudo através da Igreja Cristã Maranata, que tem doutrina modelar e o que inexiste em outra denominação, um Ministério não pago, onde se manifestam sinais, curas, libertações, poder de Deus, mudança de vida, Revelação da Palavra. Sendo o mais importante desígnio a evangelização e a salvação de almas, embora a prosperidade também nos acompanhe. Pois 'nada vale ao homem conquistar o mundo inteiro e perder sua eternidade'. Deus é permanente, nós passamos.[38]

Nejar destacou alguns dos principais pontos da ICM: seu pentecostalismo e conservadorismo. Adiclecio Dias, no prefácio da obra que organiza, *Igreja Cristã Maranata: história, dogmas e contribuições sociais* (2021), destaca logo de início esse conservadorismo: "A Igreja Cristã Maranata, depois de sua gênese, em 1968, adotou um estilo

[36] NEJAR, Carlos. De caminhar se faz o caminho. *Revista Vem*. Vila Velha, mar. 2013, p. 55.
[37] NEJAR, 2003, dedicatória, [s.p.].
[38] NEJAR, 2013, p. 55.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

conservador/discreto […]"[39]. Esse estilo é visto nas vestimentas, na estética dos cultos e dos templos, marcando também a dinâmica pastoral, incluindo o não pagamento de salário aos pastores, bem como a proibição de mulheres para cargos pastorais[40].

Segundo o censo brasileiro de 2010, a ICM estava na décima posição no ranking das maiores denominações pentecostais do Brasil. Na época, a igreja tinha, segundo o censo, 356.021 membros[41], sendo 325.665 (91,5%) pessoas brancas e pardas (153.257 brancos e 172.408 pardos)[42]. A ICM tem um início envolvido em disputas e narrativas políticas sobre o jogo de poder e a saída truncada da IPBVV de Vila Velha-ES, como conta Joel Ribeiro Brinco em seu livro de 2003, *Igreja Presbiteriana de Vila Velha, 50 anos de história*[43]. O livro traz atas e documentos sobre o cisma que carregam uma visão conflitante com aquela contada oficialmente pela ICM, entretanto, por ser parte afetada, a obra tem caráter rancoroso. O livro, contudo, pode servir como fonte, desde que feitas as devidas considerações.

A ICM sempre exerceu influência no estado do Espírito Santo, tendo em sua membresia representantes dos vários estratos sociais, principalmente juízes, deputados, procuradores de justiça, desembargadores, ex-governadores, como Elcio Alvares, jornalistas, escritores e diversos outros profissionais que diretamente atuam na sociedade e cultura do estado[44]. Em 2018, a ICM completou 50 anos de existência. Sua importância é percebida, inclusive, na sessão especial no Senado Federal, em Brasília, no dia 23 de maio de 2018[45]. Seus *Maanains*, na definição de Adiclecio Dias: "lugar de ensinamento de doutrinas com funcionamento em todo o território nacional"[46], são reconhecidos e visibilizados na grande mídia, como na matéria da Revista Veja sobre a segunda edição do *Trombetas e Festas*, evento ocorrido no *Maanaim* de Domingos Martins, em novembro de 2022, reunindo cerca de 4 mil pessoas e, como mostra a matéria, "sendo transmitido ao vivo, com tradução para dez idiomas, incluindo a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que contemplou 174 países […]"[47].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[39] DIAS, Adiclecio Ferreira; FERREIRA, Anderson Clayton N.; VALENTE, José Fábio Bentes (orgs.). *Igreja Cristã Maranata:* história, dogmas e contribuições sociais. Ananindeua: Itacaiúnas, 2021. Prefácio [s.n.].
[40] DIAS, Adiclecio Ferreira; FERREIRA, Anderson Clayton N. Sistema de Governo da Igreja Cristã Maranata. *In*: DIAS; FERREIRA; VALENTE, 2021, p. 44.
[41] IBGE, 2012, p. 143.
[42] IBGE, 2012, p. 149.
[43] BRINCO, Joel Ribeiro. *Igreja Presbiteriana de Vila Velha, 50 anos de história.* Vila Velha: Do autor, 2003.
[44] ICM, 2013, p. 53-55.
[45] BRASIL. Senado Federal. *Cinquentenário da Igreja Cristã Maranata é comemorado em sessão especial*. In: *Senado Notícias.* Brasília, 23 mai. 2018. [online].
[46] DIAS, Adiclecio. *A origem dos Maanains*. *In:* DIAS; FERREIRA; VALENTE, 2021, p. 47.
[47] REVISTA VEJA. *"Multidões no Vale da Decisão*". 09 nov. 2022. [online], [n.p.].

Nejar, em entrevista concedida a nós[48], com sua linguagem pausada, reflexiva e, para a sua idade, bastante detalhada, lembrou como foi o início da relação com a ICM. Em sua lembrança, conheceu a ICM em Lisboa, Portugal e, depois, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, onde ouviu a pregação do Pr. Gedelti Gueiros, já citada. Nejar lembra de ter morado só, num apartamento dentro da sede da ICM, em Vitória-ES, onde trabalhou como advogado para a Igreja, em meados de 1988. Com sua espiritualidade pentecostal e a linguagem permeada pelos discursos das experiências extáticas, Nejar conta sobre a memória de uma revelação que sinalizava que ele seria usado por Deus na obra em Vitória. De acordo com Nejar, o presidente da Igreja falou sobre essa revelação ao próprio Nejar. Poesia e carisma são traços característicos da vivência nejariana, como explica Kenner Terra, em artigo sobre Nejar, pontuando a experiência extática: "[…] a experiência extática, o que seria justíssimo ao próprio Nejar, cujas pentecostalidade e carismatismo, são por ele admitidos e tratados a partir da relação entre estética e êxtase, *poiésis e carisma*"[49].

Nejar pontua suas mudanças dentro da ótica pentecostal das experiências com Deus, sua vivência espiritual. Na mesma entrevista concedida a nós, conta que voltou ao Rio de Janeiro e fundou uma igreja chamada Comunidade Evangélica do Deus Vivo, ligada à Assembleia de Deus. Nessa igreja, Nejar levantou uma bispa e sete pastores. A igreja, segundo o poeta, funcionou em sua casa, num salão imenso, durante quatro anos. Sobre sua atuação como o pastor da igreja, Nejar gosta de frisar que, por aclamação do povo, pela voz do povo, ele se tornou pastor. Dentro de sua vivência pentecostal, Nejar conta diversas experiências, incluindo uma icônica sobre um vento que passou pela sala de sua casa, onde a igreja se reunia, e parou todos os relógios, experiência que o marcou como poeta e como ingrediente místico do imaginário sagrado e pentecostal[50].

Após esse período no Rio de Janeiro, Nejar retorna ao Espírito Santo, segundo ele, depois de mais algumas experiências com Deus: "Deus me deu três sinais para voltar à Maranata, em sonho"[51]. Nejar, então, retorna como obreiro da ICM em Guarapari. Sua credencial de pastor da ICM data de 05 de julho de 1970. Sua ordenação, de acordo com o poeta, foi sob reconhecimento unânime e caloroso do povo, um clamor comunitário. Nejar atuou muito como pregador e ensinador na ICM. Essas experiências sempre marcaram a

[48] NEJAR, Carlos. Entrevista concedida a Alan Brizotti, São Paulo, 13 fev. 2022, por telefone [n.p.] Anexo
[49] TERRA, Kenner Roger Cazotto. "Nuvens são pássaros…" Jesus na obra "A Arca da Aliança" de Carlos Nejar. *Revista Teoliterária, Reescrituras de Jesus.* v. 10, n. 20. [Online], p. 40. Grifos do autor.
[50] NEJAR, 2022. Anexo [n.p.]
[51] NEJAR, 2022. Anexo [n.p.]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

espiritualidade nejariana, como ele mesmo apontou: “Deus sempre me usou: sinais, curas, revelações. O que Deus me deu foi a fé no Deus do impossível”[52].

O trânsito nejariano das ideias, com seus caminhos, leva-nos também às percepções que o poeta nos mostra sobre a amplitude coletiva da sua obra. Sua liberdade entre os gêneros, sua intertextualidade e interdiscursividade, que veremos mais a fundo no capítulo dois, mostram-nos o percurso criativo e plural de Nejar no exercício literário. Numa entrevista a Ana Marques Galvão, Nejar falou sobre essa biografia das confluências:

> Minha biografia é a condição da condição humana. Coletiva e pessoal, na medida em que deixei de falar de minha vida para ser mundo. A partilha é uma atitude comunitária. A literatura multiplica os pães a partir de um e não sabemos mais qual era o primeiro. Não importa de onde ela sai, importa para quem ela se dirige. A vida é o ponto de partida, nunca o de chegada. Não habito em gênero: seja poema, romance, teatro ou ensaio – habito a casa da linguagem, além dos gêneros. [53]

A obra de Nejar, com sua influência, confluência e afinidade, dentre outros vocábulos utilizados pelo literato, tem as presenças de Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto, Saint-John Perse, Camões, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Clarice Lispector, dentre outros luminares da literatura mundial, trazendo para o universo nejariano erudição, profundidade e consistência. Na próxima sessão vamos observar mais a fundo a importância nacional e internacional de Nejar, sobretudo a partir dos seus prêmios, obras consagradas e testemunhos de outros expoentes da literatura sobre o poeta e romancista.

Segundo palavras do próprio Nejar em diversas entrevistas, o que o levou ao estado do Espírito Santo foi a mais bela das experiências – o amor. Elza, o grande amor da sua vida, permeia todo o seu imaginário e é presença quase obrigatória nos muitos livros que ele lançou a partir da sua atuação no Espírito Santo. Morando em Vitória, Nejar fundou uma editora, *Nejarim*, palavra árabe que significa “Praça dos Carpinteiros”[54]. Depois mudou-se para Guarapari, seu Paiol da Aurora, diante do Mar de Santa Mônica. Nesse período tão fértil, lançou alguns dos seus livros mais aclamados, como *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas* (primeira edição de 1993, pela editora Nejarim), *A idade da aurora* (2002, Ateliê Editorial, Biblioteca Nacional), *Aquém da infância* (1993, Nejarim), *A engenhosa Letícia do Pontal* (2003, Objetiva) e *Carta aos loucos* (1998, Record), além de novas edições de seus livros

[52] NEJAR, 2022. Anexo [n.p.]
[53] NEJAR, Carlos. Entrevista a Ana Marques Galvão, no Suplemento literário do jornal *Diário de Notícias*, Lisboa, 2001. *In:* MODERNO, João Ricardo. *Carlos Nejar:* poeta da condição humana. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, p. 194.
[54] NEJAR, 2022. Anexo [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

anteriores, como *Os viventes* (edição de 1999, Record) e *Canga: Jesualdo Monte*, cuja segunda edição, em 1993, Guarapari, foi bilingue (espanhol e português), tradução de Luís Oviedo[55].

Nejar também é autor de teatro. Segundo o site da Academia Brasileira de Defesa, num levantamento bem explorado da biografia de Nejar:

> *Teatro em versos*, de 1998, reunindo oito peças dramáticas (Miguel Pampa, Fausto, Ulisses, Fogo Branco ou Vozes do Brasil, Joana das Vozes e Auto do Juízo Final), algumas representadas mais de 4.000 vezes por vários grupos cênicos, sobretudo no Rio Grande do Sul, para Antônio HOHLFELDT, "caso único, muito singular na literatura de língua portuguesa". [56]

Nossa observação e visão panorâmica dos dados biográficos nejarianos tentou registrar além do seu trânsito criativo, sua importância e envolvimento com esses lugares de pertença e criação: Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Seu envolvimento e relação com a Igreja Cristã Maranata, o casamento com Elza e as contribuições culturais de Nejar no estado do Espírito Santo, corroboram nosso interesse em pesquisá-lo e mergulhar em seu imaginário religioso-pentecostal. Acreditamos ter ficado claro a importância que esse trajeto, tanto geográfica como espiritualmente, trouxe à bagagem nejariana.

Vimos tanto o Nejar que surge como poeta na década de 1960, com *Sélesis*, seu primeiro livro, além do romancista, quanto também a figura do pastor, pregador e ensinador que serve à Igreja Cristã Maranata e ao povo do Espírito Santo, inclusive com forte participação na vida cultural do estado, como observaremos na próxima seção, onde trataremos do alcance nejariano no Brasil e exterior, seus prêmios, pertença às academias, testemunhos de seus pares na literatura e, também, em seu trabalho como tradutor de Neruda e Borges. Como disse o poeta Dercio Marchi: "Carlos é um homem sempre em ebulição e, por consequência, também sua poesia. Aliás, para de alguma forma caracterizar sua obra, digo dele isso: é um poeta cósmico"[57].

1.2 Reconhecimento e importância internacional

Quando pesquisamos o trânsito nejariano, conseguimos vislumbrar um pouco de sua trajetória e perceber que estamos diante de uma mente criativa em constante desenvolvimento. Nejar não é apenas um poeta, mas congrega em si mesmo múltiplas facetas e enorme potencial imaginativo capaz de cruzar as fronteiras dos gêneros. Estamos diante de um poeta, romancista,

[55] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS-ABL. *Bibliografia.* [online], [n.p.] Grifos do original.
[56] ABD-ACADEMIA BRASILEIRA DE DEFESA. *Luis Carlos Verzoni Nejar.* [*online*], [n.p.]
[57] MARCHI, Dercio. Sobre Carlos Nejar e sua poesia. In: *Autores gaúchos*-IEL, 1985, p. 23

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

contista, ensaísta, crítico literário, autor de teatro e obras infantojuvenis, além de tradutor. Em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, em 9 de maio de 1989, Eduardo Portella, ex-Ministro de Estado da Educação e diretor-adjunto da Unesco, definiu Nejar com as seguintes palavras: "O poeta que hoje acolhemos, ou por quem somos acolhidos, é Carlos Nejar. Poeta da poesia, mais que do verso"[58].

Nesta subseção, pretendemos mostrar um pouco da presença, reconhecimento e importância, nacional e internacional, de Carlos Nejar. Nossa pretensão é ver o universo nejariano a partir de algumas perspectivas: o olhar do reconhecimento a partir dos prêmios e pertencimento às academias; o olhar da importância nacional e internacional a partir dos testemunhos sobre Nejar advindos de seus admiradores renomados; e o olhar da consolidação intelectual a partir das obras traduzidas, tanto as traduções da obra nejariana para outros idiomas, quanto o próprio trabalho de tradutor que Nejar exerceu. A confluência desses olhares pretende mostrar um pouco do peso e da densidade de Carlos Nejar como expoente da cultura brasileira. Também pretendemos mostrar o quanto o estado do Espírito Santo marcou um lugar de influência na história e na produção criativa de Nejar.

Iniciaremos nossos olhares sobre a importância nejariana a partir do seu reconhecimento concentrando-nos, em primeiro momento, nos múltiplos prêmios que recebeu, bem como nas instituições que fez e faz parte. A lista de prêmios e instituições é, por si só, um retrato da densidade nejariana, de modo que não destacaremos todas, mas apenas aquelas cujo alcance é determinante na biografia de um literato desse quilate, como é o caso da Academia Brasileira de Letras (ABL). Consideramos importante essa perspectiva porque Nejar é parte do patrimônio cultural do Brasil e sua obra tão vasta e reconhecida, ainda tem muito a ser investigada, sobretudo naquilo que é objeto da nossa pesquisa: seu imaginário religioso-pentecostal, as linguagens, símbolos e imagens que dialogam profundamente com o sagrado nesse nível cultural.

Em 24 de novembro de 1988, Carlos Nejar foi eleito como quinto ocupante da cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Letras (ABL), sucedendo Vianna Moog[59]. Nejar foi recebido por Eduardo Portella, cujo célebre discurso de posse foi feito no dia 9 de maio de 1989. Na ABL, Nejar tem atuação destacada, sendo, inclusive, secretário-geral e chegando a ser

[58] PORTELLA, Eduardo. Discurso de Recepção na Academia Brasileira de Letras. *In*: MODERNO, 2009, p. 97.
[59] Em seu livro *Memórias de outra idade*, de 2023, Nejar conta histórias dos bastidores de sua eleição na ABL. Uma dessas histórias é sobre a disputa da vaga de Viana Moog que, segundo ensaio de Fabrício Carpinejar, inserido no livro mencionado, sugeria uma disputa entre Nejar e Mário Quintana. Trata-se de uma parte muito interessante das tramas na Casa de Machado, incluindo inveja, rancores e a famigerada guerra de vaidades. Ver: NEJAR, *Memórias de outra idade*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2023, p. 66-70.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

presidente em exercício no ano 2000. Também teve várias participações em eventos, como no dia 7 de março de 2023, no recital promovido pela ABL, intitulado "Poesia na Academia", com as atrizes Beth Goulart e Maitê Proença lendo trechos de poemas de onze acadêmicos contemporâneos, incluindo Nejar[60]. Em 2005, foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura, pelo Pen Clube do Brasil e pela Academia Brasileira de Filosofia. Em 2017, a ABL indicou Nejar à *Svenska Academien* (Academia Sueca) ao Prêmio Nobel de Literatura. Na época, Nejar foi homenageado pela Academia de Letras de Brasília (ALB) em evento na Embaixada de Portugal, onde recebeu o título de Membro Honorário da Academia de Letras de Brasília[61]. Em 2019, novamente foi indicado ao Nobel.

No ano 2000, inaugurou a Feira do Livro, em Porto Alegre, onde foi homenageado por seus 40 anos de vida literária. Em 2007, Nejar recebeu o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre[62]. Sua devoção ao estado natal é notória em suas entrevistas, pois o pampa está sempre em suas falas, memórias e obras. Nejar reserva um espaço afetivo muito grande aos lugares por onde transita, principalmente sua terra natal. Sua obra é sempre atravessada por esses lugares de pertença, afetividade e acolhimento. Na ocasião da homenagem da Câmara Municipal de Porto Alegre, Nejar, evidenciando seu amor pelo pampa, declarou: "Os sonhos não nos pertencem. A palavra começa a nos pertencer, mas somente até o momento em que sai de nós. […] Esta terra, levo sempre comigo. Este pampa não morre nunca"[63]. Em 2009, recebeu do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, a mais alta condecoração do estado, a Comenda Ponche Verde. Em junho de 2022, foi eleito patrono da 68ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Seu reconhecimento no estado do Espírito Santo também merece destaque. Nejar recebeu os títulos de Cidadão de Vitória, Cidadão Espírito-Santense (1993) e Cidadão de Guarapari (2003). Em dezembro de 2012, recebeu na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, a Comenda Domingos Martins. Na ocasião, o poeta ressaltou sua relação intensa com o povo capixaba: "Para mim, o Espírito Santo não é apenas um estado geográfico, é um estado de alma. O capixaba é um povo generoso, vencedor e inventivo"[64]. Nejar também é o terceiro ocupante da cadeira nº 16 da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL), 1991. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (1993), membro da Academia Brasileira de Filosofia,

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[60] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS-ABL. *ABL promove recital "Poesia na Academia", com as atrizes Beth Goulart e Maitê Proença.* [s.d.; n.p.; *online*].
[61] ISTOÉ. *Indicado ao Nobel de Literatura, Carlos Nejar recebe homenagem em Brasília.* [*online*], [n.p.].
[62] CAMARAPOA. *Carlos Nejar é Cidadão Emérito de Porto Alegre.* [*online*], [n.p.].
[63] NEJAR, Carlos. CAMARAPOA, [n.p.].
[64] ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO-ALES. *Assembleia Legislativa entrega títulos de cidadão e comendas.* Redação Web Ales. [*online*], [n.p.].

cadeira nº 50, (2001), no Rio de Janeiro e do Pen Clube do Brasil. Em 2015, recebeu do Governo do Estado do Espírito Santo, a Comenda Vasco Fernandes Coutinho.

É difícil aprofundar na biografia de Nejar sem reservar considerável espaço ao seu período no estado do Espírito Santo, sobretudo pelas obras que publicou nesse tempo, como *A engenhosa Letícia do Pontal* e *Carta aos loucos*, obras que pretendemos analisar no capítulo dois. Nejar Participou do Conselho Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), do Ministério da Cultura, nas áreas de humanidades e literatura (1992-1993). Foi nomeado pelo Presidente da República para o Conselho Nacional de Política Cultural (1994-1996). Em 2004, por ato do Presidente da República foi nomeado para o Conselho Federal de Educação – Câmara Básica[65]. Em 2001, recebeu o título de Cidadão de Brasília, da Câmara dos Deputados. A figura de Nejar foi muito forte e influente durante décadas, sua atuação nas diversas áreas ligadas à cultura deixa muito clara a potência e importância que ele teve – e ainda tem – no Brasil e exterior.

Sua lista de prêmios é vasta e relevante. Os prêmios de Nejar foram concedidos sempre por instituições importantes dentro e fora do país. Em 1970, ganhou o Prêmio Jorge de Lima, do Instituto Nacional do Livro, por sua obra *Arrolamento*. Em 1974, recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, com *O poço do calabouço*, como melhor livro de poesia do ano. Em 1977, pelo Pen Clube do Brasil, recebeu o Prêmio Luisa Cláudio de Souza, por seu livro de poesia *Árvore do mundo*. A Câmara de Vereadores de Porto Alegre concedeu-lhe, em 1981, o Prêmio Érico Veríssimo. Em 1991, novamente pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, recebeu o Troféu Francisco Igreja, pelo livro *Amar, a mais alta constelação.* O Clube de Poesia de São Paulo, em 1996, concedeu-lhe, por sua obra, o Prêmio Cassiano Ricardo. Nejar recebeu, também, pelos seus 35 anos de publicação do *Livro de Silbion*, o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 1999. Recebeu, ainda, o Prêmio Monteiro Lobato, por seu livro infantojuvenil, *Era um vento muito branco*, e o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), por sua obra infantojuvenil, *Zão*[66].

Nejar também foi agraciado com prêmios que reconhecem sua obra não apenas como poeta, mas como romancista, ficcionista e até mesmo no âmbito religioso. No ano 2000 três grandes prêmios: o Prêmio Jorge de Lima, da União Brasileira de Escritores, com *Os viventes.* Também recebeu o prêmio de Melhor Livro Evangélico, da Associação Brasileira de Editores Cristãos, pela obra *Todas as fontes estão em ti* (Ed. Eclésia), e o Prêmio Machado de Assis, de romance, da Biblioteca Nacional, com *Riopampa: o moinho das tribulações.* Em 2005, recebeu o Prêmio APCA 2005 de Melhor Livro de Prosa Poética, com *O poço dos milagres.* Vemos que

[65] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [s.d.], [n.p.].
[66] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [s.d.], [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

essa lista de prêmios, mesmo suprimindo alguns, consegue deixar claro o alcance de Nejar e seu reconhecimento dos leitores especializados e das instituições competentes.

Seguindo nossos olhares, observaremos os testemunhos sobre Nejar e sua obra advindos daqueles que são verdadeiros luminares da cultura mundial. Nejar foi lido e admirado por algumas das figuras literárias mais aclamadas e respeitadas do ambiente cultural mundial, gente como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Darcy Ribeiro, José Saramago, Jorge Amado e Luis Fernando Veríssimo, dentre outros. O reconhecimento que vem dos seus pares tem enorme peso na avaliação da consolidação literária e cultural do escritor. A poética, a prosa, o romance e a ficção nejarianas estão em ótimas companhias e sinalizam mais do que seu lugar pontual na história da literatura brasileira, sinalizam sua importância no mundo da cultura.

Iniciemos nossa panorâmica testemunhal sobre a importância nejariana com a fala de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores nomes da poesia brasileira e mundial, no lançamento de *Os Viventes*, 1979, replicada depois na edição de 1999:

> Estou circulando entre *Os viventes*, e sentindo o calor existencial, a vibração humana que o seu livro contém e distribui. É obra que, sucedendo ao canto anterior, e antecipando o canto que continuará extraindo de sua mina poética, nos dá um belo exemplo de permanência e invenção contínua.[67]

Muitos dos livros de Nejar trazem prefácio, posfácio, endossos e notas de escritores e escritoras de enorme importância e repercussão mundial. É importante evocar essas manifestações pois, além de enfatizarem o alcance e a consolidação cultural de Nejar, apontam também para o fato de que o discurso religioso nejariano não afasta esses olhares e leituras, pelo contrário, provoca, instiga e dialoga com os luminares da cultura. A poética e o imaginário religioso-pentecostal de Nejar não são dados empobrecedores ou diminutivos de sua biografia, mas sim, elementos de aprofundamento e amplitude capazes de elevar e fortalecer a experiência do leitor. Acreditamos que alguns dos testemunhos aqui apresentados mostrarão essa percepção.

Darcy Ribeiro, na quarta edição comemorativa dos 35 anos de lançamento do *Livro de Silbion* (1963-1998), pela Editora Hucitec, de São Paulo, também registra sua percepção do poeta: "Carlos Nejar, no *Livro de Silbion*, declina seu nome, sua idade, sua raça de poeta maior: 'Silbion, Silbion, o inferno é ter nascido'"[68]. Os grandes temas que povoam o imaginário

[67] ANDRADE, Carlos Drumonnd de. In: NEJAR, Carlos. *Os Viventes.* Rio de Janeiro: Record, 1999, endosso quarta capa, [n.p.].
[68] RIBEIRO, Darcy. In: *Livro de Silbion*. NEJAR, Carlos. 4ª edição comemorativa dos 35 anos (1963-1998). São Paulo: Hucitec, 1999. Endosso quarta capa, [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

religioso brasileiro, como o inferno, são sempre presentes na poética nejariana, sobretudo em diálogo intertextual e interdiscursivo com a Bíblia e com as culturas grega e judaica, o que veremos no segundo capítulo da pesquisa. Jorge Amado, outro grande nome da literatura brasileira, que também transita pelos temas do imaginário religioso brasileiro, oferece sua admiração a Nejar: "Carlos Nejar, poeta de minha admiração. Sou velho leitor encantado: 'Liberdade, tempo de tudo ou nada'"[69].

Na edição de 1998 do romance *Carta aos loucos,* quem fez uma declaração sobre Nejar que se tornou emblemática, foi Clarice Lispector: "Com admiração – Carlos Nejar – identifico a mim e tão burro quanto eu"[70]. No final do mesmo livro, na seção *Dados Biobibliográficos*, há um vislumbre da fala de Lispector:

> Clarice Lispector já prenunciava a vertente ficcional do escritor gaúcho, tanto que ressaltou sua afinidade com as fronteiras do desconhecido, presente em sua obra ("Nejar, que identifico comigo e tão burro quanto eu"). A inovação e a contínua reforma do imaginário coletivo é a marca registrada deste criador pampeano. [71]

Nelly Novaes Coelho, também registrou sua admiração: "Nejar vem ultrapassando cada vez mais com lucidez e serena alegria os limites do mundo concreto e fugaz em que nos movemos, para intuir/vivenciar o invisível, onde a nossa efemeridade se eternizaria"[72]. Coelho também deixou sua marca no primeiro livro de contos de Carlos Nejar, *Contos Inefáveis* (2012): "Neste novo universo nejariano, construído em fragmentada prosa, prossegue a busca pelo significado último da Existência Humana. Busca que, através da palavra, tenta sondar o mistério de Deus […]"[73].

Seguindo a lista dos grandes nomes que referenciaram Nejar, precisamos mencionar a fala de José Saramago: "Carlos Nejar é um grande Poeta com a *Idade da aurora.* De minha especial admiração"[74]. Saramago, vencedor do Nobel de Literatura de 1998, confere especial admiração ao poeta e sua obra, o que também configura o tamanho e o alcance de Nejar, lido e reverenciado pelas mentes mais brilhantes e reconhecidas do mundo. Há, ainda, diversas outras manifestações sobre Nejar e sua obra, advindas de outros luminares da cultura, bem como estudiosos da obra nejariana dentro e fora do país, como Alfredo Bosi, Fernando Py,

[69] AMADO, Jorge. In: MODERNO, 2009, endosso quarta capa, [n.p.].
[70] LISPECTOR, Clarice. In: NEJAR, Carlos. *Carta aos Loucos*. Rio de Janeiro: Record, 1998, endosso quarta capa, [n.p.].
[71] NEJAR, Carlos. *Dados biobibliográficos.* Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 220.
[72] COELHO, Nelly Novaes. In: NEJAR, Carlos. *A Idade da Noite:* Poesia I. São Paulo: Ateliê Editorial, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002, texto da orelha do livro, [n.p.].
[73] COELHO, Nelly Novaes. In: NEJAR, Carlos. *Contos Inefáveis.* São Paulo: Nova Alexandria, 2012, texto da orelha do livro, [n.p.].
[74] SARAMAGO, José. In: MODERNO, 2009, endosse quarta capa, [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Austregésilo de Athayde, Jacinto do Prado Coelho (Lisboa-Portugal), Giovanni Pontiero (Manchester-Inglaterra), Madeleine Picciotto (New Jersey-USA), dentre outros.

Acreditamos que os nomes aqui apresentados são elementos suficientes para mostrar a consolidação poética, literária, de Carlos Nejar. O alcance e reconhecimento nacional e internacional não é tarefa das mais fáceis, contudo, a partir dos testemunhos aqui mencionados, podemos constatar a grandeza e o caráter especial que o poeta alcançou ao longo dos anos. São mais de 60 anos de poesia, o que garante além da maturidade profissional, no caso de Nejar, confere também seu lugar cativo no Olimpo dos grandes nomes da cultura. Seguindo a trilha do desvendar nejariano, vamos olhar para algumas de suas obras mais famosas, suas traduções, incluindo aquelas que Nejar fez de Neruda e Borges. Conhecer sua obra é constatar o que disse o poeta, crítico e diplomata Izacyl Guimarães Ferreira: "Nejar é um autor de livrões"[75].

Assim como o *corpus* testemunhal de Nejar é muito amplo, há diversas obras, antologias e estudos científicos sobre o universo nejariano, de modo, que é muito difícil cobrirmos a sua totalidade, o que desviaria um pouco o foco da pesquisa, uma vez que não é nossa proposta uma série de análises crítico-literárias de cada obra de Nejar, mas sim, o imaginário religioso-pentecostal nejariano em seu período de atuação no estado do Espírito Santo, a partir de algumas das obras publicadas no estado. Apesar disso, acreditamos ser importante fazermos um breve apontamento de algumas obras, traduções e antologias, pois fortalece a nossa apresentação do poeta e sua figura de destaque no Brasil e exterior.

Nejar participou de muitos congressos de literatura nacionais e internacionais, entre os quais destacaremos: o Encontro de Escritores Latino-Americanos, em Punta del Leste, Uruguai, março de 1968. VI e VII Encontro Nacional de Escritores, em Brasília-DF, em outubro de 1971 e outubro de 1973. Em setembro de 1972, participou do I Seminário de Literatura no Rio Grande do Sul. Participou também do II Congresso Nacional de Poesia, em Goiânia, junho de 1973. Em Havana, Cuba, de fevereiro a março de 1989, foi parte do júri "Casa das Américas". Nejar também fez parte do Conclave "O legado da cultura árabe às culturas latino-americanas" sobre a épica contemporânea, na Universidade de Verão Al Mu Tamid Ibn Abbad de Asilah, em Tânger, Marrocos, de 12 a 15 de agosto de 1989. Em Lisboa, 1997, foi integrante do júri do Prêmio Camões. Integrou a Comissão Brasileira do Congresso Luso-Brasileiro de Arte e Ciência, sendo responsável pela Câmara de Letras.

No ano de 1998, participou do painel literário "A poesia e o romance espanhol", Semana da Hispanidade-98. No mesmo ano, esteve ainda na Feira do Livro de Paris, entre os trinta e

[75] FERREIRA, Izacyl Guimarães. A universalidade Poética de Carlos Nejar. *In:* MODERNO, 2009, p. 12

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

cinco escritores que representaram o Brasil [76]. As obras de Nejar possuem vasto alcance dentro e fora do país. O mundo conhece Nejar. Segundo o site oficial da Academia de Letras do Brasil (ABL), a publicação *Quarterly Review of Literature*, de Princeton, New Jersey-EUA, por ocasião de seu cinquentenário, escolheu Carlos Nejar como um dos grandes escritores da atualidade. O site da ABL diz: "Único representante brasileiro indicado pela influente revista norte-americana, é colocado no mesmo patamar do espanhol Rafael Albert e do francês Yves Bonnefoy, entre cinquenta autores selecionados"[77]. Em 1979, participou do número especial da revista *Literature World Today*, da *University of Oklahoma*-USA, com estudo sobre sua obra por Klaus Müller Bergh e tradução dos poemas por Richard Preto Rodas[78].

Como poeta, romancista e contista, Nejar chama a atenção de muitos estudiosos, de modo que há diversas obras sobre ele. Vamos destacar algumas das mais importantes e aclamadas: considerado o primeiro livro sobre a obra de Carlos Nejar, o trabalho de Nelly Novaes Coelho tornou-se referência: *Carlos Nejar e a "Geração de 60",* publicado em 1971. Coelho também fundou uma editora chamada *Quíron*, em 1974, e deu o nome de *Sélesis* à coleção de poesia onde publicou importantes poetas brasileiros. No ano de 1973, Temístocles Linhares e Ernani Reichmann, publicaram *A Poética de Carlos Nejar*, pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Em 1981, a Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, publicou o livro de Guillermo de la Cruz Coronado, *O Espessamento Poemático em Carlos Nejar,* trabalho acadêmico profundo e exegético da obra nejariana. De acordo com a revista do IEL, Instituto Estadual do Livro, de Porto Alegre, em 1974, o compositor Bruno Kiefer apresentou pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, na Assembleia Legislativa, *Os Campeadores*, baseado na obra *O campeador e o vento*, em homenagem ao aniversário da Revolução Farroupilha[79].

No ano de 1974, os poemas de Nejar foram traduzidos pela primeira vez, na Antologia de Literatura latino-americana, *Lateinamerika, Stimmen Eines Kontinents*, tradução e organização de Günter W. Lorenz, pela Erdmann Editorial, Alemanha. Em 1975, participou da Antologia da Poesia Brasileira do Século XX, *Brasilianische Poesia des 20 Jahrhunderts*, organizada e traduzida por Curt Meyer-Clason, Munique, Alemanha[80]. Em 1977, participou da Antologia do Círculo de Poesia, organizada pelo poeta Pedro Tamen, Livraria Moraes Editores, de Lisboa, Portugal. No ano de 1980, Giovanni Pontiero, da Universidade de Manchester,

[76] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [s.d.], [n.p.].
[77] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [s.d.], [n.p.].
[78] AUTORES GAÚCHOS-IEL, *Cronologia da vida e da obra de Carlos Nejar*. Porto Alegre, 1985, p. 14.
[79] AUTORES GAÚCHOS-IEL, 1985, p. 12.
[80] AUTORES GAÚCHOS-IEL, 1985, p. 12.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

traduz *Árvore do mundo*, para o inglês. Em 1981, Pontiero traduz para o inglês a versão de *Canga*, publicada na *Review* nº 28, USA. No mesmo ano, Madeleine Picciotto, publica sua tradução de *Canga – Yoke: Jesualdo Monte*, em *Poetry Series III.* Princeton, New Jersey-USA.

O ano 1981 foi de grande projeção para Nejar. Ele participou ainda nesse ano, da antologia *Novíssima Poesia Brasileira*, organizada por Gramiro de Matos e Manuel de Seabra, Editora Horizonte, Lisboa, e da antologia *A idade da eternidade*, organizada por Antônio Osório, para a Editora Gota de Água, Porto, Portugal. Em 1984, as Edições Porto Alegre, da Secretaria de Cultura do Município publicaram *Carlos Nejar, poeta e pensador*, com prefácio e organização de Giovanni Pontiero, com mais de trinta textos de críticos brasileiros e portugueses estudando a obra nejariana. Seguindo nosso olhar para as obras sobre Nejar, em 2009, João Ricardo Moderno organizou a obra *Carlos Nejar: Poeta da Condição Humana*, uma reunião de ensaios de vários autores, críticos e pesquisadores renomados, como: Alfredo Bosi, Marco Lucchesi, Vera Lúcia de Oliveira, Antônio Houaiss, Fabrício Carpinejar, Antônio Hohlfeldt, Ruy Câmara, Luiz Fernando Veríssimo, Eduardo Portella, Gilberto Mendonça Teles, Ivan Junqueira e Ricardo Cravo Albin, dentre outros.

Nejar também possui aclamado trabalho como tradutor e crítico literário, publicando, inclusive, uma celebrada *História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. Suas traduções mais importantes são: *Ficções*, de Jorge Luís Borges, Porto Alegre, 1970, e posteriormente, em nova edição em 1998. Em 1971, traduz em parceira com Alfredo Jacques, *Elogio da sombra*, de Jorge Luís Borges, com nova edição em 1998. Em 1979 traduziu *Cem sonetos de amor*, de Pablo Neruda, livro que ultrapassou 30 edições. Em 1980, recebeu o Prêmio de Melhor Tradução da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), por sua tradução de *Memorial de Ilha Negra*, de Pablo Neruda. Também nesse ano traduziu *As uvas e o vento*, de Neruda.

O conjunto de prêmios, testemunhos e traduções de Nejar, aqui expostos de modo resumido, apontam para o alcance e importância desse escritor múltiplo. Acreditamos que os olhares aqui lançados são capazes de nos levar ao horizonte nejariano e demonstrar seu reconhecimento, consolidação e aclamação como um dos grandes nomes da literatura mundial. Entendemos que sua obra, alcance e amplitude são razões mais do que suficientes para o nosso interesse em estudá-lo e evocar sua presença atuante no mundo contemporâneo. Na próxima subseção faremos uma panorâmica sobre a teopoética nejariana, observando um pouco mais do imaginário religioso-pentecostal do poeta e romancista.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

1.3 A teopoética nejariana

Estudar as obras nejarianas é estabelecer um constante contato com o sagrado que se apresenta na comunhão entre literatura e religião sem, contudo, esgotar-se em um ou outro. Nejar não faz uma teologia dogmática[81], encarcerada ao dizer doutrinário, viciada na reprodução dos discursos denominacionais, mas sim, uma teopoética que consegue viajar pelos caminhos insinuantes da literatura e abraçar de bom grado a dádiva da imaginação. Márcio Cappelli, em sua tese sobre o que chama de teologia ficcional de José Saramago, remete-nos ao trabalho de Stanley Hopper que, em 1971, já apontava para a importância da teopoética em relação às formas tradicionais de expressão teológicas e sua redução do simbólico e do mistério do conhecimento, ao propor "um resgate da imaginação poética no fazer teológico. A teologia, na sua perspectiva, deveria ser 'não teo-lógica, mas teo-poiesis'"[82].

Kenner Terra, na introdução da obra sobre Nejar, que organiza juntamente com Davi Lago, pontua essa experiência nejariana não dogmática:

> […] Nejar não é apologeta, seu texto não está a serviço de qualquer instituição; se assim fosse, não seria o que é. No entanto, a experiência de Deus, a mística do carisma é como um fio condutor de sua obra. Carlos Nejar é evangélico e pentecostal-carismático. A tradição em que se insere é marcada pela intuição, presença do Espírito e fome de Deus. Dessa forma, suas letras acessam realidades imaginativas reservadas a poucos.[83]

Nesta subseção, abordaremos uma breve aproximação à teopoética nejariana. Nossa visão aqui será panorâmica porque no próximo capítulo, nas análises do *corpus* nejariano que iremos estudar no período de atuação de Nejar no Espírito Santo, aprofundaremos um pouco mais o nosso estudo teopoético, sob as contribuições da Análise do Discurso, sobretudo de Bakhtin. Aqui, nesta subseção, mostraremos ainda um pouco sobre o imaginário religioso-pentecostal nejariano e alguns vislumbres da linguagem de Nejar, seus símbolos e imagens. Vamos viajar pela arte nejariana, observando a intersecção entre as linguagens da religião e a poesia, o sagrado que se apresenta na experiência estética do belo e no delicado jogo das simbolizações.

---

[81] Nejar não usa seus textos como reprodução de *corpus* doutrinário de nenhuma forma. Não há em Nejar uma doutrinação, pois sua poética, embora carregada do sagrado e da linguagem bíblica, não se resume aos postulados teológicos tradicionais de regras doutrinárias de nenhuma denominação.

[82] HOPPER, Stanley, 1971, *apud* LOPES, Márcio Cappelli Aló. *Por uma teologia ficcional:* a (des)construção teológica na reescritura bíblica de José Saramago. Tese doutorado. Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia, 2017, p. 86.

[83] LAGO, Davi; TERRA, Kenner. *Carlos Nejar e o sagrado:* aspectos literários, espirituais e proféticos. São Paulo: Editora Recriar, 2022, p. 7.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Walter Benjamin refletindo sobre a metafísica da linguagem, dialoga com o conceito de revelação e a dinâmica espiritual que vemos abundantemente na escrita nejariana:

> […] a equivalência entre essência espiritual e de linguagem tem, do ponto de vista da teoria da linguagem, um alcance metafísico tão grande porque conduz àquele conceito metafísico que desde sempre se destacou, como que naturalmente, no centro da filosofia da linguagem, estabelecendo uma relação íntima com a filosofia da religião. Esse conceito é o da revelação. No interior de todo o trabalho da linguagem evidencia-se o conflito entre o expresso e o exprimível, de um lado, e o inexprimível e o inexpresso, do outro. Quando se considera esse conflito costuma ver-se na perspectiva do inexprimível também a última das essências espirituais. […] o mais alto grau da expressão corresponde ao mais puramente espiritual.[84]

O leitor que se aproxima da obra de Carlos Nejar, necessariamente, perceberá o aparecimento da linguagem religiosa, bem como terá uma clara percepção de que o uso dessa linguagem não será dogmática, mas literária. O uso da simbolização que Nejar faz em suas obras, é um exemplo da religião como linguagem da cultura, da profundidade dos símbolos como portadores de sentido e como convites à ampliação das mentalidades. Paulo Nogueira, discorrendo sobre as linguagens religiosas e seu complexo simbólico, mostra-nos como a religião se comporta como linguagem da cultura:

> O complexo simbólico arte/religião se constitui numa forma privilegiada de modelização do mundo. Ele não só expressa o mundo, mas transforma, adapta, traduz e constrói a percepção do mesmo segundo suas próprias regras. Nesse sentido, a religião se comporta como um tipo de linguagem, de linguagem da cultura.[85]

Carlos Nejar se autointitula "Servo da Palavra"[86], uma expressão profunda que serve como inspiração e modelo da ponte imaginária que Nejar faz do seu ofício e da sua vida: servir à Palavra, seja o vocábulo palavra como signo e/ou significante, ou, como diz Fiorin, um conector de isotopias: "um conector de isotopias é um termo que possui dois ou mais significados, isto é, um termo polissêmico, presente no texto, que possibilita sua leitura em dois planos distintos […]"[87]. Palavra em Nejar é sempre algo maior, um convite ao mergulho em realidades sublimes, tanto da literatura quanto do universo religioso. O sagrado, em Nejar, é mais do que vocábulo, é Palavra, potência criativa e transformadora de sentido: "Dividindo o pão, aquele povo trocava entre si vocábulos, sementes, bens"[88].

---

[84] BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura:* (filosofia, teoria e crítica). Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2018, p. 15-16.
[85] NOGUEIRA, Paulo. Linguagens Religiosas: origens, estruturas e dinâmicas. *In:* PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião.* São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013, p. 453.
[86] NEJAR, 2003, p. 307.
[87] FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2022, p. 115.
[88] NEJAR, Carlos. *Carta aos Loucos.* Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 134.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

A linguagem de Nejar é perpassada pelo sagrado, pelo que podemos compreender como dimensão do espiritual, pela criatividade que se manifesta como ampliação do diálogo entre religião e cultura, sua estética tem a estrutura fundamental do sagrado, o efeito estético produzido na relação autor/leitor instiga novos olhares e novas percepções[89]. Nejar, membro da Academia Brasileira de Letras, também é pastor e pregador de uma igreja pentecostal: é a interessante mistura entre o literato e o religioso clássico. Não se percebe em sua obra o artifício da linguagem eclesial como tentativa de evangelização. O que se vê ao ler Nejar é a expressão pura de um espírito que fala do sagrado das vivências, uma linguagem que, através dos símbolos e das imagens que usa, busca aproximar e indicar caminhos de encontro entre religião e cultura. Não esgota nos símbolos a realidade que pretende representar, pelo contrário, suas imagens, tais como o moinho, o vento, a nuvem e os pássaros, apontam sempre para algo em movimento, em estado provisório.

Cláudio de Oliveira Ribeiro expõe um pouco desse caráter provisório dos símbolos na linguagem religiosa:

> Minha pressuposição é de que a linguagem, como criação cultural fundamental, representa a mediação do encontro humano com o infinito. Essa linguagem é também infinita na medida em que não se esgota nas formas que conhecemos dela; ela se recria e se reinventa. Ela é prova da relação real e ambígua que existe entre religião e cultura. Daí que o reconhecimento do caráter *simbólico* da linguagem religiosa, seja teológica ou eclesial/comunitária, é elemento fundamental para o diálogo da religião com a cultura e com o elemento moderno. O símbolo é abertura a uma realidade profunda, mas não se confunde com ela. Por isso, nenhum símbolo pode ser absolutizado nem elevado à condição de realidade objetiva; ele é sempre provisório.[90]

A teopoética nejariana é uma busca por fazer ver o mundo a partir das lentes da Palavra. Sua teopoética é carregada de uma dimensão profética, cujo imaginário, por vezes apocalíptico, como no caso de *Riopampa: o moinho das tribulações* (2006), onde Nejar evoca imagens de Ezequiel, profeta bíblico que usa de poderosa simbologia, aprofunda a intertextualidade religiosa: "[…] como as rodas viventes do profeta Ezequiel que acompanhavam o mover do espírito. E o espírito voltava a pairar sobre o abismo"[91]. Nejar evoca o texto profético de Ez 1:15-20, num diálogo interdiscursivo com o profetismo e a imaginação apocalíptica judaica, incluindo o intertexto do Gn 1 e o imaginário dos começos. As obras nejarianas passeiam pelos

[89] A importância da relação do leitor com a obra pode ser vista em: ISER, Wolfgang. *O ato da leitura:* uma teoria do efeito estético vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 49-62.
[90] RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A importância da lógica plural para o método teológico. *In:* NOGUEIRA, Paulo. *Linguagens da Religião:* Desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 231. Grifo do autor.
[91] NEJAR, Carlos. *Riopampa:* o moinho das tribulações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 100.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

"bosques da ficção" para usar a expressão de Umberto Eco[92], sem desviar de sua rota poética essencial.

Um dos expoentes mais aclamados da teopoética, literato que transita por um caminho curiosamente inverso ao de Nejar, é Rubem Alves (1933-2014). Enquanto Nejar é pastor e pregador ativo, Alves foi pastor presbiteriano, mas deixou a igreja e seguiu a carreira acadêmica e psicanalítica. Nejar é pentecostal, Alves era reformado. Entre os anos de 1953-1957, Alves estudou teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas-SP. No ano de 1958, transferiu-se para Lavras-MG, onde foi pastor da Igreja Presbiteriana daquela comunidade até o ano de 1963[93]. A linguagem de Alves é, assim como a de Nejar, perpassada pelo religioso, pelo sagrado, por imagens da natureza em seu lugar de revelação, como no título de uma de suas obras mais famosas: *Do universo à jabuticaba* (2010)[94], onde usa muito do seu recurso predileto, a saber, a metáfora. O título de outra de suas obras famosas também caminha nessa direção: *Ostra feliz não faz pérola* (2014)[95].

Na quarta capa do livro *Do universo à jabuticaba,* Rubem Alves explica a obra a partir da simbólica dos cacos:

> Esse livro é uma coleção de cacos. Perguntaram-me das razões por que não escrevo romances e novelas. A resposta é simples: porque sou incapaz de fazer vitrais, os cacos coloridos todos encaixados uns nos outros, formando um desenho. Olhando um vitral a gente não vê os cacos; vê o desenho. Acontece que o que me fascina não é o vitral. São os cacos […]. O que me intriga são os fragmentos que pedradas ao acaso tiraram do vitral. […] Não conseguindo amarrar os cacos, só me resta guardá-los num bolso. Esse livro é um bolso cheio de cacos – e a gente vai brincando de retirá-los, um a um. [96]

Se Rubem Alves brinca com a metáfora dos cacos e vitrais, que nos remetem às catedrais e seu imaginário sacro, Nejar é o maestro das sinfonias que as palavras, na Palavra, podem evocar. Como percebeu Marco Lucchesi, no posfácio de *Riopampa:* "Saio das páginas de *Riopampa* – os olhos claros e a alma leve – tal como se terminasse um concerto de Mozart. Digamos o *Concerto para flauta, harpa e orquestra em dó maior"*[97]. Tanto um quanto outro, Nejar e Alves, trabalham a mistura belíssima entre religião, arte e saber dentro da experiência da linguagem. É literatura em alto padrão e grande estilo. Linguagem religiosa como texto da cultura.

---

[92] ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
[93] ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação.* São Paulo: Fonte Editorial, 2012, texto da orelha do livro, [n.p.].
[94] ALVES, Rubem. *Do Universo à Jabuticaba.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
[95] ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola.* São Paulo: Planeta, 2014.
[96] ALVES, 2010, quarta capa, [n.p.].
[97] LUCCHESI, Marco. Nejar atinge uma condição luminosa. *In:* NEJAR, 2006, p. 211, posfácio.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Antônio Magalhães expressa bem esse poder da literatura em expandir, ampliar o mundo e as percepções:

> A literatura significa bem mais que uma libertação do ciclo da repetição. Ela liberta da imediatez da compreensão, possibilita releituras infindas, cria uma rede de relação variada por meio de subtextos e tradições, destaca o significado das palavras por meio de ironia e ambivalência, cria orientação e instabilidade por meio dos conselhos e interpretação variada e faz emergir mundos do texto, que, segundo Hans P. Schimdt, correspondem à fala da complexidade do ser humano. [98]

Acreditamos que a teopoética nejariana e seu uso do simbólico e da intertextualidade ficaram claras até aqui. Pretendemos seguir explorando um pouco mais do imaginário religioso-pentecostal de Nejar a partir de agora, com o objetivo de mostrar o cuidado com o qual Nejar explora esse imaginário, profundamente perpassado pelas imagens e símbolos tão caros a essa dimensão da espiritualidade pentecostal-carismática. James K. A. Smith, em seu livro *Pensando em línguas* (2020), apresenta o pentecostalismo como algo "[…] que não se resume a uma tradição doutrinária ou intelectual; ele consiste em uma constelação afetiva de práticas e de 'rituais' integrados"[99]. Na sequência do seu pensamento, Smith toma emprestadas as palavras de Wittgenstein para afirmar que a "espiritualidade pentecostal é 'uma forma de vida'"[100].

A obra nejariana é construída sob esse olhar que busca perceber o espiritual, sob o vento do Espírito na inspiração e ação dos textos, incluindo a formação de muitos dos seus personagens. Numa entrevista para a revista do IEL, Instituto Estadual do Livro, de Porto Alegre, Nejar revelou que seu livro *Canga – Jesualdo Monte*, de 1971, "nasceu da frase de um operário de mina acidentado em São Jerônimo: 'Doutor, a minha vida tem sido a de um animal de campo sob a canga'. 'Então inventei Jesualdo Monte, um Jesus popular'"[101]. A ótica nejariana encontra sinais de Deus na paisagem humana, seu texto não se prende ao puramente racional, factível, como definiu Lêdo Ivo: "O texto de Nejar configura, pois, o reconhecimento de que o reino da poesia é o reino de uma razão que está além da razão: no domínio privilegiado da imaginação acesa e iluminadora"[102].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

[98] MAGALHÃES, Antônio. A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia. *In:* FERRAZ, Salma; MAGALHÃES, Antônio; CONCEIÇÃO, Douglas; BRANDÃO, Eli; TENÓRIO, Waldecy. *Deuses em poéticas:* estudos de literatura e teologia. Belém: UEPA; UEPB, 2008, p. 20.
[99] SMITH, James K. A. *Pensando em línguas:* contribuições pentecostais para a filosofia cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020, p. 25.
[100] SMITH, 2020, p. 25.
[101] NEJAR, Carlos. IEL, 1985. *Entrevista*, p. 7.
[102] IVO, Lêdo. Sobre o poeta Carlos Nejar. *In: Caderno de fogo:* ensaios sobre poesia e ficção. São Paulo: Escrituras Editora, 2000, p. VIII.

A expressão utilizada pelo poeta Lêdo Ivo, "imaginação acesa e iluminadora"[103], serve bem para retratar o imaginário poético-pentecostal nejariano: uma ambiência imaginativa que aquece e ilumina, dimensão que nos leva a um diálogo provocativo interdiscursivo com o Evangelho de João, que utilizou a mesma imagem metafórica para outro João, o Batista: "Ele era a lâmpada que arde e ilumina […]"[104]. Nejar usa amplamente as imagens simbólicas do fogo e do aquecer/iluminar. Em várias de suas obras, como *O evangelho segundo o vento*, *Os viventes* e *A engenhosa Letícia do Pontal*, apenas para citar alguns exemplos. As imagens do fogo, do ato poderoso de aquecer e iluminar, são abundantes e sempre perpassadas por múltiplas possibilidades exegéticas que nos lançam imediatamente para além dos sentidos dicionarizados, num discurso de muitas vozes.

Antônio Carlos Villaça, filósofo, fundador e secretário-geral da Academia Brasileira de Filosofia, cita a definição que Franklin de Oliveira, jornalista e crítico literário, deu sobre Nejar:

> […] Franklin de Oliveira viu bem: Nejar tem alguma coisa de labareda, consome e ilumina. A sua criação é total. Exatamente como a de Claudel e a de Neruda. Ele é simultaneamente lírico, épico, elegíaco, social, contemplativo, telúrico, oceânico. Ou planetário. Tristão de Athayde escreveu uma vez artigo que se referia calorosamente ao planetarismo da Poesia ardente de Carlos Nejar, esse gaúcho universal.[105]

Acreditamos que uma das características fundamentais que tornam a poética nejariana tão potente e iluminadora é a sua qualidade sobressimbolista. Nejar é considerado o único autor 100% sobressimbolista, segundo Oscar Gama Filho, poeta, crítico e historiador. Gama Filho define o sobressimbolismo como: "O signo sobre a superfície é o 'sobre símbolo'. Pode ser gramatical, matemático, virtual, um invariante universal absoluto ou uma imagem eidética. Ao final, formam um conjunto, um bloco associativo de imagens em subdivisão prismática"[106]. Gama Filho prossegue sua reflexão do sobressimbolismo: "O nome Sobressimbolismo é só um significante – viva Saussurre! Não tem um significado apenas. São formas que significam, um significante com significados múltiplos e, às vezes, contrastantes"[107]. Nejar está sempre para além dos símbolos, nas asas do vento, na leveza da nuvem. É a sua "metametamorfose"[108]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[103] IVO, 2000, p. VIII.
[104] BÍBLIA de Jerusalém. Jo 5:53. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Todas as menções bíblicas serão extraídas da mesma Bíblia.
[105] VILLAÇA, Antônio Carlos. O Poeta e o Povo. *In:* MODERNO, 2009, p. 71-72.
[106] GAMA FILHO, Oscar. Sobressimbolismo: uma imersão na obra de Carlos Nejar. *Revista Inteligência*, a. XXII, ed. 88, jan./fev./mar. 2020. [*online*].
[107] GAMA FILHO, 2020, p. 82.
[108] GAMA FILHO, 2020, p. 91.

Maria João Cantinho, crítica e ficcionista portuguesa, em seu texto sobre *O poço dos milagres*, de Nejar, capta essa compreensão do sagrado nejariano em sua simbólica do fogo e do imaginário religioso da linguagem:

> E o essencial, em Carlos Nejar, é a compreensão do caráter sagrado da palavra, o único com poder de resgatar a língua e o mundo, subtraindo-o à ordem do efêmero e inscrevendo-o numa outra dimensão da temporalidade: o tempo puro ou o tempo da eternidade. Deste modo, a escritura assume o seu poder mediúnico e mágico, numa vizinhança com os grandes místicos da linguagem. E se a escrita se desenha como esse círculo de fogo à volta do real, arrancando-o ao tempo da irreversibilidade, então ela é salvífica, como é, igualmente uma via para o verdadeiro conhecimento do mundo. É uma tarefa alquímica, na sua essência: "Escrever é pegar a água com fogo, é agarrar a alma como uma borboleta pelas patas".[109]

A construção imagética nejariana tem as marcas de sua pentecostalidade. Suas imagens da nuvem com sua multiplicidade de significados, bem como o fogo, os pássaros, o vento e a dialética vida/morte, são temas recorrentes de sua imaginação poética em diálogo com as imagens desses símbolos replicadas na Bíblia, texto da cultura tão caro a Nejar[110]. No próximo capítulo pretendemos analisar mais a fundo essas imagens e símbolos do imaginário religioso-pentecostal nejariano. Neste olhar panorâmico, Nejar nos brinda com as estruturas mnemônicas de suas relações e vozes que fomentam a dialogicidade de sua composição, numa narrativa pentecostal testemunhal, como ocorre com os registros de Israel Rolando, personagem de *Carta aos loucos*. A narratividade pentecostal empresta um lugar especial às memórias, seus testemunhos e suas leituras aprendem com o passado e com os diálogos de outros tempos. No dizer de James Smith, pode-se sugerir que "a memória é o gênero teológico pentecostal por excelência"[111]. Smith vai além: "Por causa do destaque ao papel da experiência, e contrastando com uma teologia evangélica racionalista, a teologia pentecostal está baseada em uma *epistemologia afetiva e narrativa*"[112].

A cada livro publicado, Nejar parece ampliar suas memórias e aprofundar sua relação com Deus. A religiosidade nejariana é amor em Deus, experiência de aprofundamento e paixão. Como o próprio Nejar afirmou em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: "Tudo é plenitude, quando o mistério arde. Queima a ânsia do homem diante da eternidade da palavra. E nos foi insuflada um dia, e florescemos. Sim, ninguém nos poderá mais impedir de

[109] CANTINHO, Maria João. O Poço dos Milagres, Romance de Nejar. *In:* MODERNO, 2009, p. 74.
[110] No capítulo três analisaremos mais a fundo a Bíblia na leitura nejariana, pois acreditamos ser importante refletir sobre a Bíblia como texto-base da imaginação nejariana, afinal, seu imaginário é todo extraído das Escrituras.
[111] SMITH, 2020, p. 29.
[112] SMITH, 2020, p. 47. Grifos do autor.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

florescer”[113]. Ao falar sobre o imaginário, em *Caderno de fogo*, Nejar declara: “Não me deixo manobrar. Acabo de sonhar que fiquei livre. Em pura graça”[114]. Sua linguagem passeia pela experiência do sagrado, da religiosidade carregada de símbolos, temas e ideias que convidam ao redescobrir do leitor como participante, como ator do processo da cultura, uma vez que o leitor percebe imagens de seu cotidiano sendo carregadas de inspiração poética.

Entendemos que a teopoética nejariana carrega as marcas do imaginário religioso-pentecostal, sobretudo as vivências e memórias, suas relações e experiências. O trânsito criativo nejariano, seu movimento em suas andanças e experimentações, provocaram no poeta o assombro e o encanto místico-pentecostais diante da luminosidade espiritual da palavra. Os temas de muitos dos seus livros testemunham dessa estética do sublime e do instrumental sobressimbolista que a sua linguagem usa e aprofunda. Acreditamos ter alcançado o nosso objetivo em demonstrar a grandeza, alcance e profundidade de Nejar, principalmente a partir dos dados biográficos, da radiografia de sua aclamação com seus vários prêmios e testemunhos sobre sua obra, bem como na visão panorâmica de sua teopoética, símbolos e imagens.

Nejar, que já viveu períodos de intenso reconhecimento e aclamação, nos últimos anos, apesar de sua constante produtividade, tem presença discreta na mídia e no ambiente eclesiástico. Estudar o poeta e sua obra no Espírito Santo ajuda-nos na compreensão de sua importância e peso cultural, sobretudo no âmbito acadêmico. O estado do Espírito Santo guarda memórias afetivas em Nejar. Em seu discurso de posse na ABL, Nejar citou Vitória, capital do Estado: “Fui a Vitória, Espírito Santo, e muitas vitórias firmei. A primeira, a de estar, hoje, nesta Casa do Gênio de Cosme Velho […]. Outra dádiva é da hospitalidade da ilha, que já entrou na minha poesia, com seu mar sábio e ameno, sua gente ditosa (...)”[115].

Compreender o tamanho, alcance e importância de Nejar é fundamental para que olhemos sua pentecostalidade como instrumento hermenêutico, e não como emocionalidade vazia. No próximo capítulo, vamos aprofundar nosso olhar sobre alguns livros do poeta em seu período de atuação no Espírito Santo. Sob o aporte teórico da Análise do Discurso, abordaremos a beleza dos símbolos, das imagens e da linguagem de Nejar. O poeta que saiu do Pampa e amou profundamente no Paiol da Aurora, tem muito a nos revelar através do seu imaginário religioso-pentecostal. Como na constância poemática de Nejar, podemos provocar a imagem de que o vento ainda sopra onde quer.

---

[113] ABL. NEJAR, Carlos. *O Dia na Palavra.* Discurso de posse. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/carlos-nejar/discurso-de-posse. Acesso em 17 mar. 2023, [n.p.].
[114] NEJAR, 2000, p. 18.
[115] ABL. NEJAR, Carlos. *O Dia na Palavra.* Discurso de posse. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/carlos-nejar/discurso-de-posse. Acesso em 17 mar. 2023, [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

2 DISCURSO NEJARIANO: A PRESENÇA DO SAGRADO

O universo textual nejariano é constituído de múltiplos diálogos. Ler Nejar é escutar outras vozes e tecituras, vozes que soam telúricas e cósmicas, como ecos do que conhecemos e do que está para além de nós. Há, em Nejar, ressonâncias do dito aqui e agora, na dimensão da condição humana em sua singularidade e diversidade cultural, e ainda, a dimensão profunda e imaginativa do sagrado. Esse vislumbre do sagrado nejariano é possível, como pontuou Victor Barrozo: "No diálogo entre a fenomenologia da religião, teologia, literatura e ciências sociais […], o sagrado como uma dimensão mística e telúrica fundamental em Nejar, tornando-o assim, um 'poeta da condição religiosa do humano'"[116]. O sagrado, em Nejar, não é uma abstração filosófica ou um capricho da semântica, mas um modo de olhar sacralizador da existência, uma pentecostalidade.

As imagens do sagrado na obra nejariana também são múltiplas. Há reflexos do sagrado terrível como cólera divina, como detectou Mircea Eliade[117], que aparecem em *Os viventes* com sua força e densidade[118]. Mas há, também, a presença do sagrado enquanto assombro, como *mysterium tremendum,* na perspectiva de Rudolf Otto[119]. Assombro é dimensão imaginativa poderosa no discurso nejariano. É aldeia, é mulher, é mística. Tanto em *Carta aos loucos* como em *Riopampa: o moinho das tribulações,* o assombro aponta para o sagrado que apresenta a relação ao mesmo tempo simbólica e real, numinosa, sublime e inefável[120].

Neste capítulo, pretendemos abordar mais de perto uma parte do *corpus* documental nejariano dentro do período de atuação de Nejar no estado do Espírito Santo, compreendido entre os anos de 1990-2009. Nesse recorte temporal há muitas obras, tanto inéditas como novas edições de livros aclamados, contudo, para que consigamos abarcar bem o período de Nejar no Espírito Santo, fizemos um recorte no *corpus* nejariano compreendendo sete livros essenciais desse período, livros aclamados, reconhecidos e que atendem prontamente às necessidades da pesquisa em relação ao problema: o imaginário religioso-pentecostal de Nejar em seus símbolos, imagens e linguagens. A produção nejariana nesse período é muito relevante porque carrega marcas de uma afetividade aprofundada em sua poética a partir das vivências no estado, assim como uma relação religiosa intensa.

---

[116] BARROZO, Victor Breno Farias. O Deus Vivo de Carlos Nejar. *In:* MODERNO, 2009, [n.p.].
[117] ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano:* a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 15.
[118] "Deus ia na frente/incendiava a treva". NEJAR, 1999, p. 104.
[119] OTTO, Rudolf. *O sagrado:* os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 55.
[120] NEJAR, 1998, p. 44. NEJAR, 2006, p. 121.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

O presente capítulo será dividido, assim como o primeiro, em três subseções. Na primeira subseção, faremos uma sucinta catalogação do *corpus* nejariano apresentando e pontuando especificidades de três livros selecionados: *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas; Aquém da infância* e *Os viventes.* Nossa catalogação não tem a pretensão de ser exaustiva ou pormenorizada, mas pontuará as principais características dessas obras, seu alcance e importância no conjunto da obra de Nejar. Estes três livros possuem as fortes marcas do imaginário religioso-pentecostal no discurso nejariano, por isso é importante pontuá-los dentro da nossa pesquisa.

Na segunda subseção lançaremos alguns olhares entre a nuvem e o redemoinho, como um exercício nas leituras nejarianas de dois livros que estão em nosso recorte de tempo no estado do Espírito Santo: *A engenhosa Letícia do Pontal* e *Riopampa: o moinho das tribulações.* Faremos alguns apontamentos dos símbolos e das imagens nejarianas tão significativas que aparecem no discurso nejariano evocando o sagrado. Os dois livros estudados servem como base para a investigação das outras obras nejarianas, tanto do nosso *corpus*, como daquelas que não serão alvos da nossa pesquisa, mas compõem o universo nejariano. A partir das contribuições de Bakhtin e os aportes teóricos da Análise do Discurso, pretendemos destacar estes dois livros que são marcos essenciais da obra de Nejar.

Na terceira subseção, nosso estudo buscará aprofundar, à guisa de amostra nejariana, dois livros aclamados: sua poesia em *A idade da aurora* e seu romance mais celebrado: *Carta aos loucos.* Sob os auspícios de Bakhtin e da Análise do Discurso, faremos uma breve imersão nestas obras com o intuito de mostrar o imaginário religioso-pentecostal de Nejar em sua experiência provocativa: a dimensão mística, profético-apocalíptica, além da profundidade de sua santidade da loucura. Com o auxílio de bibliografia, revistas, jornais e artigos, procuraremos mostrar o alcance, a aclamação e a profundidade destas obras dentro do universo nejariano.

Neste capítulo, pretendemos usufruir dos aportes teóricos das ideias sobre intertextualidade, interdiscursividade, dialogicidade e outras ferramentas que serão de grande auxílio na compreensão do discurso nejariano. As contribuições de Mikhail Bakhtin[121] (1895-1975), como suas abordagens sobre a natureza dialógica do texto e da linguagem, nos auxiliam na compreensão do lugar social dos enunciados e suas interações intertextuais e

[121] Uma das grandes discussões sobre Bakhtin gira em torno do aparecimento dos termos intertextualidade, interdiscursividade, intertexto, dentre outros, na obra bakhtiniana. Fiorin, em artigo sobre essa discussão, diz: "[…] na obra bakhtiniana, não ocorrem os termos interdiscurso, intertexto, interdiscursivo, interdiscursividade, intertextualidade. […]. A palavra *intertextualidade*, foi uma das primeiras, consideradas como bakhtinianas, a ganhar prestígio no Ocidente. Isso se deu graças à obra de Júlia Kristeva". FIORIN, José Luiz. *Interdiscursividade e intertextualidade.* In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2021, p. 162. Grifo do autor.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

interdiscursivas, o que se torna essencial para a Análise do Discurso. Eli Brandão da Silva, aludindo a Bakhtin e sua contribuição para os estudos literários, diz:

> Reconhecidamente, as contribuições de Bakhtin representaram uma mudança de paradigmas nos estudos linguísticos, tendo se constituído fundamento das noções mais fecundas da teoria literária contemporânea, dentre as quais destacam-se a de intertextualidade/interdiscursividade e hipertextualidade. [122]

O discurso nejariano dialoga profundamente com outros discursos[123], tanto oriundos da religião, como a Bíblia e a teologia, como de outras referências da cultura, numa polifonia com a mitologia grega e a cultura judaica, por exemplo, absorvendo fortemente suas marcas e bebendo de suas fontes imaginativas. Nejar conjuga erudição e beleza. Paulo Roberto do Carmo registra a percepção que Walter Galvani, jornalista e escritor gaúcho, tinha da obra e da vida do poeta: "Nejar é o Homero do pampa"[124]. Entendemos que estudar as obras nejarianas em seu período de atuação no estado do Espírito Santo ampliará a nossa percepção da importância cultural dos nossos lugares e das nossas interações sociais. A religião como texto da cultura também aparece com protagonismo no *locus* temporal do *corpus* pesquisado. As imagens, símbolos e linguagens trabalhadas por Nejar nesse período são reveladoras de sua relação intensa com o sagrado e com a literatura como transformadora cultural.

2.1 Catalogação: *corpus* documental (1990-2009)

O período de atuação de Nejar no estado do Espírito Santo pode ser estudado a partir de três expressões-chave: a imaginação amorosa, a experiência com Deus e a produtividade intensamente simbólica. Estas expressões podem ser utilizadas à guisa de chave hermenêutica para a compreensão do discurso nejariano. A imaginação nejariana, suas experiências e a construção simbólica de sua discursividade, são pontos importantes na catalogação aqui proposta, pois o discurso nejariano é essencialmente construído sob essas bases. O discurso

[122] SILVA, Eli Brandão da. *Resignação de Jó em "Ritual de Danação", de Gilvan Lemos.* In: FERRAZ; MAGALHÃES; CONCEIÇÃO; BRANDÃO; TENÓRIO, 2008, p. 94.
[123] A noção de discurso, na Análise do Discurso, é muito ampla. No *Dicionário de Análise do Discurso*, de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, o termo *discurso* tem nove páginas de conteúdo: 168-176. São Paulo: Contexto, 2020. Helena Brandão, discorre sobre essa amplitude do conceito de discurso: "A polissemia de que se investe o termo 'discurso' nos mais diferentes esforços analíticos então empreendidos faz com que a AD [Análise do Discurso] se mova num terreno mais ou menos fluido". BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 16. Mais adiante, neste capítulo, vamos refletir um pouco mais sobre a noção de discurso.
[124] GALVANI, Walter. *Apud.* In: CARMO, Paulo Roberto do. *Dicionário de citações da ficção de Carlos Nejar.* Rio de Janeiro: Batel, 2009, p. 158.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.
PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

nejariano é, em si mesmo, enorme desafio, pois para além de ser simbólico, é também sobressimbolista, como vimos no capítulo anterior.

Kenner Terra nos ajuda na definição do complexo conceito de discurso:

> Antes de qualquer coisa, discurso é um conjunto de enunciados organizados de maneira interacional e orgânica (Ducrot, 1984, p. 368-393). Dessa forma, o discurso(s) como objeto de análise é resultado de diversas perspectivas disciplinares. […] Nesse horizonte, o discurso revela-se como um fenômeno social e se estabelece na interatividade. Contudo, o social não seria simplesmente as classes ou o contexto histórico social como as ciências mais racionalistas preveem, mas a teia de outros discursos, suas memórias culturais. [125]

A intensidade mnemônica característica do dizer nejariano, instiga o diálogo e a pertença aos lugares do trânsito de Nejar, além disso, sua polifonia e dialogicidade enriquecem sua contribuição cultural, portanto, conhecer a obra de Nejar no Espírito Santo constitui uma importante experiência potencializadora do lugar no dizer[126]. Para chegarmos aos três livros catalogados nesta subseção, buscamos nos guiar pelos critérios de reconhecimento da importância da obra no *corpus* nejariano, através da aclamação, ressonância e profundidade dos textos, bem como o uso da simbólica e das linguagens religiosas que apresentam-nos o sagrado e as vivências pentecostais de Nejar no estado. A bibliografia, os endossos e testemunhos publicados sobre essas obras, corroboram nosso critério e colaboram para dar a essas obras seu caráter de clássicos.

Os três livros que compõem nosso recorte no *corpus* apresentado são: *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas; Aquém da infância* e *Os viventes.* Não temos a pretensão de analisar pormenorizadamente cada obra, visto que não é nossa proposta fazer um estudo linguístico conceitual no campo das Letras, e sim, compor um retrato panorâmico de cada uma delas, sua importância, principais imagens e símbolos do imaginário religioso-pentecostal nejariano. Cada uma dessas obras tem seu lugar fundamental dentro da biografia de Nejar: o amor, o sagrado e a produtividade aparecem, comunicam e amadurecem seu discurso. Na segunda subseção, abordaremos duas outras obras que poderiam figurar entre as três deste recorte: *A engenhosa Letícia do Pontal* e *Riopampa: o moinho das tribulações*, contudo, como exigem um pouco mais de espaço para análise, não serão abordadas nesta primeira seção.

A primeira das obras que desejamos apresentar é aquela que parece trazer sua grande motivação criativa: o amor. A obra *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas*, foi publicada

[125] TERRA, Kenner. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 54, 2018, p. 1092-1093.
[126] "[…] (o texto) como produto de fronteira, como espaço da interação dialógica entre os indivíduos vivos, sujeitos de sua consciência e de sua cultura". BEZERRA, Paulo. No limiar de várias ciências. Posfácio. *In:* BAKHTIN, Mikhail, *Os gêneros do discurso.* São Paulo: Editora 34, 2016, p. 164.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

pela primeira vez em 1993, pela editora Paiol da Aurora: Nejarim, no Espírito Santo, com gravura de capa de Marc Chagall. Sua segunda edição saiu em Lisboa, pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, em *Idade da Eternidade*, 2001. O livro saiu novamente em 2002, em *A idade da aurora*, São Paulo: Ateliê Editorial e Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Para a nossa catalogação, utilizaremos o livro que consta em *A idade da aurora*, 2002, que, na percepção de Fernando Py: "*A Idade da Aurora* é um monumento imponente da nossa atual literatura"[127].

O livro é repleto de musicalidade, marca importante da poética nejariana, contendo quinze cantatas, dois concertos: um para oboé (Concerto Nº 2)[128] e um para violino e flauta (Concerto Nº 1)[129]. A construção lírico-dramática dos poemas é, em si mesma, um indicativo da dialogicidade nejariana. O poeta parece pretender que sua música amorosa invada os ouvidos da amada e de todos os amantes, numa polifonia amorosa. Silvia Schroeder e Jorge Schroeder, em artigo sobre a música como discurso, ajudam-nos nessa percepção:

> Entender os efeitos de sentido que se produzem em uma música, portanto, é mobilizar as relações dialógicas, é estabelecer uma rede de conexões, é fazer emergir as diversas vozes que constituem, por vezes de maneira oculta, os enunciados musicais. Podemos dizer que a assimilação ideal da música se dá quando o sinal é absorvido pelo signo, o reconhecimento pela compreensão.[130]

Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas ocupa um lugar de muita importância para Nejar. No final do livro, Nejar fez questão de colocar em palavras o lugar e a pessoa da obra: "Esse livro é para Elza Griffo Almeida Nejar. Seu nome – *Elza dos pássaros ou a Ordem dos Planetas"*[131]. O poeta expõe Elza e pontua o lugar: "Entre maio e julho de 1988, brotou. Até dezembro de 1991, depurou-se na cantina de seu interno fogo. Escrito nesta cidade tranquila do Espírito Santo, junto ao mar. Foi concluído em 8 de setembro de 1992. O servo da Palavra"[132]. As imagens simbólicas que tanto engendram o livro ressoam de modo emblemático nesta declaração: "E finco os meus sentidos/ no texto de universo"[133]. Nejar preenche o texto com imagens do amor e da ânsia de viver: "E só o amor decide/ a forma de estar vivo"[134]. O poeta

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPFACK Faculdade Unida de Vitória

[127] NEJAR, Carlos. *A idade da aurora: poesia II*. São Paulo: Ateliê Editorial, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002, endosso da orelha do livro, [n.p.].
[128] NEJAR, Carlos. Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas. *In:* NEJAR, 2002, p. 359.
[129] NEJAR, 2002, p. 367.
[130] SCHROEDER, Silvia C. N.; SCHROEDER, Jorge L. Música como discurso: uma perspectiva a partir da filosofia do Círculo de Bakhtin. *Música em Perspectiva*, Curitiba, v. 4, n. 2, 2011. [*online*], p. 139.
[131] NEJAR, 2002, p. 387.
[132] NEJAR, 2002, p. 387.
[133] NEJAR, 2002, p. 371.
[134] NEJAR, 2002, p. 354.

usa a simbólica dos pássaros, tão cara a Nejar, desde *Sélesis*, sua primeira obra, para falar sobre o tema da inocência e sua relação com a amada. Em *Cantata inocente*, o poeta diz:

> E é incrível estar vivo
> por dentro, onde a alma
> é como um passarinho
> cantando na palavra[135]

Na *Cantata de um só rastro,* o poeta finaliza o último verso com uma declaração de pertença: "Amor é onde nasço"[136]. Nejar canta o amor na pertença do lugar, um enunciado profundamente ligado ao lugar social em que se é gerado. Nas palavras de Bakhtin: "O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas,* e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado"[137]. Das muitas expressões que compõem os enunciados simbólico-poéticos de Nejar, dois símbolos importantes de seu imaginário religioso-pentecostal aparecem em *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas:* a "palavra junto ao fogo"[138], e a "amizade intacta com o meu Deus"[139] .

Tanto o fogo, como imagem poderosa da pentecostalidade, quanto a experiência de amizade com Deus, são pontos essenciais na relação interdiscursiva nejariana. Roger Stronstad diz que Lucas, ao utilizar as metáforas pentecostais do vento e do fogo na descrição dos fenômenos do Pentecostes em Atos 2.4, usou "a linguagem típica da teofania […] o que podemos classificar, portanto, como um discurso do *pneuma*"[140]. E "não somente o vento é um símbolo adequado para uma teofania, mas o fogo também, […] simboliza a divina presença (p. ex. Êx 3.6; 13.21) e, […] o Espírito de Deus como, por exemplo, o Espírito de ardor (Is 4.4)[141]. Em *Cartas aos loucos,* Nejar mostra essa essência simbólica, por exemplo, em Martinho (personagem que evoca Lutero), traduzindo o "Livro do Caminho": "Quando vertia do grego ao alemão o Livro do Caminho, era levado em fogo ao trono e a luz ia educando versículos e cânticos. O espírito manava dos capítulos, e o invisível era um rio sob outro"[142]. Outro personagem, Pastor Demócrito, aparece "em uma de suas pregações, com fogo saindo dos olhos e da boca"[143].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[135] NEJAR, 2002, p. 357.
[136] NEJAR, 2002, p. 359.
[137] BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 298.
[138] NEJAR, 2002, p. 361.
[139] NEJAR, 2002, p. 364.
[140] STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal:* Espírito, Escritura e teologia. Natal: Carisma, 2020, p. 177.
[141] STRONSTAD, 2020, p. 180.
[142] NEJAR, 1998, p. 133.
[143] NEJAR, 2003, p. 68.

Nejar, no ardor de seu texto amoroso, homenageia a amada a partir do Amado, numa sempre evocada teia relacional, num discurso atravessado por metáforas pneumáticas. A pentecostalidade nejariana vai além do individual, torna-se experiência comunitária, plural. O amor, embora seja aqui poesia do casal, carrega uma espécie de dimensão plural pneumática. O poema de Nejar para Elza parece diferir na essência do que ele escreveu antes dela, no Pampa, pois é atravessado pelas experiências das vivências do amor no lugar da amada, em sua terra, a ordem do seu planeta. O imaginário pentecostal de Nejar possui uma característica peculiar: é uma espiritualidade[144]. Ele lança olhares para o casamento, mas também para a sua relação com o Espírito de Deus, conjugando inspiração e intimidade amorosa. Ler a obra nejariana em seu período de atuação no estado do Espírito Santo ganha muito mais densidade e amplitude quando enxergamos o discurso pneumático na formação discursiva[145] de Nejar, a partir de sua experiência.

O segundo livro que vamos apresentar é *Aquém da infância.* A primeira edição foi publicada em 1995, pela editora Paiol da Aurora: Nejarim, no Espírito Santo, uma edição comemorativa dos 35 anos de poesia, com gravura de capa de Iberê Camargo. Sua segunda edição foi em 2001, Lisboa, na Antologia *A idade da eternidade*, Imprensa Nacional/Casa da Moeda. A terceira edição, esta que apresentamos, está na poesia reunida em *A idade da aurora*, 2002. Na dedicatória do livro, Nejar abraça o sentimento iluminador do título: "Para Elza e ao amor que nos recuperou a infância"[146]. Na mesma dedicatória, expõe a ideia-título ao homenagear gigantes da crítica literária que são presenças marcantes em sua trajetória: "[…] Para Eduardo Portella, Ferdinando Berredo de Menezes, Nelly Novaes Coelho, Oscar Gama Filho e Paulo Roberto do Carmo, amigos aquém da infância"[147].

O vocábulo infância, por vezes sob sua pluralidade, infâncias, é repetido diversas vezes nos poemas que compõem a obra, uma repetição proposital, estilística. Esse lugar de aquém da infância, *lócus* humano essencial, na maioria das vezes, parece carregar o sentido de outro lado, da margem onde se percebe o melhor da vida e dos sonhos. O primeiro verso do livro aponta para uma dimensão profunda dialógica e dialética entre viver, infância; morrer, esquecimento:

---

[144] GALVÃO, Ana Marques. A aprendizagem da visão. *In:* MODERNO, 2009, p. 90.

[145] Formação discursiva é um dos conceitos tradicionais da Análise do Discurso. Segundo Charaudeau e Maingueneau, "A formação discursiva aparece […] inseparável do interdiscurso, lugar em que se constituem os objetos e a coerência dos enunciados que proveem de uma formação discursiva". Citando Pêcheaux, (1983; 297) os autores prosseguem: "Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente 'invadida' por elementos provenientes de outros lugares (i. e, de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob forma de 'pré-construídos' e de 'discursos transversos')". CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso.* São Paulo: Editora Contexto, 2020, p. 241. Grifos dos autores.

[146] NEJAR, Carlos. *Aquém da infância.* In: NEJAR, 2002, dedicatória [n.p.].

[147] NEJAR, 2002, [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

> Resolvera partir para aquém de sua infância. E só podia ter explicação na luz. Mas não se explicava – ia clareando, clareando. Até deixar a morte no escuro: menina trancada no quarto. Assustada. [148]

Infância[149] é um dos vocábulos fundamentais do discurso nejariano não apenas nesta obra. A profundidade que ela evoca, sobretudo quando aponta para o tempo como lugar de saudade, torna-se um grande desafio para a mentalidade contemporânea. James Smith, refletindo sobre Charles Taylor e a era secular, afirma: "Um espectro assombra nossa era secular, 'o espectro da insignificância' […] Essa inquietação e impaciência manifesta-se em dois domínios da experiência moderna: tempo e morte"[150]. A era moderna tem saudade da infância, mas, sufocada pela enfermidade fundamental do cansaço[151], teme a insignificância. A poesia aparece aqui como possibilidade de sentido. Smith segue dialogando com o trabalho de Taylor, exemplificando a poesia a partir de Gerard Hopkins, quando afirma: "[…] há algo de performático na poesia; por meio da criação de símbolos, ela estabelece novos significados. A poesia é potencialmente constituidora do mundo"[152]. A poética de Nejar constrói, amplia e aprofunda o uso dos símbolos.

O sagrado perpassa toda a obra. Em sua interdiscursividade, Nejar evoca imagens do sagrado que são reconhecidas nos discursos do imaginário religioso, como na formação discursiva desse verso: "Ele foi seguindo um pintassilgo. E quanto mais ao canto dilatava, encantado ia seguindo os trinos. Até que pelo amor foi arrojado no silêncio: o éden"[153]. A imagem paradisíaca do Éden, na memória textual de Gênesis 2, dialoga com a infância em sua dimensão de inocência, em seu tempo de silêncio. Segundo Antônio Geraldo da Cunha, o vocábulo infância tem origens no latim do século XVI, indicando "*infãns-antis*, 'que não fala, infantil' *"*[154]. A infância do poeta sugere o lugar onde a palavra é respeitada, paraíso do silêncio. Então, o poeta chama a infância última: "A derradeira infância é onde as vozes ressoam como um fogo piedoso"[155].

Seguindo a trilha entre infância, palavra e paraíso, Nejar pergunta: "O que assopra Deus em nós? Nomear é ir"[156]. O interdiscurso agora evoca os intertextos de Gn 2.7, quando Deus

[148] NEJAR, 2002, p. 391.
[149] Infância é um dos vocábulos do nosso pequeno glossário nejariano das palavras e das ideias, p. 93.
[150] SMITH, James K. A. *Como (não) ser secular:* lendo Charles Taylor. Brasília: Monergismo, 2021, p. 203.
[151] HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço.* Petrópolis: Vozes, 2017.
[152] SMITH, 2021, p. 212.
[153] NEJAR, 2002, p. 395.
[154] CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Lexikon, 2010, p. 357.
[155] NEJAR, 2002, p. 395.
[156] NEJAR, 2002, p. 396.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

sopra o fôlego de vida nas narinas do homem, e Gn 2.19-20 quando o homem é convocado por Deus para dar nomes aos animais e a todo o ser vivo. Adão não finaliza sua ação de nomear apenas coisas e bichos, sua ação também atinge o humano. Como apontaram Amós Oz e Fania Oz-Salzberger, em *Os judeus e as palavras:* "Em Gênesis 3, depois da árvore e da serpente, Adão lhe dá o nome de Eva. Justo quando o casal está se vestindo para deixar o Jardim do Éden"[157]. Aquém daquela infância, agora, o caminho do homem é a morte e a esperança de um novo sentido. Nejar prossegue: "Em vez de terem nomes de pais, mães. *Para sempre* – se chamam"[158].

O discurso sagrado de Nejar, nesta obra, constrói um desejo por recomeço, pelo resgate da infância como tempo de amor e encanto. No imaginário religioso, uma das imagens mais poderosas, sem dúvida, é a imagem da ressurreição. Em *Manual do silêncio*, Nejar diz: "É na pedra que dormes? Ela é grande e suave. E revolvida foi para a ressurreição"[159]. O Cristo de Nejar é triunfal sobre o último dos inimigos: a morte. Em *Tochas insaciáveis*, Nejar diz: "A morte não sabe mais do que morrer"[160].

Na infância festiva nejariana, o discurso pneumático também aparece: "A infância tem o dom das línguas"[161], além da nomeação do próprio poeta: "'Carlos' me chama o vento, me chamará até levar-me"[162]. A construção do discurso nejariano nesta obra pode ser percebida através dos conceitos de morte, vida, ressurreição e esperança. Sua pentecostalidade aqui é perpassada pelo simbólico da infância/inocência como base da relação profunda com Deus. No final do livro, Nejar diz: "E continuas atravessando Deus. E como se fosses acordando. E fosses acordando o céu"[163]. As imagens do acordar em seu gerúndio, e da inocência pressuposta do céu, podem ser resumidas numa única palavra: infância. Como na prece de Adélia Prado, em *Orfandade*: "Meu Deus, […] me cura de ser grande[164].

O livro que apresentaremos agora, o terceiro do nosso recorte, é *Os viventes*. A primeira edição foi publicada em 1979, pela editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro. Esta obra tem um caráter peculiar: Nejar fez alguns retornos a ela, com novos personagens e novas vivências. A obra começa no Pampa, atravessa o Paiol da Aurora e segue pela Casa do Vento. *Os viventes* acompanham o poeta pelos caminhos da sua criação. A edição que vamos utilizar em nossa

[157] OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 85.
[158] NEJAR, 2002, p. 399. Grifo do autor.
[159] NEJAR, 2002, p. 403.
[160] NEJAR, 2002, p. 405.
[161] NEJAR, 2002, p. 410.
[162] NEJAR, 2002, p. 412.
[163] NEJAR, 2002, p. 414.
[164] PRADO, Adélia. *Bagagem.* Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 12.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

breve catalogação é a de 1999, Record, Rio de Janeiro. Fabrício Carpinejar, definiu-o assim: "*Os viventes* é um livro da memória escrito pela imaginação. O poeta Carlos Nejar levou vinte anos para ampliar a obra e anexar novos territórios à palavra com o inédito *Livro das bestas e dos insetos*. São 113 personagens acrescidos aos 66 que povoaram a primeira edição (1979)"[165].

Utilizando um dos grandes conceitos de Bakhtin, podemos dizer que o livro em questão é um monumento à dialogicidade[166]. As vozes ecoam por cada formação discursiva, seus nomes e situações evocam diálogos com o tempo histórico e com as memórias que ressoam. Carpinejar mostra-nos um pouco da amplitude que *Os viventes* é capaz de carregar e instigar:

> Mitos como Narciso, Sísifo, Tântalo, Caronte reescrevem suas histórias com o fôlego da contemporaneidade. Residem no presente do futuro, capazes de escolher sua designação e seu destino. Criaturas da arte, como os bufões de Velásquez e os insanos de Goya, carnavalizam a penúria e dignificam o ato mágico da sobrevivência.[167]

Nas oito partes em que se dividem o livro, iniciando com *Anel do vento* e finalizando com *O livro das bestas*, Nejar passeia entre textos bíblicos, bem como seus expoentes, Moisés, Isaías, Jeremias, Daniel, João, dentre outros. O sagrado e o vento da pentecostalidade nejariana ressoam pelas ideias. Nossa predileção pela edição de 1999 deu-se por essa experiência de Nejar em relações mais profundas com a igreja no Espírito Santo, em especial, a Igreja Cristã Maranata[168]. Na nota inicial do livro em análise, Nejar fez questão de marcar o lugar da nova edição com seus acréscimos, aos quais chamou de "novos viventes"[169].

O texto de *Os viventes* é um mosaico de imagens do sagrado e da pentecostalidade nejariana. Em *Sonata para Elza*, Nejar traz a ressonância de sua experiência pentecostal, relatada na primeira subseção do primeiro capítulo desta pesquisa, sobre os sonhos que sinalizavam para o casamento entre Elza e o poeta:

> Em que sonhos me viste,
> antes de conhecer-me?
> Como reconheceste
> o meu rosto em teu sonho?[170]

Nejar chama para *Os viventes* poetas, profetas, amigos, filhos, o amor, Deus, o vento, as imagens que povoam seu imaginário e elaboram sua simbólica, ecoam de modo vasto entre

[165] CARPINEJAR, Fabrício. Fabrício Carpinejar: Os viventes. In: MODERNO, 2009, p. 61.
[166] BAKHTIN, 2016, p. 131-132.
[167] CARPINEJAR, 2009, p. 61.
[168] Nejar dedica o poema *Moisés avista a terra prometida*, em *Arca da Aliança*, ao pastor Gedelti Gueiros, presidente da ICM. NEJAR, *Os viventes*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 102.
[169] NEJAR, 1999, p. 19.
[170] NEJAR, 1999, p. 41. Em entrevista concedida a nós, Nejar contou sobre uma experiência que teve ao sonhar com Elza e ela com ele, experiência que ambos entenderam como um sinal de Deus, um sinal do Espírito Santo. Anexo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

as páginas. Seus temas fundamentais aparecem, como a infância que acabamos de analisar em *Aquém da infância.* Na abertura de *Arca da Aliança*, no poema *Eva*, Nejar pontua a perda da infância: "Tudo é desconhecido/ fora do paraíso"[171]. Na parte dois do poema, o tom é de lamento: "E não escutei Deus, mas a serpente"[172]. Mas, assim como analisamos a pouco, Nejar não finaliza o verso sob o peso do lamento, mas lança a luz da ressurreição:

> Porém, uma mulher,
> como eu, pela semente,
> vem, e com a planta
> do pé que floresceu,
> esmagará a serpente.
> E sob as folhas
> da figueira tapamos
> a nudez e continuamos
> nus, continuaríamos,
> se Deus não nos cobrisse
> de outra pele viva,
> do único capaz
> de abrir o selo:
> a pele do Cordeiro.[173]

Nejar dialoga com os intertextos de Gn 3.15 e a semente da mulher esmagando a cabeça da serpente, bem como o texto de Gn 2.7 e as roupas feitas de folhas de figueira por Adão e Eva, no Éden. Há, ainda, a intertextualidade com o Apocalipse, no quinto capítulo, quando a figura do Cordeiro aparece para desatar o livro selado com sete selos. Nejar, em sua poética pentecostal, nos direciona à adoração. Como diz Richard Bauckham referindo-se à doxologia dos seres celestiais a Deus e ao Cordeiro: "[…] Ele é digno da adoração divina porque essa adoração pode ser incluída no louvor ao único Deus"[174]. O Deus Vivo de Nejar é a essência e a evidência do vivente adorador que o poeta busca ser.

Os temas da ressurreição, do profetismo, da relação com Deus são evidentes no livro, sobretudo na parte da *Arca da Aliança.* Entretanto, a cultura nejariana continua, ao longo de todo o livro dialogando com grandes mestres, como João Cabral de Melo Neto, em *O pão da palavra exata*[175]. Em *Baldeações*, aparecem as figuras de Helena de Tróia[176], Ulisses[177], além de Camões[178]. Eugênio Lisboa, em sua crítica à primeira edição (1979), apontou o sagrado nas linhas dos viventes: "É uma poesia que tem algo de austeramente bíblico, que se apresenta com

[171] NEJAR, 1999, p. 77.
[172] NEJAR, 1999, p. 78.
[173] NEJAR, 1999, p. 79.
[174] BAUCKHAM, Richard. *A teologia do livro de Apocalipse.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 76.
[175] NEJAR, 1999, p. 166.
[176] NEJAR, 1999, p. 229.
[177] NEJAR, 1999, p. 231.
[178] NEJAR, 1999, p. 351.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

aquela ‘solenidade dos grandes ruídos’ de que falava Baudelaire, a propósito da música de Wagner”[179]. O discurso pneumático[180] nejariano é um convite aos viventes de todos os tempos, um chamado à textura da mediação simbólica, como diz Ricoeur[181].

Os viventes é uma obra plena que carrega e projeta o imaginário religioso-pentecostal de Nejar em suas acepções mais profundas. Ivan Junqueira, sobre a obra em 1984, percebeu a dimensão apocalíptica[182] na epígrafe do poema *O anel do vento*, demonstrando o quanto a imaginação apocalíptica atravessa a produção nejariana: “[…] a problemática da morte e do juízo, do julgamento em âmbito bíblico, prenunciado na epígrafe tomada de Isaías […]. Em sua aguda desolação, esses ‘viventes' nos lembram um pouco os *hollow man*, de T. S. Eliot"[183]. Günter W. Lorenz, definiu o livro como: “[…] Um Canto Geral metafísico, religioso, cheio de poesia multifacetada […]”[184]. As percepções que temos dos viventes nejarianos, e das obras aqui apresentadas, podem tornar-se espelho das nossas vivências, o que aprofunda o contato com a imaginação vertiginosa, presentes nas leituras nejarianas.

2.2 Entre a Nuvem e o redemoinho: leituras nejarianas

A imaginação vertiginosa em Nejar, é multifacetada, plurissignificativa. Sua imagética carrega elementos dialógicos e polifônicos com enorme potencialidade discursiva, sobretudo porque sua construção simbólica é abundantemente perpassada pelo sagrado. Nejar, Servo da Palavra, busca trazer o sagrado para o cotidiano, com imagens, símbolos e linguagens que estão nas vivências cotidianas, sem escapes ou fugas para um mundo excessivamente místico. Daniel Guanaes explica esse sagrado nejariano no aqui e agora:

> Cristão que é, Nejar possivelmente aprendeu com Jesus a adubar o cotidiano com o substrato sagrado. O mestre de Nazaré não tocava a alma das pessoas apontando para o além. Pelo contrário, ele trazia o que transcendia para a realidade imanente da

[179] LISBOA, Eugênio. *Vai, passeante, contar em Lacedemônia…* Posfácio. In: NEJAR, 1999, p. 433.
[180] O discurso pneumático nejariano, sobretudo quando o entendemos à luz da pentecostalidade em Bernardo Campos, une o Espírito Santo desde o Sinai. CAMPOS, 2018, p. 25. Nejar, em *Arca da Aliança*, também coloca o Espírito já em Noé, perpassando o Antigo e o Novo Testamentos e preenchendo o discurso com as imagens do simbólico pentecostal. NEJAR, 1999, p. 87, 104, 120, 138-139.
[181] RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 102.
[182] Embora Junqueira tenha aplicado uma visão literária, a imaginação apocalíptica pode ser percebida no discurso nejariano, não se esgotando ao texto de *Os viventes.* Em *Riopampa: o moinho das tribulações*, por exemplo, o imaginário apocalíptico nejariano é abundante. O personagem João, o Velho, é uma figura simbólica de João, o Visionário, do Apocalipse. NEJAR, 2006, p. 124.
[183] JUNQUEIRA, Ivan. *Crítica de Os viventes.* In: NEJAR, 1999, p. 437. *The hollow man* é um poema de 1925, de T. S. Eliot (1888-1965), publicado na *Collected Poems* (1909-1962), London: Houghton Harcourt, 1ª edição, 1963.
[184] LORENZ, Günter W. *Crítica de Os viventes.* In: NEJAR, 1999, p. 438.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

> história das pessoas simples com as quais convivia. Suas parábolas contavam com elementos como o semeador, o solo, a semente, o grão, a árvore. A mulher que faz faxina, o pai que tem dois filhos, o pastor que perde uma ovelha. O sagrado, em Jesus, é cotidiano. Nejar, como servo, faz o mesmo que o seu Senhor. O universo de sua literatura também é composto pelo trivial: o rio, a pedra, o sol, o cão, o sono, a morte, a culpa, o vento. A água azul, os túmulos, o amor, o dormir e o acordar. O sagrado nejariano também está no que se passa no dia a dia. [185]

Ampliando o olhar para o sagrado nejariano no dia a dia, precisamos incluir outra imagem/símbolo marcante na teopoética nejariana: a Nuvem[186]. *A engenhosa Letícia do Pontal*, obra que Nejar levou dezesseis anos para escrever, apresenta-nos um dos personagens mais simbólicos do universo nejariano: Letícia, a Nuvem. Ana Marques Galvão, discorrendo sobre os personagens/símbolos nejarianos e suas mutações entre o imaginário e a humanização, pontua sobre Letícia: "[…] uma Nuvem trocar os espaços sidéreos pelo chão, participando de uma hipertrofia fabulosa da temporalidade, e tornando-se humana, mulher nesse devir-outro que é a transitoriedade das formas"[187]. Galvão chama Letícia de "espécie de Quixote de saias […] uma cavaleira andante, 'rechonchuda, fofa, com uma pequena e inaudível barriga', o olhar dos videntes e o amor na pele […]"[188]. A proeza narrativa de Nejar fez de *A engenhosa Letícia do Pontal*, uma obra máxima, reverenciada e celebrada.

A imagem da nuvem é um dos símbolos da linguagem bíblica mais significativos. Sua profundidade e polifonia podem ser percebidos sempre que dialogamos com os hipertextos bíblicos, o que Nejar faz de modo recorrente[189]. De acordo com Manfred Lurker:

> […] As nuvens que percorrem os céus, tornam-se, na linguagem metafórica do Oriente, carruagens de Deus: "Javé, montado em uma nuvem veloz, vai ao Egito" (Is 19.1); é ele quem "toma as nuvens como seu carro" (Sl 104.3). As nuvens se tornam sinal visível da presença de Deus. Em sua peregrinação pelo deserto, o Senhor caminhava à frente do seu povo eleito numa coluna de nuvem (Ex 13.21); a glória do Senhor apareceu na nuvem (Ex 16.10). Quando a nuvem descia e se punha sobre a arca da aliança, os israelitas armavam suas tendas. Fora do acampamento estava a "Tenda da Reunião"; logo que Moisés entrava na tenda, "baixava uma coluna de nuvem, parava à entrada da Tenda, e ele falava com Moisés" (Ex 33.9). [190]

A simbólica da nuvem ainda aparece no templo construído por Salomão (1Rs 8.10), na linguagem profética de Ezequiel (1.4), bem como figura da vulnerabilidade humana e sua fragilidade na experiência de Jó (Jó 7.9; 30.15). No Novo Testamento, a nuvem também tem

[185] GUANAES, Daniel. Evangelho segundo o vento. *In:* TERRA; LAGO, 2022, p. 111.
[186] Nos textos nejarianos, geralmente, a grafia de Nuvem está em maiúscula, exceto quando são alusões diretas sobre nuvens no céu mesmo. A grafia em maiúsculo, tende a ser um dado semântico para evocar a personalidade da Nuvem e, também, sinalizar para o seu caráter de sagrado, assim como Nejar faz com o Vento.
[187] GALVÃO, Ana Marques. A aprendizagem da visão. *In:* MODERNO, 2009, p. 93.
[188] GALVÃO, 2009, p. 93.
[189] NEJAR, 2003, p. 165.
[190] LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos.* São Paulo: Paulus, 1993, p. 163.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

registros, como na Transfiguração de Jesus (Mt 17.5) e em sua ascensão (At 1.9). A nuvem aparece também na linguagem apocalíptica, tanto no discurso do próprio Cristo (Mc 13.26), como na teologia paulina (1Ts 4.1), e também no Apocalipse (14.14). Segundo Lurker:

> Por medo de deformação, o Criador era simbolizado, no começo da Idade Média e na arte românica, por uma mão que atravessava as nuvens. Lucas Cranach, numa pintura do paraíso, pôs a cabeça de Deus Pai numa coroa de nuvem. Em Hugo van der Goes (altar de Portinari), o Jesus menino está deitado sobre nuvens, pois que é, de acordo com Daniel (7.13), o Filho do Homem que apareceu com as nuvens do céu. [191]

A Nuvem de Nejar é o sagrado que anda entre nós, humanizada e humanizando, convidando ao delírio como dimensão de santidade, como "loucura que vê"[192]. Cícero Sandroni diz: "[…] Nuvem – névoa, bruma, cúmulo, nimbo – Nejar pintou um afresco da condição humana, produziu sua ópera magna, na qual opõe, ao irracional dos que insistem em destruir a civilização em nome do progresso, a loucura fecunda dos que resistem à desumanização"[193]. O próprio Nejar, antes de começar seu texto, avisou: "Qualquer semelhança com outros seres não é coincidência. E acontecerá, quando menos se espera acontecer"[194]. Letícia é sagrada. Letícia é nossa[195]. As leituras nejarianas são plurais, sobressimbólicas.

No livro, Nejar dialoga intensamente com a cultura, com os grandes nomes da literatura e, sobretudo, com a Bíblia, numa intertextualidade constante. Na primeira frase do primeiro capítulo, há uma evocação intertextual com Gn 1 e o prólogo joanino, Jo 1: "No princípio era Letícia, depois de haver acordado a palavra"[196]. Os símbolos vão surgindo e conversando com a Nuvem e com o imaginário religioso-pentecostal nejariano: "– E o fogo é alma – falou Letícia"[197]. O discurso pneumático incessante é como o próprio trânsito incessante da Nuvem. Na linguagem nejariana, sempre que se referia a Deus, Letícia, a Nuvem, "chamava-o de O Novo. Ou então, singularmente, O Sempre"[198].

Um dos personagens do livro sinaliza o imaginário religioso-pentecostal em sua acepção mais recorrente: o Pastor Demócrito, pregador pentecostal: "[…] em uma de suas pregações, com fogo saindo dos olhos e da boca, afirmava 'que o tempo é correnteza'"[199]. Essas imagens

[191] LURKER, 1993, p. 163-164.
[192] NEJAR, 2003, p. 49.
[193] SANDRONI, Cícero. Letícia do Pontal: a esperança do humano. *In:* MODERNO, 2009, p. 85.
[194] NEJAR, 2003, [n.p.].
[195] Letícia, Assombro, Elza, serão analisadas também no terceiro capítulo quando enfatizaremos o feminino na leitura nejariana, p. 79.
[196] NEJAR, 2003, p. 15.
[197] NEJAR, 2003, p. 16.
[198] NEJAR, 2003, p. 33.
[199] NEJAR, 2003, p. 68.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

da pentecostalidade nejariana são elementos do cronotopo[200] nejariano a partir de seu trânsito criativo: "Viajamos por Pontal de Orvalho, Riopampa, Assombro"[201]. Nejar convida o pregador e seu fogo para o imaginário da Nuvem, convertendo em simbólicas do sagrado não apenas o ato da pregação em si, mas o encontro da transcendência da Nuvem com a imanência dos lugares por onde ela passa. Nas palavras de Nejar: "E a Nuvem queria o mundo amado e transformado"[202].

O romance polifônico de Nejar chama diversas outras vozes em seu diálogo. Sandroni aponta para o fato de que "[…] escrito sob a influência do idealismo delirante e do humor do Quixote, mas revelador da inspiração de outros autores lidos e relidos, de Rabelais a Machado, dos surrealistas a Jorge Luís Borges […]"[203], Nejar segue em intertextualidades e interdiscursividades reveladoras de sua arte. Outros nomes aparecem ao longo do texto: Goethe, Hegel, Kant, Sócrates, Rimbaud, Horácio, Tolstoi, Novalis, Voltaire, além de Cervantes e Chesterton, Millôr Fernandes e Dante Alighieri, dentre outros. A Nuvem cobre o céu da literatura e faz chover imaginação e potência criativa. Como dizia Bakhtin: "[…] as grandes obras literárias são preparadas ao longo dos séculos e na época de sua criação é só uma questão de colher os frutos maduros do amplo e complexo processo de maturação"[204].

A dimensão do sagrado em Nejar, o mistério, perpassa o caminho humanizado da Nuvem. Letícia constrói sua teoria a respeito do mistério observando um antigo provérbio germânico: "Duas metades de um cavalo não fazem um cavalo"[205], mas elaborando uma leitura oposta ao afirmar: "[…] Duas metades de Nuvem fazem, exemplarmente, uma Nuvem"[206], e prossegue: "[…] Uma Nuvem se compadece de outra, e se unem quando a carência do mistério é a mesma. Mas são tão difíceis dois mistérios iguais que a junção poderá ocorrer apenas na categoria das Nuvens"[207]. Nejar chama essa elaboração da condição humana vista pela Nuvem de "teoria das compadecências"[208]. Letícia nos leva a uma imersão no sagrado que não se

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

[200] "Cronotopo e exotopia são dois conceitos de Bakhtin que falam da relação espaço-tempo. O primeiro foi concebido no âmbito estrito do texto literário; o segundo refere-se à atividade criadora em geral – inicialmente à atividade estética e, mais tarde, à atividade da pesquisa em Ciências Humanas". AMORIM, Marilia. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAITH, 2021, [n.p.].
[201] NEJAR, 2003, p. 76.
[202] NEJAR, 2003, p. 99.
[203] SANDRONI, 2009, p. 83.
[204] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética:* a teoria do romance. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1986, p. 4.
[205] NEJAR, 2003, p. 113.
[206] NEJAR, 2003, p. 113.
[207] NEJAR, 2003, p. 113.
[208] NEJAR, 2003, p. 113.

contenta em olhar de lá para cá, mas numa encarnação, desce e faz-se participante da condição humana.

A Nuvem nejariana tem princípios:

> Mas, nas alturas, não se percebem causas, mas efeitos. Pois o primeiro princípio que Letícia sustentava é o de que todas as Nuvens são dramaticamente tolerantes. Até choverem. O segundo é o de que a chuva eclode através de algumas frestas, onde a raiva nubente ruge. Terceiro, quando essa mesma raiva rebenta por todos os pontos, então o limite da ferocidade vai à última gota. Letícia, porém, apregoava graus de tolerância. Ao acabar a ração de suportabilidade da espécie, começa a fome do universo.[209]

Letícia é a Nuvem que faz subir aos céus sua prece, não apenas que derrama algo de cima. Nejar expõe essa espiritualidade da Nuvem: "Não foi uma. Muitas vezes. De ver, eu vi: Letícia orante. […] a Nuvem ascendia como diante do fogo"[210]. No texto nejariano, Letícia instiga o questionamento, a busca do mistério que invade a condição humana. Nejar pergunta: "Porventura, entre os seres, poderá haver algo tão excêntrico como uma Nuvem humana?"[211]. A teopoética nejariana faz a mistura de símbolos: a Nuvem, que dialoga com o imaginário da presença de Deus, o fogo e o vento, que evocam as imagens da pentecostalidade[212] e a condição humana, o barro, o esquecimento e a loucura. Nejar pontua: "E chegou a uma questão irrecusável: 'Não, não pode existir Nuvem sem o vento!'"[213]. Em Nejar, a Nuvem entra no fogo, o humano é purificado pelo Espírito de Deus.

O imaginário religioso-pentecostal nejariano segue dialogando nos personagens de Letícia. O Pastor Demócrito, por exemplo, é afetado por visões e manifestações espirituais típicas da pentecostalidade:

> Certa vez, quando um inspetor de polícia de Pontal ameaçou prender injustamente uma ovelha de seu redil, disse: "Cuidado, quem tocar na menina dos olhos do Senhor, recebe a sua justiça!" E o inspetor, assim que preparou o mandado de prisão, foi fulminado de apoplexia. Outra ocasião, orientando-se por um sonho que mostrava que Edna, esposa de um comerciante, que estava imóvel numa cama, com os membros inferiores paralisados, seria curada, logo que orasse pela enferma, ele obedeceu e Edna levantou-se do leito, justificada. Outra vez – como segurar os desígnios do Alto? –, ao interceder na igreja, por Fernanda, casada com um obreiro, profetizou que ela esperava uma criança, cujo nome seria Daniel. Nem sabia que engravidara. E Daniel veio à luz. Seria um profeta prevendo o advento de outro? [214]

[209] NEJAR, 2003, p. 152-153.
[210] NEJAR, 2003, p. 169.
[211] NEJAR, 2003, p. 171.
[212] CAMPOS, 2018, p. 25; 35.
[213] NEJAR, 2003, p. 176.
[214] NEJAR, 2003, p. 184. Nejar aqui faz um diálogo intertextual com Zacarias 2.8 "menina dos olhos".

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

A espiritualidade pentecostal de Nejar pode ser percebida por todos os capítulos, não como delírio ou misticismo esotérico, mas como experiência e discurso sagrado. Muito além da caricatura religiosa ou do cartesianismo sem alma, Nejar partilha o fato pneumático na vida, na realidade cotidiana dos personagens. Letícia é a Nuvem que fala, que compartilha dos caminhos da experiência. Entendemos que a Nuvem pode ser vista como símbolo da pentecostalidade (Sinai, Atos), sem esgotá-la, pois também pode ser metáfora e imagem literária (como o próprio Nejar a utiliza em *A nuvem candidata à presidência*[215]).

Em nossa pesquisa, no recorte que estudamos Nejar, sobretudo por sua experiência religiosa-pentecostal, podemos compreender a Nuvem como imagem da pentecostalidade, pois a construção textual, sua intertextualidade bíblica, corroboram nossa leitura. A própria experiência nejariana de sair do Pampa e morar no Pontal da Aurora é compartilhada com a Nuvem[216]. Letícia é um monumento da condição humana em sua singularidade, vulnerabilidade e paixão. Numa fala marcante, Letícia afirma: "O que sei é que não é a forma, é o conteúdo. Fiquei humana porque sinto, choro, sofro"[217]. Letícia "[…] albergava eficiente eternidade. Aquela que, ao fazer a chuva, se dilui, e ao ser água, depois se anuvia. E se era imortal, duradoura, por que se preocupava com as efêmeras coisas humanas?"[218] A resposta de Letícia é memorável: " – Eterno é o céu! – ela disse. – Sou apenas a sua parte mudável"[219]. O sagrado anda entre o efêmero.

No final do livro, Nejar abre as janelas da imaginação pentecostal e afirma: "[…] o verdadeiro escriba, contador da história da Nuvem, é o vento"[220]. Letícia ensina, inspira e, como Nuvem pentecostal que é, convida à experiência pneumática. Seu caminhar e suas peripécias são derramamentos espirituais e imaginativos. Literatura, símbolos e linguagens que ampliam metáforas e criam conceitos. Como a própria Nuvem afirmou: "E quem não é Nuvem – não adianta forçar! –, jamais fará chover"[221]. O vento como imagem pentecostal é reconhecido como parte fundamental do imaginário pentecostal. Desde as imagens do vento no Antigo Testamento até Jesus e o Pentecostes em Atos, o vento é sempre uma imagem presente.

O segundo romance que passamos a analisar é *Riopampa: o moinho das tribulações.* Vamos utilizar a edição de 2006, da Bertrand Brasil. O livro é, como muitos desse período, dedicado a Elza, a esposa de Nejar. Na epígrafe, Nejar evoca o texto bíblico de Jó 38.1: "E

[215] NEJAR, Carlos. *A nuvem candidata à presidência.* Goiânia: R&F, 2010.
[216] NEJAR, 2003, p. 220.
[217] NEJAR, 2003, p. 235.
[218] NEJAR, 2003, p. 295.
[219] NEJAR, 2003, p. 295.
[220] NEJAR, 2003, p. 304.
[221] NEJAR, 2003, p. 156.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Deus respondeu a Jó do alto do redemoinho"[222]. *Riopampa* é um monumento literário, um livro que subverte modelos tradicionais e sorve da metáfora do redemoinho, sobretudo em duas de suas aplicações bíblicas: a tribulação e a manifestação epifânica de Deus. O texto bíblico nos apresenta Deus numa relação com Jó a partir da manifestação numa tempestade ou redemoinho. O livro dialoga com outras aparições bíblicas da mesma experiência, como Ezequiel 1.4 e Naum 1.3.

Luiz Alexandre Solano Rossi, em seu livro sobre Jó, destaca a ideia metafórica do redemoinho na condição humana, bem como a manifestação de Deus na história das nossas tribulações, evocando uma percepção teológica do Deus que se apresenta em meio ao sofrimento, sem negar sua voz e sua presença:

> Que é a nossa visão senão um redemoinho permanente no centro do qual rodopiamos arrastados pelos acontecimentos e padecimentos da vida? É confortável sabermos que Deus está onde os redemoinhos se apresentam. Ninguém pode negar que a história humana seja uma grande e permanente convulsão. É, pois, aí que Deus está conduzindo a história para os seus retos desígnios (38.2).[223]

Em seu comentário sobre Jó, Samuel Terrien, mostra-nos outras ocorrências do termo tempestade, nos profetas e nos salmistas como "elemento de teofania escatológica"[224]. Segundo R. D. Patterson, o vocábulo tempestade designa: "[…] uma tempestade literal (Sl 107.25 e ss.; 148.8), às vezes como símbolo do juízo divino (Is. 29.6). Seu emprego como teofania (Jó 38.1; 40.6) torna mais compreensível o traslado de Elias para o céu num redemoinho (2Rs 2.1, 11)[225]. Nejar mantém uma dimensão apocalíptica em seu discurso, sobretudo no livro ora pesquisado. O romance nejariano é profundo e requer um nível de concentração intenso, pois dialoga com o significante do redemoinho/tempestade e tudo o que seu imaginário implica. Como dizia Bakhtin: "[…] A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz"[226].

Riopampa é um romance com forte presença da pentecostalidade teopoética nejariana. A primeira frase do livro evoca um vocábulo profundamente simbólico no discurso pneumático: "O vento sempre conversa com quem o sabe escutar"[227]. Nejar dialoga intertextual e interdiscursivamente com a conversa entre Jesus e Nicodemos, registrada em João 3.8, sobre o

[222] NEJAR, 2006, [n.p.].
[223] ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A falsa religião e a amizade enganadora:* o livro de Jó. São Paulo: Paulus, 2005, p. 181.
[224] TERRIEN, Samuel. *Jó:* Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1994, p. 274.
[225] PATTERSON, R. D. Tempestade. *In:* HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1529.
[226] BAKHTIN, Mikhail, *Problemas da poética de Dostoiévski.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 202.
[227] NEJAR, 2006, p. 9.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

vento, como imagem metafórica do Espírito de Deus e sua relação com a arte da escuta: "O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai […]"[228]. O imaginário religioso-pentecostal tem dialogado com as imagens simbólicas do Espírito Santo, imagética que o discurso de Nejar emoldura e projeta: fogo, vento, nuvem. O discurso nejariano, sobretudo no âmbito do romance, não tenta racionalizar o vento, mas ampliar a simbólica a partir da ideia de relação de escuta: ouvir o vento.

César Moisés e Céfora Carvalho, em sua *Teologia Sistemático-Carismática*, tratam da dinâmica da revelação na epistemologia pentecostal, citando o teólogo dominicano e cardeal francês, Yves Congar, mostrando-nos um pouco desse diálogo com as imagens e a simbólica pentecostal:

> Péguy dizia: na Bíblia não há uma única palavra abstrata. Muitas coisas sobre Deus, sobre a igreja, nos foram comunicadas em imagens e relatos de ações. Sobre o próprio Espírito Santo, a Revelação nos fala em imagens: sopro, vento, água viva; fogo, línguas de fogo; dedo de Deus, pomba, unção, […] nuvem. E por que a Bíblia nos diz que Deus é um rochedo – e um rochedo que se pede não seja surdo (Sl 28.1)? Mas Deus é também um leão, um esposo, e muitas outras coisas. Por que Cristo é pedra angular, mas também cordeiro, leão etc.? Por que Ele nos falou do Reino em parábolas: "O Reino de Deus é comparável a…"? São imagens, símbolos, metáforas. Em que condições epistemológicas e por quê?[229]

As imagens do vento, rio, redemoinho, dentre outras, são constantes e constituintes da obra. A consciência da utilidade de uma linguagem simbólica parece límpida a Nejar. Em um diálogo profundo, o narrador conversa com Tarsus, personagem de rara sensibilidade: "– para explicar um símbolo, empregas outro símbolo?" "– Todas as coisas são símbolos ao usarmos as palavras", constatou[230]. O romance nejariano é um convite ao romper de fronteiras, à subversão dos rótulos. Irene Machado, discorrendo sobre as ideias de gêneros discursivos em Bakhtin, diz algo que cabe perfeitamente na descrição de *Riopampa*. Para Machado, Bakhtin via o romance como "um gênero rebelde demais para caber numa estrutura pré-determinada"[231]. Em *Riopampa*, não há capítulos, os cavalos sonham e conversam com os homens e seu povoado vizinho é a cidade chamada Assombro[232].

Riopampa é um prodígio imaginativo: cidade, tempo e coração humano, "terra que ninguém pisa"[233]. A dialética bem x mal é explorada pelo viés do sagrado nejariano das

[228] Bíblia de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
[229] CONGAR, Yves *Apud.* MOISÉS, César; CARVALHO, Céfora. *Teologia sistemático-carismática*. vol. 1 Pneumatologia. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 385.
[230] NEJAR, 2006, p. 76.
[231] MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. *In*: *Bakhtin:* conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2021, p. 163.
[232] NEJAR, 2006, p. 138.
[233] NEJAR, 2006, p. 167.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

imagens: as cidades vizinhas são Assombro e Solturvo[234], cidade seca e sombria, cujo desejo era roubar o rio Tonho, de Riopampa. Ainda dentro dessa dialética, há o Padre Guelras[235], cuja teologia fria é só letra, sem espírito, evocando a intertextualidade de 2 Co 3.6. Riopampa dialoga com a imagética da fome, do poder, da guerra e da morte. Um dos trechos mais intensos dessa presença da morte é uma imagem que sugere o Cristo crucificado, evocando o Servo sofredor de Isaías 53. Na construção nejariana, a morte só morre na palavra, sua grande derrota é sempre pela palavra: "E a morte não sabia mais o que fazer de si mesma. Sugeri que se matasse e ela me disse: – 'Só a Palavra me mata'. E eu na Palavra resolvi matá-la. Matei. Matada"[236]. A palavra e a ressurreição são símbolos que se entrelaçam na espiritualidade nejariana. A figura do mal, na dialética nejariana, é aquilo que não tem infância; é nuvem escura, floração desconhecida[237].

O imaginário religioso-pentecostal de Nejar aparece amplamente em *Riopampa*. Nejar convoca a intertextualidade de Ezequiel 1.13-21 para falar sobre o Espírito e a experiência mística do profetismo apocalíptico[238]. A presença do Espírito em Jesus, no ventre de Maria (Lc 1.41), é evocada na cena em que Jacobe também tem o Espírito movendo-se nele ainda no ventre[239]. Outro personagem que carrega a densidade poderosa do nome/signo é Horebe, uma simbólica de homem/monte/sarça que dialoga com a experiência de Moisés em Êx 3[240]. Essas imagens simbólicas do discurso pneumático em Nejar são perpassadas pela apocalíptica nejariana, sobretudo quando há as aparições dos mortos ressurgindo, numa intertextualidade com 1 Ts 4.13-17[241]. A imagem de João, O Velho, liga-nos diretamente ao Apocalipse, quando Nejar põe na boca do personagem a fala: "Escrevo o fogo em mim"[242]. Além da descrição apocalíptica do "novo nome como pedra branca do rio" (Ap 2.17)[243], há, ainda, a figura sinistra de Abedón, personagem místico e misterioso[244].

Nejar usa de forma abundante seu imaginário religioso-pentecostal, suas imagens, símbolos e linguagens. As vivências e experiências nejarianas com o fogo do Deus Vivo, tão importantes ao poeta, ampliaram a sua criação e manifestaram seu desejo e fome de Deus. Se a primeira palavra do livro foi o vento, a última honrou a imagem do redemoinho: "Até cairmos

[234] NEJAR, 2006, p. 40-41.
[235] NEJAR, 2006, p. 176-177. Solturvo sugere um neologismo entre as sobras e luzes: o turvo dentro do sol.
[236] NEJAR, 2006, p. 85.
[237] NEJAR, 2006, p. 205-206.
[238] NEJAR, 2006, p. 100.
[239] NEJAR, 2006, p. 101.
[240] NEJAR, 2006, p. 108.
[241] NEJAR, 2006, p. 116-117.
[242] NEJAR, 2006, p. 124.
[243] NEJAR, 2006, p. 117.
[244] NEJAR, 2006, p. 175-176; 186. Figura que evoca Apocalipse 9.11, o anjo do abismo, Abdon.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

todos, todos. Todos em Deus. E dentro do vento"[245]. Como afirmou Fabrício Carpinejar, na orelha do livro: "*Riopampa* aboliu as margens da leitura. O texto parte do centro como um redemoinho. Igual a um rio que, por excesso de imaginar, não fica preso às margens"[246]. Nejar nos convoca a uma viagem pelas imagens e símbolos que, pela via da santidade da loucura, elevam-nos à experiência da literatura como discurso religioso enriquecedor, gerador de obras marcantes, como veremos na amostra nejariana da próxima subseção.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

2.3 Poesia e a santidade da loucura: provocações nejarianas

O discurso nejariano, com sua forte presença do sagrado, traz na essência um profundo teor profético, místico, provocativo. O sagrado que preenche o discurso nejariano não é apenas uma força imaginativa distante, conceito frio e imóvel, mas sim, um convite à participação nas vivências dos viventes, uma inquietação santificadora, alimentada pela percepção de que o sagrado, o vento, se move na atividade cotidiana, nas experiências da condição humana. Márcio Cappelli nos ajuda nessa percepção: "A experiência poética possui uma semelhança fenomenológica com a experiência religiosa, mística, profética: surge de um *pathos* e é expressa pela imagem, pela metáfora que traduz o indizível"[247]. Nejar usa o discurso pneumático para traduzir o indizível de sua inquietação, a fala do poeta-profeta, como o faz através do personagem Martinho, em *Carta aos Loucos*, cujas falas e aparições são pontuadas pela força da palavra[248]. Cappelli afirma: "A inclinação do poeta é semelhante à do profeta. Este se sente convocado a dizer uma palavra divina, comunicando o querer desse Deus"[249].

Nesta subseção, pretendemos, à guisa de amostra nejariana, focar essa dimensão mística, profético-apocalíptica em Nejar, a partir de dois livros: a poesia de *A idade da aurora* e o romance de *Carta aos loucos.* Nossa intenção é seguir mostrando, nessas duas obras-primas, a veia poético-profética da pentecostalidade nejariana. A provocação com aspectos políticos na rapsódia de *A idade da aurora* e a santidade da loucura em *Carta aos loucos*, são amostras do multiverso nejariano, tão rico em imagens, símbolos e linguagens nascidas da pentecostalidade de Nejar. Em muitas de suas outras obras essas dimensões são reproduzidas: *Riopampa* e *A engenhosa Letícia do Pontal*, livros estudados na subseção anterior, são exemplos práticos dessa veia provocativa, entretanto, o nível de aprofundamento que se observa em *Carta aos*

[245] NEJAR, 2006, p. 209.
[246] CARPINEJAR, 2009, p. 63.
[247] LOPES, 2017, p. 22. Grifo do autor.
[248] NEJAR, 1998, p. 139-140.
[249] LOPES, 2017, p. 22.

loucos, por exemplo, é admirável. A palavra, em Nejar, é sempre muito mais ampla que o simples registro do vocábulo. Sempre há uma dimensão provocativa e amplificadora.

Para a nossa pesquisa, usaremos a edição de 2002 que consta na poesia reunida em dois volumes: *A idade da noite*, volume I e *A idade da aurora*, volume II, já utilizada por nós nas análises de *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas* e *Aquém da infância*. A rapsódia *A idade da aurora* foi inserida no final do volume II da poesia reunida. Antônio Geraldo da Cunha define rapsódia como: "trecho de uma composição poética; fantasia musical que utiliza melodias tradicionais ou populares"[250]. A poesia que canta o futuro, inclusive como personagem, é poema desejante de reinvenções, de novas perspectivas. O poeta-profeta não é um ativista panfletário, mas um arauto da esperança, um anunciador de melodias transformadoras.

Em entrevista a Ana Marques Gastão, Nejar responde à pergunta: "Que quis com este livro?":

> Drummond viu a pedra no caminho. Temos de retirar a pedra do caminho. A poesia faz acontecer. Recrio a fundação do Brasil com *A idade da aurora*, espécie de narrativa poética musicada talvez pelo piano das marés. É a gênesis do país-palavra, do poema. E a morte apodrece, porque ela não tem herdeiros. Há de reinventar o Brasil pela linguagem. E a nossa identidade verdadeira é encontrada na Poesia. E o principal personagem não é o mundo acabado da épica tradicional. É futuro, o que está sucedendo. E a nova épica, como previu Octavio Paz – é a do homem em viagem. E o texto nasceu para ser lido em voz alta (daí a rapsódia). [251]

Nejar deseja a oralidade cantante, a música poética que olha para o futuro e enxerga possibilidades, esperanças. Alfredo Bosi destacou essa dimensão esperançosa: "[…] A palavra de Carlos Nejar abre-se para o futuro. Não sendo em vão que o protagonista de *A idade da aurora* seja Futuro"[252]. O poeta e crítico literário, Antônio Carlos Secchin, membro da ABL, define *A idade da aurora* como:

> […] o projeto de maior fôlego e de mais densa envergadura da poesia nejariana: *A idade da aurora* (1990). Classificado, pelo próprio autor, de "rapsódia", o texto, numa sucessão vertiginosa de metáforas ("E é um caracol a manhã pelo rugir das chamas"; "O mundo é uma baleia"), recria miticamente um Brasil de cores, sons, aromas, sob a forma de uma fábula arquetípica a que não faltam traços de oralidade aliados a uma sofisticada trama de imagens. O poeta, mais do que criar metáforas para conotar um real que lhes seria preexistente, sugere que, ao contrário, só através da metáfora o real se pode constituir, como um de seus efeitos – seja uma pétala, seja um país. [253]

[250] CUNHA, 2010, p. 546.
[251] GASTÃO, Ana Marques. Entrevista de Carlos Nejar a Ana Marques Gastão. *In*: MODERNO, 2009, p. 194-195.
[252] BOSI, Alfredo. A poesia reunida de Carlos Nejar. *In*: MODERNO, 2009, p. 3.
[253] SECCHIN, Antônio Carlos. Carlos Nejar: A idade da noite (Poesia I), A idade da aurora (Poesia II). *In*: MODERNO, 2009, p, 8.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Nejar parece demonstrar bem o que Bakhtin dizia sobre o texto verdadeiramente criador: "Todo texto verdadeiramente criador é sempre, em certa medida, uma revelação do indivíduo livre e não predeterminado pela necessidade empírica. Por isso ele (em seu núcleo livre) não admite nem a explicação causal nem a previsão científica […]"[254]. As tradutoras de Bakhtin e do seu Círculo[255], Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, apontam para um detalhe da tradução de Bakhtin e seu Círculo, quanto ao vocábulo palavra: "O primeiro significado de *slovo* é 'palavra', tal como na tradução espanhola de Tatiana Bubnova […]. No entanto, o termo também foi traduzido por 'discurso' a partir da tradução francesa de Tzvetan Todorov"[256]. Nejar consegue reunir em seu significado as duas acepções bakhtinianas: palavra, em Nejar, é palavra e discurso, é aurora como manhã e como horizonte de esperança.

A pentecostalidade nejariana, aflorada em seu período de atuação no estado do Espírito Santo, é percebida em sua produção, sobretudo na veia provocativa e profética, na busca desejante de um futuro que seja alcançado pela palavra. No final de *A idade da aurora*, há um colofão: "*A Idade da Aurora: Fundação do Brasil* – Rapsódia – é composta de três partes: *A Idade da Aurora, Futuro e João Serafim.* Elas vivem independentes e continuam uma à outra. Foram escritas em Vitória e Guarapari, ES. Durante todo o ano de 1988 até março de 1990"[257]. O Servo da Palavra compartilha seu discurso sagrado e sua provocativa apocalíptica em relação intertextual com 1Co 15.51-54 e 1Ts 4.14-17:

> Columba, teremos,
> subindo,
> Um corpo incorruptível.
> Até às nuvens[258].

A poesia de *A idade da aurora* busca a reinvenção do país, não apegando-se aos aparatos políticos, mas a partir do olhar que ressignifica o futuro: "Um dia Brasílio riscou o chão da ilha, com um nome: *Futuro*"[259]. A simbólica nejariana evoca os significantes que a palavra instiga: "Cada palavra, um símbolo. Inventar é ir vendo. As coisas só têm sentido quando estão acontecendo"[260]. O Brasil, o futuro e a ilha tornam-se notas de uma mesma música, a oralidade

[254] BAKHTIN, 2016, p. 77.
[255] Segundo Faraco, o Círculo bakhtiniano foi composto por um grupo de intelectuais de diferentes formações, cujos principais integrantes da área da linguagem são Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, e Pável Medviédev, que se reuniam, na Rússia, para debater suas ideias, principalmente entre 1919-1929. FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo:* as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola editorial, 2009, [n.p.].
[256] VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia:* ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 109.
[257] NEJAR, 2002, p. 501.
[258] NEJAR, 2002, p. 439.
[259] NEJAR, 2002, p. 444. Grifo do autor.
[260] NEJAR, 2002, p. 446.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

contagiante da rapsódia: "[…] Amor não se presume. Se completa. A linguagem com suas flores grandes: não dorme. Insone é a história. Insone e sem família. Tudo são graças! E Futuro é a ilha"[261]. A provocação nejariana sugere uma revolta contra Cronos, o deus-tempo que devora seus filhos. O futuro não é mais domínio cronológico, é delírio profético, e está em Deus, o Deus Vivo de Nejar: "O rapaz desconhecia as noções de meses, anos. Guiava-se pelo solo cifrado da ilha. As inscrições, saliências, aromas, protuberâncias e pássaros. E na gramatical lógica das águas. Nas altezas de Deus"[262].

João Serafim, o que "se amasiara com a Palavra"[263], também provoca o despertar poético que nos habita, no reconhecimento desse ser de fronteira: é João, nosso, mas é Serafim, sagrado, divino. É imanência de um João que está aqui e agora, mas é transcendência de um Serafim que o imaginário religioso sabe reconhecer como dado sagrado. Serafim, na obra de Nejar, é profeta que "prenunciava o que lhe era ditado pela sua Palavra[264]. O profeta aqui é todo envolvido no amor e na palavra, ele "não assinava acordo com a morte"[265], não desperdiça o futuro, mas ajuda a construi-lo. Serafim é construído como profeta que tem um caso de amor com a palavra, uma junção entre divino e humano, luz de auroras, a lucidez do Espírito.

Gilberto Mendonça Teles nos ajuda a ampliarmos o olhar:

> Não é só Jorge de Lima (de *Mira-Celi* e *Invenção de Orfeu*) que dialoga com o discurso epilírico de Carlos Nejar. Há no seu livro vozes diretas e indiretas de Homero, de Camões, de Raul Bopp (*Cobra Norato*), de Whitman, de Kazantzákis (*Ascese e Odisseia*) e, principalmente de Guimarães Rosa. É do *Grande Sertão: Veredas*, que parece haver saído o modelo apotegmático de uma forma conceitual e sentenciosa que percorre toda a extensão de seu livro. O leitor encontra aí o rio da linguagem, um rio calcá(rio) que se some e se mostra "no solo cifrado da ilha". Um rio marginalizado pelo tom sentencioso, não do jurista, mas de uma fala cujas raízes se perdem nas veredas de outro grande sertão, no seu pampa, ou na vastidão do Espírito, onde também "o viver é muito perigoso". [266]

O poeta que escreve a partir de sua relação íntima com o Espírito Santo (o estado e a divindade), deixa as marcas dessa experiência latentes, pulsantes. Essa veia poético-profética tende a seguir provocando e ampliando seu espaço de denúncia e de reinvenção do futuro, ainda que essa dimensão seja misticamente experimentada como loucura – uma santidade da loucura. Se em *A idade da aurora* a poesia que se canta já vem perpassada pelo delírio que transforma a realidade, em *Carta aos loucos*, romance mais aclamado de Nejar, essa dimensão delirante de

[261] NEJAR, 2002, p. 450.
[262] NEJAR, 2002, p. 449.
[263] NEJAR, 2002, p. 485.
[264] NEJAR, 2002, p. 490.
[265] NEJAR, 2002, p. 493.
[266] TELES, Gilberto Mendonça. A Idade da Aurora, livro de iniciação. *In*: MODERNO, 2009, p. 120.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

maravilhamento aparece e se estabelece como pentecostalidade assombrosa, que chama às ruas a provocação do espírito inflamado.

A experiência da literatura provocativa de Nejar não é um dado exclusivo de *Carta aos loucos*, pois tanto o vocábulo loucura como a dimensão delirante que ele evoca, o signo e o significante, marcam presença em várias outras obras. A título de recordação, Letícia, a Nuvem, é uma ressonância espiritual do delírio quixoteano, uma "Quixote de saias"[267]. Nas palavras de Sandroni:

> […] Como dizia Polônio, em *Hamlet*, na loucura de *Letícia* há um método quase monástico a presidir o delírio; e se o leitor se deixar levar, será conduzido a um terreno onde os moinhos de vento habitam as colinas da imaginação e o que *Letícia/Quixote* vê é o desenho perfeito da realidade. […] a guerreira traz dentro de si a lembrança do verso de Molière que diz: "E de todas é uma loucura sem par / Este mundo querer-se endireitar.[268]

João Ricardo Moderno, discorrendo sobre *Carta aos loucos*, afirma que "Carlos Nejar santifica 'a loucura' artística, tirando-a do revestimento satânico importado por uma razão tirânica"[269]. *Carta aos loucos* é arte que resiste à simplificação, pois não tem medo de mergulhar nas águas profundas da "desrazão poética"[270]. Em entrevista concedida a nós, Nejar afirmou ter "horror ao lugar-comum"[271]. O texto nejariano, sobretudo em seu imaginário religioso-pentecostal, afasta-se dos lugares literários da comodidade e, pela Nuvem, pelo Redemoinho ou pelo Assombro, guia-nos ao delírio da parataxe, como em Hõlderlin[272] . *Carta aos loucos* é um monumento à imaginação criadora, aquela que, nas palavras de Nejar, "industriava os sonhos"[273]. Moderno diz que "[…] A 'loucura' da imaginação criadora nunca gerou cadáveres […]"[274].

A loucura poético-profética nejariana parece ter suas raízes na leitura que Nejar faz de Paulo, sobretudo em duas passagens: 2Co 3.3: "Evidentemente, sois uma carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações"[275], e 1Co 1.27: "Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o

[267] GASTÃO, Ana Marques. A aprendizagem da visão. *In*: MODERNO, 2009, p. 92.
[268] SANDRONI, 2009, p. 84.
[269] MODERNO, João Ricardo. O assombro da imaginação criadora. *In*: MODERNO, 2009, p. 53.
[270] MODERNO, 2009, p. 55.
[271] NEJAR, Carlos. Entrevista concedida a Alan Brizotti, São Paulo, 13 fev 2022, por telefone, [n.p.]. Anexo
[272] MODERNO, 2009, p. 55.
[273] NEJAR, 1998, p 110.
[274] MODERNO, 2009, p. 54.
[275] Bíblia de Jerusalém, 2002.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

escolheu para confundir o que é forte […]"[276] . A primeira passagem é usada por Nejar na epígrafe de *Carta aos loucos*, e a segunda, no décimo capítulo, *Livro do Caminho,* na seção *Carta aos loucos de Deus*[277]. Na entrevista concedida a Gastão, quando perguntado sobre essa loucura, Nejar respondeu: "'Somos cartas', diz Paulo, o Apóstolo das Gentes, de uma loucura que é sabedoria de Deus. A pior loucura é pensar que a palavra está fora de nós"[278].

Em artigo nosso sobre as palavras em *Carta aos loucos*, juntamente com David Mesquiati e Kenner Terra, pontuamos a loucura poético-profética em sua carnavalização:

> A loucura poético-profética em *Carta aos loucos*, também é perpassada por uma paródia carnavalesca da política e da justiça, em conluio com a mídia (jornal). A figura de Israel Rolando, em sua luta com o tempo, vai se tornando cada vez mais profética ao denunciar os males e as máscaras dos jogos de poder. […] No quarto capítulo, os Gabirus e os ratos invadem Assombro. A veia profética nejariana detecta as falhas do sistema religioso da cidade: "E nem as ratoeiras ou estratagemas eclesiais lograram capturá-los. […] A loucura artística, poético-profética de Nejar é um ato criador, uma potência ato-discursiva que invade o real para além do imaginário.[279]

Carta aos loucos é, também, repleto de imagens e símbolos da pentecostalidade. A presença do Espírito de Deus é notória por toda a tecitura nejariana, numa interdiscursividade constante com o apóstolo Paulo e o evangelista Lucas, o mestre da narrativa pentecostal, sobretudo em sua obra Lucas-Atos. Segundo Holdcroft: "as doutrinas do Espírito Santo conhecidas popularmente como 'pentecostais' são as que aplicam à experiência atual o que está no padrão de Atos capítulo 2 e a prática posterior do Novo Testamento"[280]. Em *Carta aos loucos*, podemos perceber em Nejar, um "discurso inspirado"[281], inflamado pelo ardor do fogo e pela leveza do vento. Há uma constante intertextualidade com a Bíblia, tanto na nomeação de vários personagens (Israel Rolando, por exemplo), como na citação direta de vários personagens bíblicos, como Lucas, Moisés, Elias, Paulo, dentre outros. As imagens do fogo, vento, redemoinho, o pão compartilhado também são abundantes no romance. Cada palavra traz suas vozes, pois como pontuava Bakhtin, "não há palavra sem dono"[282]. Em *Carta aos loucos* a palavra reina, seja como vocábulo, seja como *locus* de sentido.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

[276] Bíblia de Jerusalém, 2002.
[277] NEJAR, 1998, p. 141.
[278] GASTÃO, 2009, p. 195.
[279] BRIZOTTI, Alan; OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, KENNER. "Creio na imortalidade da palavra": a experiência poética da palavra na "Carta aos loucos" de Carlos Nejar. *Revista Unitas*, v. 10, n. 2, 2022 [*online*], p. 178-200.
[280] HOLDCROFT, L. Thomas *apud:* STRONSTAD, 2020, p. 60.
[281] LEVISON, Jack. *Inspirado: o Espírito Santo e a mente de fé.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 177.
[282] BAKHTIN, 2016, p. 98.

No décimo capítulo, *Livro do Caminho,* Nejar afirma que "a santidade é uma loucura oculta"[283]. Em seu discurso de recepção a Carlos Nejar na Academia Brasileira de Filosofia, João Ricardo Moderno destacou que "o artista ao criar uma obra de arte deve fenomenológica e intencionalmente debilitar o discurso raciocinante e, simultaneamente, tornar a razão uma faculdade a serviço da fabulação criadora"[284]. Essa loucura artística, santificada, repleta da presença do sagrado, acaba por tornar-se "antídoto das loucuras patológicas e sociais"[285]. A provocação nejariana se estabelece como potência recriadora que enxerga nas pessoas e suas relações, sobretudo nas memórias testemunhais, a ação do Espírito Santo.

A presença do Espírito de Deus, que inspira a santidade da loucura, é evocada por Nejar na recriação da cidade de Assombro: "[…] E o Espírito foi soprando, soprando, nascendo uma alma geral, entre Assombro e sua gente, alma de intempéries, maravilhas, abastanças, potestades, fulgores[286]. A cidade vai sentindo o sopro criador do Espírito até que sua identidade é transformada: "E outro nome terá Assombro: *Espírito*"[287]. Numa intertextualidade delirante com Eclesiastes 3.15, Nejar enxerga a vertigem do tempo: "O contemporâneo é futuro. Depois de amanhã, ontem. Mais tarde, será bem mais cedo. E todo o passado flui agora para sempre"[288]. A santidade da loucura não é o devaneio deslocado de qualquer sentido, é a experiência com Deus capaz de ampliar os sentidos, preencher as lacunas e ressignificar a sabedoria, humilhando conceitos e certezas dogmáticas.

A experiência pentecostal de Nejar no estado do Espírito Santo, suas vivências entre as comunidades eclesiais, suas pregações e o amor recebido dos irmãos[289], parecem ter gerado percepções muito profundas e amplificadoras de sua arte. Sua inspiração parece ter sido ainda mais aflorada a partir do discurso pneumático e das experiências espirituais que o atravessaram com o fogo e o ardor de uma espiritualidade carismática, tornando seu discurso ainda mais plenamente preenchido pelo sagrado. Neste capítulo, observamos a abundância de símbolos, imagens e linguagens que Nejar usa em seu imaginário religioso-pentecostal, assim como sua intertextualidade com a Bíblia e com as culturas do mundo, gerando um diálogo e uma polifonia densos e profundos.

[283] NEJAR, 1998, p. 135.
[284] MODERNO, 2009, p. 105.
[285] MODERNO, 2009, p. 105.
[286] NEJAR, 1998, p. 212.
[287] NEJAR, 1998, p. 212. Grifo do autor.
[288] NEJAR, 1998, p. 213.
[289] Em entrevista concedida a nós, Nejar disse que era muito amado pelo povo do Espírito Santo, sobretudo, o povo da igreja (ICM), tanto que seu pastorado, antes de ser reconhecido pelos oficiais da igreja, já era aclamado pelo povo. Importante pontuar aqui que essas são palavras e impressões exclusivamente do próprio Nejar, sem qualquer comprovação oficial da ICM ou outra instituição. NEJAR, Carlos. Entrevista concedida a Alan Brizotti, São Paulo, 13 fev 2022, por telefone, [n.p.]. Anexo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.
PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

Nas obras nejarianas do período estudado por nós na pesquisa, há, ainda, outras dimensões que passaremos a explorar no próximo capítulo, como o lugar da Bíblia, como texto da cultura na leitura nejariana, bem como o feminino, com suas personagens marcantes, profundas e desafiadoras. Investigar esses aspectos no *corpus* pesquisado ajuda-nos na ampliação do nosso olhar para o imaginário de Nejar, bem como traz as vozes femininas, por exemplo, para o centro dos discursos, como traço importante da leitura nejariana no estado do Espírito Santo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

3 SOB O VENTO DO SANTO ESPÍRITO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

A bela frase do terceiro capítulo do Evangelho segundo João, versículo oito, "o vento sopra onde quer" (João 1.8), pode ser aplicada na melhor acepção do simbólico na obra nejariana, tanto em seu trânsito vivencial, do Pampa à Casa do Vento, que analisamos no primeiro capítulo, como em seu discurso inspirado pelo *ethos* pneumático do imaginário sagrado, como vimos no capítulo anterior. Em uma perspectiva cristã, o Vento do Santo Espírito no estado do Espírito Santo soprou na experiência nejariana como brisa inspiradora e amplificadora, uma teopoética intensa, geradora de novos olhares e múltiplas metáforas.[290] A relação de Nejar com os lugares de suas vivências – palavra muito significativa na semântica do autor –, costuma ser intensa. Em entrevista a Gastão, Nejar falou sobre essa entrega profunda aos lugares de suas vivências:

> O pampa e o mar são extensões do meu corpo. Quando falo, por exemplo, do Rio Guaíba de Porto Alegre (RS), estou falando do Rio Tejo e também do meu corpo presente nas águas. Não existe uma voz isolada, ela é resultado de um séquito de vozes e dos silêncios dos locais que habitei. Diz, com razão, Tolstoi: "se queres ser universal, canta bem a tua aldeia". [291]

Nesta resposta de Nejar à entrevistadora, temos um vislumbre da teoria bakhtiniana da polifonia, sobretudo em sua ênfase na multiplicidade de vozes.[292] Nejar, em sua *História da Literatura Brasileira*, cita Bakhtin indicando tanto a leitura de sua obra quanto o diálogo com suas teorias.[293] Nejar compreende bem as noções de gênero discursivo na semiótica russa, sobretudo seus conceitos essenciais: língua, discurso, texto, sujeito, dialogismo e polifonia. Como explicam Cavalcante Filho e Torga, para Bakhtin, "além de linguagem e sujeito se implicarem mutuamente, todos estão interligados e estabelecem uma relação de dependência mútua"[294]. Ler Nejar à luz de Bakhtin é observar a unidade do discurso nejariano a partir de, pelo menos, dois grandes eixos estruturais: a Bíblia e a poesia. Embora autor de romances,

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

[290] O vento, um dos símbolos do imaginário religioso-pentecostal nejariano, aparece com especial destaque, em múltiplas acepções, em todo o *corpus* da pesquisa, contudo, para uma percepção ainda mais aguçada, ver: NEJAR, 2003; NEJAR, 2006.
[291] GASTÃO, 2009, p. 190-191.
[292] BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da obra de Dostoiévski.* São Paulo: Editora 34, 2022, p. 54-55.
[293] NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira:* da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Noeses, 2022, p. 2-6.
[294] CAVALCANTE FILHO, Urbano; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). *In:* CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, I, Vitória-ES, 18 a 21 de outubro de 2011, [n.p.].

literatura infantil e outros gêneros, como vimos nos capítulos anteriores, Nejar é essencialmente poeta, marcado e perpassado pela Bíblia como hipertexto e matriz do sagrado.

Este capítulo está subdividido em três seções: na primeira, vamos analisar a Bíblia na leitura de Nejar, enfatizando o *corpus* pesquisado e mostrando o lugar da Bíblia como texto fundamental da leitura nejariana. Entendemos a leitura aqui como movimento duplo: tanto a partir dos olhos do poeta e romancista Carlos Nejar, quanto dos leitores que não podem passar por suas obras sem que sejam apresentados ao discurso bíblico. Na segunda seção, mostraremos o feminino na obra nejariana do nosso *corpus.* O feminino ocupa lugar de destaque na criação nejariana. Desde Elza, o amor e dona da maioria das dedicatórias das obras, até Letícia, a Nuvem, personagem que ganha força e destaque mesmo em outras obras fora do *corpus.* Na terceira seção, faremos uma apresentação do nosso pequeno glossário nejariano das palavras e das ideias: *nejariar.*

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica nas obras que compõem nosso *corpus* e nas obras de Bakhtin e outros teóricos. A partir das contribuições da Análise do Discurso, vamos observar o lugar da Bíblia nas obras nejarianas, sobretudo como texto da cultura, mostrando a leitura nejariana da Bíblia como hipertexto e como matriz de sua linguagem religiosa pentecostal. Suas vivências no estado do Espírito Santo, a partir de sua atuação como pastor pentecostal, contribuiu para a amplificação de imagens e símbolos das fontes bíblicas que compõem a sua obra. Seu encontro e casamento com Elza, parece ter aprofundado sua leitura poética do feminino, bem como trouxe mais intensidade e brilho às personagens femininas do *corpus* pesquisado. O tempo de Nejar no Espírito Santo é uma janela criativa de grande intensidade e interesse. Como reconheceu Nejar: “o tempo remexe os enredos, pensamentos. Justapõe montagens, redobra os planos, retira episódios, renova climas insuspeitados”[295].

Nosso pequeno glossário nejariano das palavras e das ideias tem como objetivo servir como guia de leitura das obras de Nejar aos professores de literatura, ensino religioso e filosofia, pois as ideias de Nejar são sempre mais intensas e profundas. O pequeno glossário não tem a pretensão de esgotar o universo nejariano das ideias, pois a intensão é apontar para palavras e expressões que dialogam com os símbolos e o imaginário nejariano das ideias. As palavras, em Nejar, são sempre múltiplas, plurissignificativas, com possibilidades hermenêuticas variadas. Cada palavra utilizada pode ser revista, ampliada e discutida com grande interesse. Na terceira

[295] NEJAR, 2000, p. 56.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

seção deste capítulo, mostraremos melhor os caminhos teóricos que fizemos para chegarmos ao corpo de quarenta palavras/expressões do pequeno glossário.

Compreender a importância da Bíblia e das figuras femininas na obra de Nejar é decisivo para um melhor aproveitamento da leitura de suas obras. As metáforas, símbolos e imaginários nejarianos ganham mais profundidade quando temos um horizonte de significantes: olhar através das lentes nejarianas, sabendo que o bíblico e o poético são interligados a partir das leituras de sua experiência pentecostal, pode nos ajudar enquanto leitores/as a amplificarmos a nossa compreensão das enunciações nejarianas. Nejar explica essa dinâmica: "ao se tentar escrever – não com clareza, mas com claridade –, escrevemos com o espírito. E estamos – queiramos ou não – profetizando a memória de uma nova imaginação"[296].

A citação acima é um bom exemplo da necessidade de um glossário nejariano das ideias e das palavras. Nejar faz menção ao espírito (em minúscula), como a veia criativa, como alusão aos caprichos das nossas invenções e percepções do ato criador. Distingue clareza de claridade, permitindo-se o jogo entre enunciados e enunciações, além de inserir o discurso religioso da ação profética e brincar com os vocábulos memória e imaginação. A gramática nejariana não se reduz somente à linguagem rebuscada, embora essa também seja uma característica de Nejar, mas sim, aprofunda os vocábulos e expande as expressões, fazendo um discurso cultural repleto de possibilidades hermenêuticas. Paulo Roberto do Carmo, escrevendo sobre Nejar, afirmou que "a palavra só é perigosa quando não tem nada a dizer"[297]. As palavras, em Nejar, sempre buscam dizer mais do que o termo pode sugerir.

A Bíblia e as construções nejarianas caminham de mãos dadas, gerando significados novos e redescobertas interessantes ao longo do caminho. As imagens e personagens de Nejar podem apontar para múltiplos olhares, levando o/a leitor/a a desenvolver um "eu mais vasto", como dizia Ricoeur.[298] Apesar de algumas passagens difíceis e textos mais densos, como acontece com algumas estrofes da rapsódia de Idade da Aurora[299], é possível caminhar pelas trilhas nejarianas com bom aproveitamento dos textos e das experiências. Na próxima seção, vamos analisar a Bíblia na leitura nejariana e buscar compreender o lugar da Bíblia e suas interações com a obra de Nejar.

[296] NEJAR, 2000, p. 80.
[297] CARMO, 2009, p. 8.
[298] RICOEUR, Paul. *Del texto a la acción:* ensayos de hermenéutica II. México: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 109.
[299] NEJAR, 2002, p. 451-459.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

3.1 A Bíblia na leitura de Nejar

É muito difícil refletirmos sobre a obra nejariana se negligenciarmos o lugar da Bíblia no imaginário de Nejar. O discurso nejariano dialoga com o bíblico tanto em seu sentido sagrado, teológico, quanto literário. O vento, imagética e simbolicamente, sopra em todo o percurso discursivo nejariano, pois seu hipertexto bíblico é rico em metáforas, alusões e construções poético-teológicas, sobretudo pentecostais. Nejar faz da Bíblia seu *locus poeticus*. Seu intenso dialogismo com o texto bíblico é visto em toda a sua obra, principalmente em nosso *corpus*. Nejar faz uma releitura bíblica diferenciada, pois lança novos olhares e horizontes sobre o texto e os personagens.

Northrop Frye, citando Barthes, lança luz à ideia da releitura: "toda leitura séria é releitura: isso não necessariamente significa uma segunda leitura, e sim uma leitura segundo a perspectiva da estrutura total, uma perspectiva que transforma o vagar por um labirinto de palavras numa jornada dirigida"[300].

A jornada dirigida de Nejar é um caminho que se faz por dentro dos textos e das tramas bíblicas: as grandes personagens bíblicas como Jó[301], Elias, Jacó, Moisés, Ezequiel[302], Isaías, o rei Salomão, o apóstolo Paulo, o profeta Daniel[303], além de uma seção inteira em *Os viventes*, tratando de diversos personagens da narrativa bíblica[304]. Nejar também cria personagens com nomes bíblicos e/ou inspirados em nomes bíblicos, como o apocalíptico Abedón, de *Riopampa*[305], o visionário Ezequiel, o pescador Nazareno, Luis Carpinteiro e Sansão Bunin, o terapeuta, todos personagens de *A engenhosa Letícia do Pontal*[306]. Em *Carta aos loucos*, há a figura de Lucas, coletor de imagens e de impostos[307], num quase palimpsesto do evangelista Mateus.

Profetas, Evangelhos, Apocalipse, Salmos, Epístolas, Eclesiastes e Provérbios, Cantares: a Bíblia é o intertexto estrutural de Nejar. As metáforas bíblicas são abundantes: o

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

[300] BARTHES, Roland. In: FRYE, Northrop. *O poder das palavras:* a Bíblia e a literatura II. Campinas: Sétimo Selo, 2022, p. 105.
[301] NEJAR, 2006. O livro todo é uma trama baseada na experiência de Jó. Além de vários personagens bíblicos como numa citação de Ezequiel (p. 100); Absalão (p. 163); Salomão e o rei Saul (p. 177).
[302] NEJAR, 1998, p. 78, 142, 196.
[303] NEJAR, 2003, p. 95, 165.
[304] NEJAR, 1999, p. 77-143.
[305] NEJAR, 2006, p. 144.
[306] NEJAR, 2003, p. 38-39.
[307] NEJAR, 1998, p. 76.

redemoinho[308], a sarça de fogo[309], a imagética dos rios, incluindo a figura da nascente – o Éden[310], o Vento, simbólica pentecostal do Espírito Santo, está por toda a parte nos textos nejarianos. Lembremos que o trato nejariano com a Bíblia não se dá na elaboração técnica do fazer doutrinário, nem tampouco na mera repetição dos conteúdos, mas sim, no registro da experiência da leitura, na sensibilidade poética do dizer, na liberdade imaginativa da recepção. Como diz André Daniel Reinke: "A Bíblia, portanto, pela sua própria estratégia narrativa, é uma obra literária que abre a imaginação e convida a interpretar e a participar do sentido da própria narrativa que ela engendra. As lacunas do texto são preenchidas por você, leitor"[311].

A leitura da Bíblia como obra literária é um exercício importante na leitura nejariana e na literatura em geral, como nos exemplos das contribuições de Erich Auerbach, sobretudo na apresentação do realismo dos personagens bíblicos em suas emoções e humanidade[312], a importância e o lugar da Bíblia na cultura ocidental, como exposto por Northrop Frye, em seu livro *O grande código*, além da continuação desse livro no segundo volume *O poder das palavras*[313]. Além dessas contribuições, temos ainda Robert Alter mostrando a visão teológica hebraica de mundo sendo misturada à arte literária[314] e o olhar poético-teológico de José Tolentino Mendonça[315], enfatizando a leitura da Bíblia como arte literária, como texto que ainda tem muito a dizer: "O texto permanece em aberto não por insuficiência, mas por excesso"[316].

Em Nejar, a Bíblia ganha uma nomenclatura: "O Livro do Caminho"[317]. Essa expressão perpassa vários dos seus livros, incluindo algumas vezes o vocábulo Palavra. A expressão "O Livro do Caminho" tem múltiplas possibilidades interpretativas, mas o mesmo significante: a Bíblia. A cultura bíblica de Nejar não se sobrepõe ao romancista nem ao poeta, mas auxilia com metáforas, símbolos e percepções da condição humana, outro termo característico da linguagem nejariana. Nejar utiliza-se das múltiplas vozes bíblicas para enriquecer seu discurso, sua obra, servindo tanto como estrutura básica do dizer quanto como essência criativa. Numa linguagem

[308] NEJAR, 2006. É a metáfora central de todo o romance. O redemoinho aparece também em NEJAR, 1998, p. 109; em NEJAR, 2002, p. 468.
[309] NEJAR, 2003, p. 184.
[310] NEJAR, 1998, p. 139.
[311] REINKE, André Daniel. Nós e a Bíblia: história, fé e cultura do judaísmo e do cristianismo e sua relação com a Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 39.
[312] AUERBACH, Erich. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2021.
[313] FRYE, 2021, p. 16-17; FRYE, 2022.
[314] ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 38.
[315] MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita*: a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.
[316] MENDONÇA, 2015, p. 25.
[317] NEJAR, 1998, p. 131, 137, 196; NEJAR, 2003, p. 109; NEJAR, 2006, p. 17, 115, 119.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

bakhtiniana, a arquitetônica[318] nejariana é feita de camadas bíblicas, de leituras e releituras dessas outras vozes que ressoam entre o sagrado e o humano, numa interdiscursividade que retroalimenta a literatura, a arte e a vida.

Nejar trabalha a expressão "O Livro do Caminho", sempre em maiúscula, com diferentes acepções e aplicabilidades. Vejamos alguns exemplos: em *A engenhosa Letícia do Pontal*, a expressão aparece como um livro clássico que abre a descrição de importância numa biblioteca: "(…) constituímos uma biblioteca, de acordo com a nossa volúpia de ler. (…) Ali não, não faltavam os clássicos, o *Livro do Caminho* (ou a Bíblia), *A Divina Comédia*, de Dante, *D. Quixote*, de Cervantes (…)"[319]. Em *Carta aos Loucos*, "o Livro do Caminho" aparece dentro da biblioteca de um mosteiro, sendo resgatado por Martim Worms, teólogo, "ou Martinho, como era conhecido", numa paródia de Lutero[320], sugerindo o texto como palavra potencializadora do teólogo. Em *Riopampa: o moinho das tribulações*, a expressão aparece tanto como livro clássico numa biblioteca[321], quanto como Bíblia lida com carinho e devoção[322]. A expressão "Caminho", pode ter também o sentido duplo: a pessoa de Cristo, em João 14.6: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" e a experiência comunitária dos "discípulos do caminho"[323].

Kenner Terra diz que "lembrando o trato midráxico, Nejar fala pela boca dos profetas e apóstolos reimprimindo-os, preenchendo os vazios dos textos e ampliando-os pela potência polissêmica da Palavra"[324]. Os textos bíblicos, seus personagens e até mesmo lugares (Éden, Horebe), ganham novas cores e tornam-se, como dizia Bakhtin, "sujeitos de suas próprias palavras imediatamente significativas"[325]. O "Livro do Caminho" auxilia Nejar no caminho dos livros, contribuindo para uma leitura ampla do texto religioso como texto da cultura. Cada vez que Nejar aciona os textos bíblicos, põe em funcionamento uma das funções da linguagem: a função de memória. Como explica Paulo Nogueira: "O texto, como unidade de sentido, não somente gera novos significados, mas condensa memória cultural. Este é conceito central da semiótica da cultura, pois nesse caso o texto adquire uma personalidade semiótica"[326].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[318] SOBRAL, Adail. *A Filosofia primeira de Bakhtin*: roteiro de leitura comentado. Campinas: Mercado de Letras, 2019. Ver em especial o capítulo 5: "Ato, mundo, arquitetônica, unidade do mundo na visão artística", p. 111-146.
[319] NEJAR, 2003, p. 109.
[320] NEJAR, 1998, p. 131, 137 e 196.
[321] NEJAR, 2006, p. 115.
[322] NEJAR, 2006, p. 17.
[323] NEJAR, 1998, p. 144.
[324] TERRA, 2022. In: TERRA; LAGO, 2022, p. 24.
[325] BAKHTIN, 2022, p. 57.
[326] NOGUEIRA, 2012, p. 18.

A leitura bíblica de Nejar apresenta contornos midráxicos e semióticos, mexendo com o os significados e trazendo à memória as vivências de suas pregações e experiências comunitárias de sua atuação como pastor e pregador pentecostal. Em entrevista a Gastão, Nejar disse: "Sou épico porque sigo uma grande família bíblica. Sou moderno porque sou antigo. Sou contemporâneo porque vim de outras idades. (…) Busco na palavra a Revelação e é disso que se tem sede"[327]. Memória, revelação e significado aparecem na fala do poeta e profeta, não como categorias de análise, mas como *ethos* inspirativo, dinâmica criativa que olha para o passado dos textos e convoca ao presente das enunciações. A polifonia nejariana é um exercício arquitetônico de uma poética que se faz teologia artística literária.

Uma das acepções da leitura bíblica nejariana é a veia profética. Há em Nejar um profetismo da esperança. Mesmo quando faz uso de imagens ou ideias apocalípticas, Nejar não o faz a partir do imaginário do medo, do terror, mas sim, de seu sentido original: revelação. Richard Bauckham, sugere que "uma das funções de Apocalipse era purificar e renovar a imaginação cristã. Ele aborda a resposta criativa das pessoas ao mundo, que é, no mínimo, tão profunda e influente quanto suas convicções intelectuais"[328]. Em *Riopampa*, Nejar trabalha os temas da morte e do mal, por exemplo, mas sempre volta ao ponto da esperança: Deus como senhor do tempo: "Deus chegou e somos cobertos, plenos. Tudo é palavra. Depois só alma: Riopampa: tempo"[329]. Como diz André Daniel Reinke: "Esse Deus que envia seus profetas para despertar uma imaginação de outro mundo possível é o Deus inspirador da Bíblia"[330]. Na linguagem de Nejar: "E Deus já me pertence"[331].

Mendonça diz que "a Bíblia representa uma espécie de 'atlas iconográfico', um 'estaleiro de símbolos'. É um reservatório de histórias, um armário cheio de personagens, um teatro do natural e do sobrenatural, um fascinante laboratório de linguagens"[332]. Nejar bebe avidamente dessa fonte de símbolos e histórias, mas o faz a partir da poesia e do romance polifônico. O exercício profético esperançoso em Nejar se dá na construção imaginativa de novos horizontes na palavra. Em *Os viventes*, no poema *Salmo de Jó na esperança*, Nejar diz:

> Há um extremo de Deus
> onde se recomeça.
> Mesmo que morra
> o que fomos,
> um outro em nós

[327] GASTÃO, 2009. In: MODERNO, 2009, p. 194.
[328] BAUCKHAM, 2022, p. 179.
[329] NEJAR, 2006, p. 208.
[330] REINKE, 2023, p. 44.
[331] NEJAR, 1999, p. 96.
[332] MENDONÇA, 2015, p. 58.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

> ressuscita
> na espera. [333]

O olhar nejariano guarda a insistência no Deus que se pode esperar, a quem se ora na desesperança. Nejar conecta Jó e Salmos na mesma interdiscursividade, gerando uma apocalíptica esperançosa e um Jó que não assusta. A leitura de Nejar a partir da Bíblia como base de sua épica pode ser um importante exercício no estudo literário do texto bíblico, sobretudo no Brasil onde a Bíblia não tem a mesma atenção que os outros clássicos da literatura têm nas faculdades, uma vez que ainda carecemos de estudos mais aprofundados nesses moldes. Antônio Magalhães diz:

> Os obstáculos não residem nas interdiscursividades e intertextualidades entre o texto bíblico e muitos textos da literatura ocidental, mas sim nos domínios ideológicos sobre o saber, em hermenêuticas teológicas restritivas e em críticas e teorias literárias carentes de maior diálogo com o texto bíblico.[334]

A experiência pentecostal de Nejar também pode ser vista como uma espécie de chave hermenêutica da sua leitura bíblica[335]. Diferente de muitos outros escritores, poetas e romancistas que também citaram textos bíblicos, como Machado de Assis[336] e Rubem Alves[337], Nejar volta-se para a Bíblia perpassado pelo olhar que, de fato, acredita, pela experiência, por seu envolvimento intenso com as narrativas bíblicas. Como diz o teólogo pentecostal Gordon Fee, essa leitura que faz a exegese espiritual, "significa principalmente chegar ao texto com a convicção absoluta de que se trata da Palavra de *Deus*; que Deus fala e nós escutamos. Portanto, nosso objetivo ao abordar o texto é ouvir Deus"[338]. Quando Nejar se intitula "Servo da Palavra"[339], essa expressão pode ser lida em chave múltipla, plurissignificativa: tanto o serviço da palavra, o escriba nejariano, quanto a Palavra como Bíblia e como ato criativo no sentido

[333] NEJAR, 1999, p. 97.
[334] MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras*: teologia e literatura e diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 131.
[335] Essa experiência pentecostal aqui exposta está sendo investigada dentro do recorte de tempo estudado: 1990-2009, contudo, isso não exclui os anos anteriores, pois é possível observar pontos dessa experiência em alguns textos e entrevistas de Nejar no período que precede nosso recorte. No período após o nosso recorte, quando Nejar vai para a sua Casa do Vento, no Rio de Janeiro, também podemos ver essa experiência pentecostal em vários textos, como O *Evangelho segundo o Vento* (2020) e *O idioma da alma* (2023), dentre outros.
[336] Há vários textos de Machado de Assis que exploram o universo bíblico, como o poema "Soneto", publicado em 1880 no jornal maranhense *A Civilização.* No poema, Assis faz uma paráfrase do capítulo 38 do *Livro de Jó.* ASSIS, Machado de. Toda poesia de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 733.
[337] ALVES, Rubem. *O Deus que conheço*. Campinas: Verus, 2010b. Há muitos outros textos de Alves que carregam citações bíblicas e, até mesmo, usam o intertexto bíblico, como ALVES, Rubem. *Pai Nosso*: meditações. São Paulo: Paulus, 1987. Alves tem o olhar mais literário, não a partir de uma experiência religiosa, embora tenha sido pastor presbiteriano ainda em sua juventude.
[338] FEE, Gordon. *Escutando o Espírito no texto*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 35. (Itálico do autor)
[339] NEJAR, 2003, p. 307.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

bakhtiniano, como aponta Marília Amorim, citando a tradutora francesa M. Bakhtine ao explicar a expressão ato na mobilização da palavra plena: "seu aspecto de conteúdo de sentido (a palavra-conceito), seu aspecto palpável-expressivo (a palavra-imagem) e seu aspecto emotivo-volitivo (a entonação da palavra)"[340].

A leitura nejariana da Bíblia também é um indicativo da percepção que Nejar tem de Deus, sua busca e seu interesse relacional. Vera Lúcia de Oliveira diz que há em Nejar "um diálogo profundo e ininterrupto com o transcendente, uma imperiosa busca de Deus"[341]. Em *Elza dos Pássaros ou a ordem dos planetas*, Nejar demonstra essa experiência relacional:

> Guardo amizade intacta
> com o meu Deus: mais lépido.
> Mais próximo, mais cúmplice
> o que é mistério. E chego.[342]

Essa proximidade, intensa relação com Deus, acaba por tornar-se intimidade, identidade que nomeia o ser. Nejar, em *Aquém da infância*, pergunta: "O que assopra Deus em nós? Nomear é ir"[343]. A imagem nejariana trabalha a partir de uma interdiscursividade com o Deus do Gênesis 2.7 ao soprar o fôlego de vida no homem criado. O homem que recebe o que Deus assopra agora tem nome, identidade, é um vivente. A história bíblica na leitura de Nejar é estruturada no eixo: vida, morte e ressurreição: o Deus que assopra a vida, vem e encarna, morre e ressurge. Nejar assim registra: "É na pedra que dormes? Ela é grande e suave. E revolvida foi para a ressurreição"[344], numa imagem que nos devolve à cena da pedra removida do túmulo do Cristo, registrada em três dos quatro evangelhos: Mt 28.2, Lc 24.2 e Jo 20.1. Nejar olha para o Antigo Testamento à luz do Novo, o Gênesis à luz de João. Esse é o olhar da pentecostalidade.

Luiz Antonio de Assis Brasil, escrevendo sobre o romance nejariano de 2002, *A Espuma do Fogo*, notou a busca nejariana de Deus: "Sobre tudo, paira a ideia de Deus, a quem o eu-poético lança seus desejos, suas dúvidas e suas esperanças"[345]. A experiência da leitura bíblica nejariana é perpassada pela constante presença de Deus em, pelo menos, três percepções: como Absoluto, o Senhor; como palavra encarnada, o Cristo; e como inspiração e inventividade criadora, força motriz de toda a arte criativa. Como Senhor, o Absoluto, é possível perceber sua

[340] BAKHTIN, M. *In*: AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: "válido e inserido no contexto". BRAIT, Beth. *Bakhtin*: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2022, p. 27.
[341] OLIVEIRA, Vera Lúcia. Carlos Nejar e a Poesia para Corroer a Indiferença. In: MODERNO, 2009, p. 36.
[342] NEJAR, Carlos. Elza dos Pássaros ou a Ordem dos Planetas. In: NEJAR, 2002, p. 364.
[343] NEJAR, Carlos. Aquém da infância. In: NEJAR, 2002, p. 396. Este mesmo texto, citado no capítulo dois, aqui tem outra aplicação: o viés bíblico da leitura nejariana. No capítulo dois, observamos o discurso nejariano do sagrado, aqui temos a matriz bíblica de onde o discurso sagrado é gerado.
[344] NEJAR, Carlos. Aquém da infância. In: NEJAR, 2002, p. 403. O mesmo texto, citado no capítulo dois, como na nota anterior, recebe o mesmo tratamento aqui: é o viés bíblico como matriz do discurso sagrado.
[345] BRASIL, Luiz Antonio de Assis. A Espuma do Fogo: Ancestralidade e Vida. In: MODERNO, 2009, p. 130.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

presença permeando a atmosfera maior da arte nejariana. Em *Os viventes*, Nejar proclama esse Absoluto:

> Sou o que rege
> o universo, urdi
> as almas e presido
> o tempo. [346]

O tempo, grande desafio da condição humana, só pode ser presidido por esse Deus que está acima de todos. Só Deus preside o tempo acima das lógicas temporais, como Nejar diz em *Riopampa:* "E Deus tem os futuros"[347]. O Senhor, Absoluto, não é escravo da transitoriedade humana, mas também não a abandona, portanto, a leitura bíblica de Nejar vai além da figura de Deus como divindade distante, numa celeste apatia, mas sim, trabalha com o Deus que encarna, desce, envolve-se e ultrapassa a vivência do humano. Sua transcendentalidade, longe de ser um exercício de diminuição, é um exercício de grandeza que, ao descer, comete uma bendita loucura. *Carta aos Loucos* pode ser lido como uma espécie de registro da loucura santa da palavra que, pelo *Livro do Caminho,* revela-se como texto andante, poesia encarnada.

Deus, na leitura bíblica nejariana, também aparece como palavra encarnada em Cristo. Em *Carta aos Loucos*, Nejar evoca os textos bíblicos em uma polifonia cristológica: "E o Livro do Caminho, em Apocalipse, ou Evangelho de João, 'onde no princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus"[348], revela uma leitura de Deus encarnado, que sinaliza a obra do Espírito Santo nesse ato apocalíptico no sentido de Revelação, na pessoa de João. Em *A Engenhosa Letícia do Pontal*, Nejar faz o mesmo apontamento focando na pessoa do Espírito: "E a obra do Espírito é a obra do sangue. Não, não é religião!"[349] A obra do sangue pode ser uma ponte hermenêutica com Hebreus 9.13-14, onde o sangue de Cristo, por meio do Espírito eterno purifica a consciência.

Por fim, na leitura bíblica nejariana, Deus também é a inspiração suprema, a inventividade criadora por excelência, aquele que Nejar exalta fazendo uma citação direta de Romanos 4.17, em *Riopampa:* "E 'Deus chama à existência as coisas que não existem', como se já fossem"[350]. Esse Deus que cria, recria, inventa e inspira é o grande inspirador de todas as histórias. Nejar, em *A Engenhosa Letícia do Pontal*, define: "E o tempo é fábula de Deus!"[351].

[346] NEJAR, 1999, p. 142.
[347] NEJAR, 2006, p. 101.
[348] NEJAR, 1998, p. 34.
[349] NEJAR, 2003, p. 181.
[350] NEJAR, 2006, p. 109.
[351] NEJAR, 2003, p. 142.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

O Deus que Nejar exalta é criador do tempo, Senhor das histórias e Deus vivo[352]. A metáfora do tempo em *Riopampa* é um exemplo dessa perspectiva de Nejar sobre Deus como Absoluto, palavra encarnada e inspiração. Em entrevista a Gastão, Nejar diz: "*Riopampa* é a história de uma cidade, cujos acontecimentos se dão num moinho. A narração não finda, não tem capítulos, porque é o redemoinho que no *Livro de Jó*, Deus fala, é o tempo que sempre se renova"[353].

A Bíblia ocupa lugar central na leitura nejariana, na experiência pentecostal do Espírito e nas percepções sobre Deus e sua atuação. O olhar nejariano tem características marcantes, como foi visto até aqui, contudo, quando nos debruçamos na arte nejariana, outras percepções são aguçadas, como a presença do feminino em suas personagens e narrativas. É o que passaremos a analisar na próxima sessão.

3.2 A presença do feminino

O exercício da leitura nejariana é sempre desafiador, sobretudo quando nos debruçamos sobre o *corpus* pesquisado, pois em seu período de atuação no estado do Espírito Santo, Nejar viveu novas experiências do amor (casamento com Elza) e da partilha comunitária (relações com a Igreja Cristã Maranata), deixando-se experimentar percepções e sensibilidades capturadas nesse outro lugar – seu Paiol da Aurora[354] – e não somente os caminhos e posturas do Promotor de justiça do pampa. No Espírito Santo, Nejar poetiza à luz de Elza, do amor que o levou a dedicar a maioria de suas obras. Os romances escritos no Espírito Santo demonstram uma sensibilidade que faz dessas obras também exercícios poéticos. Na orelha de *A engenhosa Letícia do Pontal*, Luis Fernando Veríssimo faz essa leitura: "Este romance – se é que é um romance – do Nejar é isto, uma boa e substanciosa refeição literária feita por um mágico (…). Um romance construído com poesia em que a poesia é maior do que as suas partes"[355].

Nesta seção, vamos analisar a presença do feminino na obra de Nejar no período pesquisado. Nosso interesse estará voltado para cinco personagens/significantes[356] femininos que Nejar trabalha no *corpus* da pesquisa: Elza, Letícia, Assombro, Louise e Columba. Nosso

[352] MODERNO, 2009, p. 197.
[353] GASTÃO, Ana Marques. Entrevista de Carlos Nejar In: MODERNO, 2009, p. 200.
[354] NEJAR, 2003, p. 307.
[355] VERÍSSIMO, Luis Fernando. In: NEJAR, 2003, [n.p.].
[356] Nosso trato do significante aqui segue a ideia de figuração significante proposta por Richard Kearney: "A figuração significante mostra-se como temporalização extática que se diferencia para sempre segundo horizontes anteriores e posteriores de outras significações possíveis. O signo ensina-nos que o "sentido" visado, assim como a consciência visante, são sempre "diferâncias" ["différances"] (para retornar o neologismo de Derrida) que indicam outras possibilidades fora delas mesmas". KEARNEY, Richard. *A poética do possível:* demonologia hermenêutica da figuração. Instituto Piaget: Lisboa, 1984, p. 65.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

objetivo é não apenas a constatação óbvia de que há figuras femininas na obra nejariana, mas sim, aguçar a percepção do que esses significantes podem indicar, sinalizar. Vamos trazer à cena novamente Elza e Letícia, A Nuvem, já observadas por nós no capítulo dois, contudo, aqui nesta seção, focando mais em sua sensibilidade feminina, por exemplo, além de outras possibilidades hermenêuticas. A obra de Nejar é um convite ao mergulho em vários níveis, sobretudo nos registros simbólicos, indicando o que está para além da primeira leitura, como num exercício translinguístico bakhtiniano[357]. Como Nejar diz: "Os pensamentos e imagens são células do enredo e este serve à imaginação e ao mito. E todos os gêneros se mesclam. Porque a palavra transfigura o senso infatigável da realidade"[358].

A primeira das figuras femininas que gostaríamos de observar é Elza Griffo Almeida Nejar, a mulher amada do poeta. Elza é, ao mesmo tempo, realidade e poesia: ela representa o casamento e o mistério do amor. Dos sete livros do nosso *corpus*, apenas um não tem uma dedicatória explícita para Elza: *A Idade da Aurora* (edição de 2002). Até mesmo o modo pelo qual Nejar dedica as obras registra pequenas, mas significativas alterações. Em *Aquém da infância*, a dedicatória aprofunda o viés poético-significativo: "Para Elza e o amor que nos recuperou a infância"[359]. O livro *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas*, nem mesmo precisa de uma dedicatória, visto que, além do título, o conteúdo inteiro é uma homenagem amorosa. Na dedicatória em *carta aos loucos*, há o singelo registro do nome: "Para Elza"[360]. Em *Os viventes*, a dedicatória é marcada pelo mistério espaço-temporal da eternidade e a lembrança do cotidiano: "Para Elza – desde sempre e cada dia"[361]. Em *A engenhosa Letícia do Pontal*, aparece o amor e sua valoração apaixonada: "Para Elza: o amor. Nossa maior fortuna"[362]. No romance *Riopampa*, a dedicatória volta ao mistério da eternidade, contudo, economiza na terminologia: "Para Elza. Desde sempre"[363].

Elza, a segunda esposa de Nejar, como vimos no primeiro capítulo, é a grande responsável pela ida de Nejar para o estado do Espírito Santo. Em 2020, numa entrevista ao

[357] A metalinguística, ou como preferem os biógrafos de Bakhtin, Clark e Holquist, "translinguística", é "um arcabouço teórico-metodológico, desenvolvido por Bakhtin e seu Círculo, que, ultrapassando os limites da linguística do sistema, propõe o estudo do enunciado concreto e as relações de sentido desencadeadas". A proposta de Clark e Holquist em preferir o termo translinguística é por sugerir uma capacidade de "ir além da" linguística, enfatizando a "concorrência de vozes sociais e a circulação de variados sentidos". FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de linguística da enunciação.* São Paulo: Contexto, 2022, p. 165.
[358] NEJAR, 2000, p. 65.
[359] NEJAR, 2002, [n.p.].
[360] NEJAR, 1998, [n.p.].
[361] NEJAR, 1999, [n.p.].
[362] NEJAR, 2003, [n.p.].
[363] NEJAR, 2006, [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Jornal Tribuna Online, Nejar falou sobre a importância dela nessa mudança: "Tenho gratidão a Deus, sobretudo, e também a Elza, que é do Espírito Santo, minha companheira há 32 anos. Ela tem família em Vitória. Ela me puxou para a terra dela, que se tornou minha terra"[364]. A experiência de viver um novo amor, em terras novas, parece ter aberto janelas plurissignificativas na leitura nejariana. Como pontuado por Luiz Horácio Rodrigues, Nejar:

> […] guarda um misticismo sutil que, ao aflorar, permite ao poeta forjar palavras e expressões de uma sonoridade pouco usual, atestando sua vitalidade e precisão das imagens, sinais que o individualizam como um pintor de cuja palheta saltam cores de um aço cortante, manifestando seu amor a terra, aos seus familiares, a sua Elza, ao tempo, ao vento… [365].

É importante demarcar esse lugar essencial na percepção do feminino em Nejar, pois em terras capixabas a voz nejariana parece substituir o tom jurídico pelo pastoral, uma voz carregada de melodias, músicas. Em *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas*, Nejar compõe quinze cantatas, dois concertos e um "Infindável solo (ou a ordem dos planetas)"[366]. Sua vivência parece apontar para quem experimenta um renascimento. Na *Cantata de um só rastro*, ele finaliza com uma frase reveladora: "Amor é onde nasço"[367]. Quando chega no estado do Espírito Santo, Nejar sente-se em casa e passa a preencher sua poesia e romance com imagens femininas fortes e misteriosas. Elza é o feminino que oferece amor, colo, renascimento, vida. É personagem do real, mulher que ama e é amada, ganha o texto, a música e a poesia.

A segunda personagem feminina do universo nejariano configura-se como um desafio e uma oportunidade de exercício hermenêutico: Letícia, a Nuvem. Sua relação com o vento e seu *status* celeste fazem-na participante ativa do discurso pentecostal nejariano – o Espírito que desce e partilha a vida entre nós. Essa Nuvem passa a ocupar um espaço tão intenso na obra de Nejar que, alguns anos depois de publicado o romance com seu nome, Letícia reaparece como protagonista de outra obra, desta vez fora do nosso *corpus*, um livro publicado em 2010 com o título: *A Nuvem candidata à presidência*[368].

Ruy Câmara, escrevendo sobre Letícia faz uma síntese da personagem:

> (…) quem decide e seduz o leitor é uma personagem feminina, a Nuvem Letícia, depositária das virtudes cavalheirescas, que representa todas as mulheres nos seus

[364] NEJAR, Carlos. "A gente cria porque tem fé", diz escritor Carlos Nejar. Entrevista concedida à Redação do Tribuna Online. *Tribuna Online.* Vitória-ES, 20/07/2020 [n.p.]. [*online*].
[365] RODRIGUES, Luiz Horácio. *O mágico das verdades.* In: MODERNO, 2009, p. 168.
[366] NEJAR, 2002, p. 378-382.
[367] NEJAR, 2002, p. 359.
[368] NEJAR, Carlos. *A Nuvem candidata à presidência.* Goiânia: R&F, 2010.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

> anseios e conflitos. Ela se apresenta ao leitor em busca de verdade e a primeira verdade que nos mostra é a incapacidade do homem viver em harmonia com o seu entorno. [369]

A Letícia de Nejar é uma metáfora quixotesca que desafia a humanização da condição humana, fazendo, como nos mostra Ruy Câmara, uma "exposição metonímica de um mundo desfigurado, um mundo que se sustenta numa falsa relação de semelhança entre o sentido próprio e o sentido figurado do mundo ideal"[370]. Letícia é um significante "infinitamente aberto da possibilidade", como diz Kearney[371]. Sendo Nejar um pastor pentecostal, sua criação ganha contornos mais profundos, pois a Nuvem, que Nejar sempre grafa em maiúsculo, é parte da simbólica do discurso pentecostal, como vimos no capítulo dois. O próprio Nejar finaliza seu romance com uma explicação: "E o que não revelei, e o faço relutando, é que o verdadeiro escriba, contador da história da Nuvem, é o Vento"[372].

Se o escriba que conta a história de Letícia é o Vento, símbolo essencial do Espírito Santo, que perpassa a obra nejariana, podemos perceber uma efusão, um derramar do Espírito na forma da Nuvem que encarna, num dinamismo que experimenta o Espírito como potência realizadora. Segundo José Tolentino Mendonça, a efusão do Espírito é:

> A imagem mais frequente nos textos neotestamentários para descrever a manifestação do Espírito é a efusão. É interessante enumerar alguns dos sintagmas verbais que descrevem plasticamente essa ação: "O Espírito é enviado" (Jo 14.26; 15.26), "o Espírito derrama-se" (At 2.17.18.33), "o Espírito Santo cai sobre" (At 10.44; 11.15), "fica-se cheio do Espírito Santo" (Lc 1.15.41.67; At 2.4; 8.31; 9.17; 13.9), e, como precisa Jesus, o Espírito não apenas "permanece junto de", ele "está em" (Jo 14.17). É uma imagética forte que apela à interiorização de uma presença, à maneira de um dinamismo fusional. [373]

Letícia é a Nuvem que faz o caminho simbólico-poético da encarnação[374]: desce e vem andar entre os viventes. A encarnação é um dado teológico carregado de sensibilidade feminina. É impossível refletir sobre a encarnação na teologia sem passar por Maria, a mãe de Jesus, grávida pelo Espírito Santo. Maria é a figura feminina essencial na narrativa da salvação, uma leitura da esperança do mundo[375]. Letícia, a Nuvem, pode ser lida numa chave de sensibilidade

[369] CÂMARA, Ruy. *A Engenhosa Letícia do Pontal:* A realidade é tão grande que não deixa margem para os sonhos. In: MODERNO, 2009, p. 79-80.
[370] CÂMARA, In: MODERNO, 2009, p. 81.
[371] KEARNEY, 1984, p. 66.
[372] NEJAR, 2003, p. 304.
[373] MENDONÇA, 2015, p. 93.
[374] O teólogo pentecostal David R. Nichols diz que "para os que crerem no Filho de Deus, um *logos* na carne é a chave para entender a encarnação. E é exatamente isto que a encarnação significa: o Logos preexistente tomou sobre si a carne humana e andou entre nós". NICHOLS, David R. O Senhor Jesus Cristo. In: HORTON, 1996, p. 310.
[375] DE FIORES, S. Maria. *In:* DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo (Orgs.) *Dicionário de Espiritualidade.* São Paulo: Paulus, 1993, p. 683-697.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

feminina em registro semelhante: como encarnação do Espírito trazendo esperança à condição humana. Nejar define assim: "E a Nuvem queria o mundo amado e transformado"[376]. Se Maria é o feminino que enriquece a teologia, Letícia é o feminino que encanta a Ciência da Religião. A primeira é texto teológico, a segunda, texto da cultura.

A terceira personagem feminina da leitura nejariana que pretendemos analisar é Assombro: mulher e cidade[377], ser e lugar, personagem e paisagem. A linguagem nejariana perpassada pela experiência pentecostal não poderia avançar sem a presença do assombro, da dimensão poética do espanto, de se estar diante do sublime, do transcendente teopoético. José Tolentino Mendonça registra essa experiência do assombro na forma de uma oração: "Que não reduza o encontro contigo àquela conversa das pessoas sérias que não dizem nada. Que a tua presença seja o assombro que sacia"[378]. Assombro, espanto ou sublime não são tratados por Nejar na ambiência do terror, ma sim na experiência comunitária: a mulher e o povoado, identidade e comunidade. O simbólico do Espírito também aparece: "E outro nome terá Assombro: *Espírito*"[379].

Assombro aparece como cidade também em *A engenhosa Letícia do Pontal*[380] e *Riopampa*[381], nestas inserções surge como povoado e distrito. Em *Os viventes*, registra um "tratado de espantos" que transita por várias aparições do termo assombro em múltiplas acepções:

> "A natureza: assombro
> para dentro"
>
> "O espanto de viver
> é ir vivendo".[382]

A simbólica nejariana, sua translinguística, remexe os significados: mistura a natureza e a identidade, o espanto e a cadência do viver, não como acontecimento fora de si, mas dentro, na dinâmica dos dias. Relações ante o mistério e o cotidiano são características da poética da condição humana, assinatura artística de Nejar. Paulo Roberto do Carmo diz que "Em *Carta aos loucos*, a revolução se faz para dentro da linguagem, e é dessa epifania de signos, emergente, para fora, que Assombro organiza (...) as práticas políticas da solidariedade"[383]. A

[376] NEJAR, 2003, p. 99.
[377] NEJAR, 1998, p. 15.
[378] MENDONÇA, José Tolentino. *Um Deus que dança:* itinerários para a oração. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 44.
[379] NEJAR, 1998, p. 212, itálico do autor.
[380] NEJAR, 2003, p. 37.
[381] NEJAR, 2006, p. 121, 138.
[382] NEJAR, 1999, p. 236, 237.
[383] CARMO, Paulo Roberto do. Linguagem Desassombrada. In: MODERNO, 2009, p. 49.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

criação feminina nejariana amplia-se em múltiplos formatos: Elza é pessoa real que se torna tema do livro e base da vida; Letícia é Nuvem em sua suavidade que desce ao chão dos mortais; Assombro é o duplo: cidade-mulher que se eleva e partilha. João Ricardo Moderno diz que "a criação literária é um ato de assombro, consequência do assombro de estar no mundo e procurar reinventá-lo. Deus criou o mundo, nós estamos condenados a recriá-lo pela arte"[384].

Moderno vê Assombro como criatividade imaginativa: "Assombro, a 'Jerusalém das cinzas', onde o tempo é doença e morte, onde a razão tem valor relativo, onde a memória só tem valor se for memória imaginante, o único valor absoluto é a imaginação criadora"[385]. A imaginação nejariana amplia os conceitos e as geografias, levando Assombro – ou sendo levado por ela –, de uma obra a outra, como aldeia, povoado, cidade e identidade, como Espírito e palavra, texto e narrativa, linguagem polifônica espantada. Nos caminhos dos significantes femininos, pode-se ler em Nejar uma repetição constante dos termos palavra, infância, morte, águas, poesia, luz: todos termos cuja acepção feminina perpassa suas ocorrências, como nos exemplos de *Riopampa*: "Alguém deixou a morte, esta cachorra solta, ou ela mesma rompeu as correntes?"[386] e *Aquém da infância:* "Espírito, sucessiva infância"[387]. O feminino, em Nejar, é um estado de espírito, leve, livre, inquieto e em constante dança com o tempo: e esse é o seu assombro, "uma história circular, como pedradas na água"[388].

A quarta personagem feminina da leitura nejariana aparece em *Carta aos loucos:* Louise, "a cordoeira da loucura"[389]. O universo delirante de *Carta aos loucos* é um desafio, pois seus personagens são plurissignificativos, apontando para várias direções e camadas de sentido. Louise é uma dessas personagens marcantes, fortes, cujas emoções aparecem à flor da pele. Há várias outras figuras femininas na obra nejariana, contudo, a força de Louise, sua identidade e atuação, exigem a reflexão. Filha e esposa de fabricantes de cordões, Nejar a apresenta como mulher inteligente, articulada e decidida, alguém que conhece a loucura e o abismo do tempo na condição humana. Nejar a apresenta de modo espantoso:

> Louise dirigia um Asilo de Loucos, em Assombro. E desde a meninice foi criada entre pássaros, palavras e flores. Depois, no amor conheceu os fungos da demência. Primeiro, ao casar com um homem tendo mais de trinta anos de diferença. Depois pelos amantes, entre eles, Olivier, que, passarinheiro, a cativou. Culta, poliglota nas cores e sons, foi exercitando um dom de (des)raciocinar, (des)aprender o nexo entre

[384] MODERNO, João Ricardo. O Assombro da Imaginação Criadora. In: MODERNO, 2009, p. 53.
[385] MODERNO, 2009, p. 54.
[386] NEJAR, 2006, p. 72.
[387] NEJAR, 2002, p. 409.
[388] Nejar, em resposta a GASTÃO. In: MODERNO, 2009, p. 196.
[389] NEJAR, 1998, p. 189.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

> coisas, vocábulos, sentidos. Além disso, tinha predileção pelo uso do arco e flecha. Atirava com precisão no alvo.[390]

Louise é mulher, amante, cordoeira e munida de seu arco e flecha, povoando o imaginário da cidade de Assombro com as suas peripécias: "Alguns poucos contam que Louise já participou de uma batalha, com trajes de capitão"[391]. Essa Joana D'Arc de Assombro aparece entre cronotopos intrigantes: a livraria e o asilo de loucos. Louise acredita poder educar os loucos a partir do amor: "Engendrou a teoria de que o amor curava a loucura e que o demente, por não saber o seu lugar, perdia a relação com a vida e a rosa-dos-ventos. Mais tarde, avocou a sistemática da inteligência, sem negar a dos sonhos"[392]. Seus dezenove alunos[393], começam a desabrochar apresentando resultados artísticos como desenhos, poemas, histórias, mostrando o alcance libertador da educação amorosa. Sensibilidade feminina que não despreza a alteridade, mas que se estabelece como possibilidade humana em plenitude: "Recebia humanistas e criadores em seu Asilo, para dialogar com os loucos. E se surpreendia ao ver apenas crianças conversando"[394].

Louise aparece pouco no romance, contudo, sua presença exerce um papel radical na *Carta aos loucos* que Nejar propõe. Ela humaniza a desumanidade louca, ajusta o desajuste imaginativo. Como Nejar coloca na abertura da parte XXX, do décimo segundo capítulo, *Livro dos Espelhos*: "Louise tentava fabricar sanidade na demência"[395]. Louise é importante porque ilustra o tema da obra, a unidade do discurso. No capítulo décimo, *Livro do Caminho*, Nejar registra a *Carta aos loucos de Deus*, onde diz: "A obra do Espírito requer uma segunda infância e necessita de milagres (parafraseando Swift). Mas não escrevo aos frios ou mornos de ânimo, ou aos filhos da cartesiana lógica. Escrevo aos albatrozes, ou *loucos de Deus"*[396]. Na sequência, Nejar cita as palavras do apóstolo Paulo em I Co 1.27-29: O Senhor "escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias"[397]. Louise é a encarnação dessa loucura que confunde, do amor que cura porque se importa, da sabedoria que enlouquece porque desiste das lógicas puramente descritivas e faz de Assombro seu laboratório afetivo.

A última personagem feminina é Columba, registrada em *A Idade da Aurora: fundação do Brasil.* Esposa de Brasílio, mulher de olhar ameno e companhia cuja atração era a mesma

[390] NEJAR, 1998, p. 189.
[391] NEJAR, 1998, p. 190.
[392] NEJAR, 1998, p. 190-191.
[393] NEJAR, 1998, p. 191.
[394] NEJAR, 1998, p. 191.
[395] NEJAR, 1998, p. 189.
[396] NEJAR, 1998, p. 141.
[397] NEJAR, 1998, p. 141.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

do fogo[398]. Ela congrega em si mesma todos os significantes das outras personagens: mulher, terra, cidade, amor. Na edição utilizada em nossa pesquisa, Nejar faz um "prólogo impossível (agora posfácio)" e dá uma série de explicações sobre a obra e as personagens:

> As suas personagens (embora se intimidem diante do autor ou queiram existir no seu espaço, apenas), ouso, agora, apresentá-las: **Brasílio** (pai das palavras; Brasil se reinventando) e sua mulher **Columba** (**pomba, espírito**), dão à luz a **Futuro**. E esse ao descobrir **Durinda** (**Inda**), descobre sua outra parte (durindana, espada). Do amor, vem **João Serafim** (João do Apocalipse e o que desconheço) que, ao se unir à morena **Palavra**, faz brotar **Alva** e com ela sobe ao céu.[399]

Columba é um mosaico metafórico que une o feminino, o pentecostal e o misterioso. Ela condensa a leitura nejariana do feminino: mulher e esposa, mãe e terra, o espiritual e o político, o teológico e o poético. Sua densidade significativa é, ao mesmo tempo, um exercício exegético constante e uma amostra do olhar nejariano que, à luz da imaginação inventiva, projeta o encontro entre o Brasil e o futuro. Columba é um registro da poesia de Nejar como geradora de identidade e, como pontuou Virgílio López Lemus, uma identidade nacional: "Brasil como ilha diante do corpo global do mundo"[400].

As figuras femininas em Nejar mostram-nos o desafio que se apresenta quando estamos diante do universo da linguagem nejariana. Há diversas acepções na estrutura discursiva de Nejar, pois sua polifonia persiste de livro a livro, convidando-nos a amplificarmos as nossas percepções dos significantes e suas aplicabilidades. A potência imaginativa nas obras de Nejar apresenta-nos a carência de um aparato instrumental que possa servir como guia nas trilhas da teopoética filosófica nejariana. Este é o assunto da nossa próxima sessão: Nejariar: pequeno glossário das palavras e das ideias de Nejar.

3.3 Nejariar: pequeno glossário das palavras e das ideias de Carlos Nejar

O universo semântico nejariano é profundo e múltiplo, dialógico e polifônico. Suas palavras e ideias são carregadas de forte densidade simbólica através de uma intrincada teia de correlações e intertextualidades. Como destacou já no início da vida literária de Nejar, em um estudo de 1981, sobre o livro *Sélesis* (1960), o poeta e crítico literário Guillermo de la Cruz Coronado, há um espessamento poemático, uma complexidade na obra nejariana[401]. Essa

[398] NEJAR, 2002, p. 434.
[399] NEJAR, 2002, [n.p.]. Grifos do autor.
[400] LEMUS, Virgílio López. Prefacio Improvável: Idade da Aurora. In: MODERNO, 2009, p. 114.
[401] CORONADO, Guillermo de la Cruz. *O espessamento poemático em Carlos Nejar*. Porto Alegre: EDURGS, 1981.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

complexidade, espessamento, precisa ser levada em consideração ao refletirmos sobre a obra nejariana, a fim de que possamos usufruir melhor de sua inventividade.

A densidade nejariana tem sido muitas vezes encarada como dificuldade ou hermetismo, contudo, também pode ser apreendida pelo olhar poemático da beleza, como quem adentra uma floresta, munido pelo prazer de pesquisar, de observar novas percepções e ângulos do dizer. O espessamento nejariano pode ser percebido para além dos poemas, também em seus romances. Coronado identificou no poema nejariano a inventividade que cria palavras, como o próprio vocábulo *Sélesis*[402], palavra simbólica criada por Nejar, a que acrescentaríamos *Riopampa* no ambiente do romance e das geografias simbólicas do cronotopo nejariano: *Pontal do Orvalho, Casa do Vento, Solturvo*, dentre outras.

Algumas expressões nejarianas são constantes em seu universo literário: infância, alma, Deus, noite, condição humana, dentre outras, sempre aparecem e convidam-nos a ampliarmos o olhar. Desprezá-las é perder encanto e empobrecer a atmosfera inventiva. Os conceitos de Nejar são conceitos migrantes: há um trânsito entre os enunciados e seus correlatos, uma espécie de exercício lexical, dança semântica, que se desdobra em neologismos e/ou expressões que abrem novos horizontes para velhos sentidos. Nesta seção, pretendemos apresentar um pequeno glossário[403] nejariano das palavras e das ideias de Nejar, buscando alguns dos termos e expressões com registro privilegiado na obra nejariana do nosso *corpus* pesquisado, além de pontuarmos algumas inserções desses termos em outras obras[404] fora do *corpus*, a título de exemplo. A predileção pelos termos dentro do nosso *corpus* se dá também porque essas obras ajudam-nos a olharmos diretamente para o Nejar do período pesquisado, com suas percepções e atravessamentos do *locus* temporal, social, religioso e geográfico.

A metodologia utilizada para a confecção do pequeno glossário foi a pesquisa bibliográfica em Nejar, dentro e fora do *corpus*, além das contribuições técnicas de Faulstich[405] e Aguiar[406], que apontam caminhos e conceitos terminológicos importantes, como no caso da expressão "condição humana", a guisa de exemplo, que, em Nejar, aparece como sintagma terminológico: "mesmo que haja duas palavras na estrutura dos termos, há uma fusão

[402] CORONADO, 1981, p. 105.
[403] O glossário é pequeno por uma questão de espaço e de objetivo da pesquisa por hora. Nada há que impeça de seguirmos pesquisando e aumentando o tamanho e o número de palavras e expressões do múltiplo universo nejariano.
[404] NEJAR, 1999a; NEJAR, 1999b; NEJAR, 2000; NEJAR, 2002; NEJAR, 2010; NEJAR, 2020; NEJAR, Carlos. *O idioma da alma.* São Paulo: Minotauro, 2023.
[405] FAULSTICH, Enilde. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia:* termo e variação. Universidade de Brasília: Brasília, 1995.
[406] AGUIAR, Rebeka da Silva. *Glossário sistêmico como material didático:* descrição de termos formados por elementos eruditos. Tese Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília, 2018.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

semântica, e, assim, a estrutura passa a denotar um único significado"[407]. Citando Faulstich, Aguiar expõe a ideia de glossário: "O glossário é um documento terminográfico objetivo, dirigido a usuários específicos que procuram informações lexicais e semânticas precisas, com vistas a melhorar o desempenho linguístico e a aperfeiçoar o conhecimento profissional"[408]. Nosso pequeno glossário focará mais no trato terminológico do que lexicográfico.

Aguiar segue afirmando que "o glossário é uma obra com propósito delimitado, pois tem o intuito de atender às expectativas de determinado grupo linguístico"[409]. Nosso pequeno glossário é destinado aos professores de literatura, filosofia e ensino religioso que queiram aprofundar sua leitura de Nejar a partir das novas percepções possibilitadas por novos olhares para os conceitos e terminologia nejariana, sobretudo a partir de seu discurso religioso. O pequeno glossário pretende servir como subsídio para despertar o interesse em navegar pelas *águas* nejarianas e suas *vivências*[410]. Nosso desejo é que o pequeno glossário represente um instrumental prático e útil aos professores, teóricos da linguagem e leitores que gostariam de praticar exercícios interpretativos mais amplos a partir da leitura atenta dos verbetes e das ideias aqui expostas, além de percebê-las dentro do espectro do discurso religioso. Esse glossário poderá ser um importante instrumento didático-pedagógico na Educação Básica, pois conhecer a gramática religiosa de um literato da envergadura de Carlos Nejar, pode auxiliar o/a docente do Ensino Religioso na exploração de novos horizontes de leitura em diálogo com a religião como texto da cultura.

Gabriel Perissé, tratando sobre a importância de pesquisarmos as palavras e suas derivações, aponta para o desejo dos leitores em buscar os sentidos sempre novos das palavras através dos exercícios etimológicos que vão além das "definições convencionais"[411]. Perissé afirma ainda que "a linguagem, mais do que veículo de informações, é 'lugar' (intangível, inabarcável) no qual as relações e os nexos se realizam. (…) A mais imediata constatação é que a linguagem está encharcada de realidade… e de nossa subjetividade!"[412]. As palavras e ideias de Nejar coletadas para o nosso pequeno glossário foram pesquisadas e percebidas em sua tripla acepção: palavra, símbolo e texto da fé ou discurso religioso, sobretudo na experiência

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

[407] AGUIAR, 2018, p. 36.
[408] FAULSTICH, E. In: AGUIAR, 2018, p. 40.
[409] AGUIAR, 2018, p. 40.
[410] Os termos em itálico, *águas* e *vivências* aqui são uma amostra do espessamento lexical nejariano: são dois termos aparentemente comuns, mas que, no universo simbólico nejariano são vastos, carregando uma carga simbólica profunda que pode torná-los significantes nejarianos essenciais.
[411] PERISSÉ, Gabriel. *Palavras e origens:* considerações etimológicas. São Paulo: Saraiva, 2010, [n.p.].
[412] PERISSÉ, 2010, p. xv.

pentecostal. Alguns termos são bem conhecidos, contudo, no universo semântico nejariano, ganham outras possibilidades exegéticas.

O pequeno glossário é feito de um conjunto de quarenta verbetes, divididos entre palavras e expressões, em ordem alfabética, dentro das ciências da linguagem, no aporte do discurso religioso, com o intuito de lançar luzes às outras teias discursivas nejarianas e seus conteúdos. O pequeno glossário pretende ser uma fonte de sugestões de leituras e exercícios hermenêuticos aos que gostariam de dialogar com a obra nejariana, sobretudo os professores de literatura, filosofia e ensino religioso. Longe da pretensão de esgotar os sentidos, temos o objetivo de sinalizar aos leitores, à guisa de placas sinalizadoras de percurso, palavras e expressões que convidam ao envolvimento mais profundo na terminologia nejariana. Adentrar o universo gramatical nejariano é participar ativamente da ampliação dos conceitos e perceber as múltiplas possibilidades do dizer religioso como texto da cultura.

Nejariar: pequeno glossário das palavras e das ideias de Carlos Nejar

1. Águas: Potência vital e imaginativa. “Águas vivas” (2002, p. 384); “gramatical lógica das águas” (2002, p. 449); “escola das águas” (2002, p. 470). Simbólica da vida como condição passageira e como experiência pedagógica da linguagem (2023, p. 20). Discurso religioso de Cristo e do Evangelho (2003, p. 165).

2. Alma: Identidade espiritual do mistério humano. Vida que se experimenta na íntima criatividade, nos sonhos e nas emoções com suas simbólicas, como a metáfora do manancial (2003, p. 181). “A redundância de estarmos vivos” (1999a, p. 35). Raiz dos neologismos a(l)mar, (des)almava (2002, p. 457) e dos personagens Almado (1998, p. 151) e Almeiro Ninguém (2023, p. 89).

3. Amor: A essência, fundamento maior, pois comunga Deus e o homem. É a raiz da dinâmica das relações: “O que ama percebe”. (2003, p. 45); “Amor é onde nasço” (2002, p. 359): “Amar é uma árvore dentro de outra” (2002, p. 432); “Amor precisa de voz” (2003, p. 78). A simbólica da vida enraizada no discurso religioso intertextual com I Co 13.8: “O amor não termina” (2002, p. 441). Uma dimensão de experiência do mistério: “Amor é um pôr-do-sol que arrasta” (2002, p. 455).

4. Assombro: Cidade, mulher e estado de espírito. Aparece em *Letícia, Riopampa, Carta aos Loucos* e *O idioma da alma.* Dimensão simbólica do Espírito Santo: “E outro nome terá Assombro: Espírito” (1998, p. 212). Experiência do espanto, do encanto diante da

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

maravilha: “Desnudar-se no assombro que se acende” (1999a, p. 236); “O espanto de viver é ir vivendo” (1999a, p. 237).

5. Chama: Imaginários do fogo em sua simbólica dupla de voracidade e purificação. Exercício múltiplo de terminologias: fagulha, centelha, sarça, ardência (2003, p. 184; 299). “Os poetas são chamas: queimam as noites” (2000, p. 118; 1999b, p. 45). O discurso religioso da sarça faz eco intertextual de Êxodo 3.

6. Condição humana: Sintagma terminológico feito da junção de várias acepções: linguagem: “Somos feitos de palavras” (2006, p. 88); “O gênero humano é palavra” (2003, p. 58). Como crise: “Ser humano, às vezes, é doença” (2003, p. 200). Como discurso religioso: “O gênero humano não rasteja. Descansa na Rocha” (2003, p. 223), numa intertextualidade com I Co 10.3-4.

7. Delírio: Capacidade misteriosa de visão, numa espécie de amplificação do olhar. Simbólica da linguagem e do envolvimento com Deus para além das lógicas da razão. “As letras são o delírio da palavra”. (2006, p. 21). “O delírio é a loucura que vê” (2003, p. 49; 144); “Porque o delírio é como Deus escreve” (2006, p. 109).

8. Deus: O Absoluto, Supremo que se exprime por meio da Palavra. “Estar em Deus é intimidade da palavra”. (1998, p. 137). “E Deus acontece. Deus acontece no devagar. Sim, quando vem, recupera”. (2006, p. 33). Deus é, em Nejar, absoluto sobre tudo e todos, incluindo a dimensão temporal: “E Deus tem os futuros”. (2006, p. 101). O imaginário de toda a capacidade criativa: “Deus é diferença”. (2006, p. 199).

9. Dor: Experiência distintiva da condição humana. Marca do limite e da inigualável capacidade de ferir: “A dor não sabe sequer seu nome”. (2003, p. 25). Simbólica da finitude, da passagem implacável do tempo: “A dor de coisas velhas faz os homens velhos”. (1998, p. 27). “A dor quando nos carrega não tem noção de tempo”. (2003, p. 290).

10. Escuridão: A dinâmica natural da vida. Simbólica da morte, da noite e do silêncio. “A vida é do tamanho da escuridão” (1998, p. 189). Quem ama a claridade não teme a escuridão (2002, p. 412): “A partir da escuridão é que se inventa a claridade” (2000, p. 105). Uma simbólica do caos: “existirá algo imóvel maior que a escuridão?” (2002, p. 451). “Por que as estrelas têm nome e a escuridão não?” (2020, p. 73).

11. Esquecimento: Uma das marcas da condição humana, sinal de sua escassez e de sua batalha contra o que morre na linguagem. “A memória precisa esquecer, para perdoar-se!” (2003, p. 20). Simbólica das nossas elaborações frente às páginas da história: “E é o esquecimento o quintal de nossas mais ardentes imaginações”. (2003, p. 71). Imagética da fluidez, do deixar ir: “E esquecer se tornava a cidadania do vento”. (1998, p. 16).

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

12. Esperança: A simbólica lúdica da teimosia humana: “A esperança é o que temos – falou a Nuvem. – E é uma casa que, às vezes, precisa de reforma”. (2003, p. 22). No discurso religioso, é um reconhecimento da potencialidade criativa de novas possibilidades: “A esperança tira as sandálias dos pés, porque a terra em que pisa é o coração do homem”. (2003, p. 295). Interdiscursividade com Êx 3.5; Ez 11.19; 36.26.

13. Fogo: A dupla simbólica da voracidade destrutiva e da purificação, além do desejo, da atração e do instinto (2002, p. 434). “O fogo é alma que não termina”. (2003, p. 18). Uma simbólica da ânsia de viver: “E se havia um fogo que não podia consumir-se, era o das almas. E se mostrava o único a revelar que ainda estávamos vivos”. (2003, p. 68). Discurso religioso da experiência extática pentecostal que dialoga com seus símbolos e imaginários: “Escrevo o fogo em mim”. (2006, p. 124; 2000, p. 116).

14. Fome: Imagética do instinto predatório como simbólica da animalidade devoradora. “As teorias são protuberantes, excelsas, mas só a fome se democratiza”. (2003, p. 152). Marca distintiva da condição humana: “A fome é como a noite. Caminha para dentro”. (2006, p. 65). Sua dinâmica é a voracidade: “A fome só tem boca” (2006, p. 78). A humanidade torna-se presa eterna da fome e sede (1999b, p. 56; 2023, p. 17). Imagética da unidade: “A fome reúne” (2020, p. 75).

15. Glória: Marca da transitoriedade. Simbólica do que é passageiro, vaidade: “A glória é um ruído de vento”. (2003, p. 141; 1999a, p. 268). A simbólica da busca do que não sacia: “A glória é sozinha, como a dor”. (2003, p. 294). Há, na glória, um componente de perigo: “O que nos glorifica é o que nos mata!” (2003, p. 214). “A glória não tem piedade” (2010, p. 78).

16. Imaginação: Discernimento do invisível (2006, p. 35); “Excesso de infância”. (2003, p. 44). Uma dádiva das almas que ainda sonham: “A imaginação é uma virtude, jamais doença”. (2003, p. 118). Simbólica da inventividade, do gênio criador: “A imaginação não dorme”. (2006, p. 18). Capacidade de permanecer aberto às possibilidades: “Excesso de infância” (2003, p. 44). Uma dinâmica de retroalimentação do espírito criativo: “A imaginação é inventável” (2006, p. 30). Simbólica da visão mais ampla, curada dos automatismos: “Quem não sabe imaginar, não sabe ver” (2003, p. 62). Imaginação também é exercício de liberdade (1998, p. 38).

17. Infância: Experiência humana por excelência, o lugar humano da inocência, da serenidade e da alegria (2006, p. 20-23), ambiente das melhores memórias: “Sótão cheio de jarros e passarinhos” (2002, p. 406). Discurso religioso da alegria e da amplitude da linguagem: “A infância tem o dom das línguas” (2002, p. 410). Lugar da intimidade com o sagrado: “Ao buscar a infância é que encontramos Deus” (2006, p. 120). Um dos termos-chave do discurso

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

nejariano, sempre com múltiplas acepções, sobretudo na linguagem: “a infância dos vocábulos, a sintaxe dos vivos e dos mortos” (2023, p. 24). Simbólica da verdadeira inteligência: “A infância é estado de extrema inteligência nesta ciência de existir” (2003, p. 89).

18. Inventações: Experiência da criatividade sem limites: “Inventar é ir vendo” (2002, p. 446). Simbólica da ação lúdica de criar, infância inventiva: “A graça do mundo é o inventável” (2006, p. 93). Dinâmica incansável, capaz de novidades: “Prefiro inventar novas coisas com velhas palavras” (2003, p. 304). A linguagem só é possível nas inventações que descobrimos nela e a partir dela (2000, p. 58).

19. Justiça: A simbólica dos limites, do lugar de contenção do espírito humano, tão carente de loucuras: “O excesso de leis resulta no excesso de fendas, por onde transgressores escapam”. (1998, p. 116). Como simbólica também das relações de amor (1999b, p. 115: “o justo amor”). Dimensão profética do discurso religioso na interdiscursividade com Amós 5.24.

20. Linguagem: Mais uma das características distintivas da condição humana. Na simbólica da própria constituição humana: “Não se pode perder a pura alegria, senão perdemos linguagem. E é como perder sangue”. (2006, p. 175). Na simbólica da própria linguagem: “Porque tudo é símbolo, mesmo o que se ignora”. (2006, p. 201). A linguagem também como ato político de resistência: “A linguagem ajudava a resistir” (1998, p. 54); e como força espiritual: “o último baluarte da espécie” (1998, p. 54-55). “A linguagem é maior do que os sistemas” (2000, p. 47).

21. Livro do Caminho: Terminologia nejariana para designar a Bíblia: (1998, p. 131, 137, 196; 2003, p. 109; 2006, p. 17, 115, 119; 2023, p. 19, 21). Simbólica de dupla imagética: do Livro, como linguagem de excelência e do Caminho, como acepção de Cristo, em intertextualidade com Jo 14.6 e da própria Bíblia como luz ao caminhante Sl 119.105.

22. Loucos: Terminologia que se desdobra em vários significantes: loucura, insensatez, e, em outra acepção, delírio. “Há, em Letícia, como em todos, o maníaco escondido”. (2003, p. 92). Discurso religioso como profetismo que destoa do *status quo:* “E a loucura é o divino que não quer crescer”. (2003, p. 241). Simbólica dos contrários: “A loucura é a sensatez do tempo”. (1998, p. 89); “A loucura é a razão do impossível”. (2003, p. 279). Lugar da ambiguidade humana: “A nossa dependência com a vida é sermos lúcidos e loucos” (1999b, p. 88) e da falta de discernimento (1999b, p. 104).

23. Luz/lucidez: Simbólica da mente saudável e da criatividade livre: “Na luz, nada pesa”. (1998, p. 157). Discurso religioso da fé que enxerga a partir da mente ampliada (1999a, p. 130). Uma dimensão de entrega absoluta ao estado de espírito que provoca a inventividade. Claridade que permite distinguir e discernir: “Só se vê bem na luz” (2003, p. 241).

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

24. Mal: A simbólica da destruição, da ausência e da escuridão plena. O espírito da queda: “O mal se cava caindo”. (2003, p. 280). O mal é a violência ao original: “O mal usa máscaras” (2003, p. 33). É um lugar de portas fechadas: “Terrível é estar no mal e não poder sair” (2003, p. 247). Na simbólica do discurso religioso, o mal carrega seu medo estrutural: “O mal teme a palavra” (2006, p. 16). A simbólica do mal aponta para a não-inocência e para as trevas: “Nuvem escura; sem infância” (2006, p. 205).

25. Memória: A simbólica da teia imaginativa que une os tempos. Lugar ontológico da condição humana: “E sem memória, não, não vinga o gênero humano”. (2003, p. 292). Memória é “luz acordada” (2003, p. 189), numa imagética do despertar e vencer a noite, simbólica do mal. A memória também une a temporalidade: “A memória é o futuro” (2002, p. 356).

26. Morte: O espectro que persegue a condição humana e a afeta: “A morte não é expiação, é descoberta”. (2003, p. 122). É a pergunta que provoca constantes mergulhos no ser: “A morte não seria cair, cair sem fim?’ (2003, p. 302). A simbólica de uma loucura sem bônus: “Uma loucura impenetrável” (1998, p. 121). Na dinâmica das relações, a morte é a grande exceção: “A morte não tem família” (2006, p. 48).

27: Noite: Dimensão tripla: como lugar do aprendizado: “Quem aprende na noite, com ela se preserva” (2002, p. 490); como lugar do ritmo temporal cadenciado: “A noite é quando o tempo deixou de estar correndo” (2002, p. 491) e como metáfora da humanidade: “Somos a noite do primeiro dia” (1999b, p. 57). A noite é desafio: “Quem poderá recuar os limites da noite?” (1999b, p. 91).

28. Nuvem: Simbólica da condição humana (2003, p. 156), a Nuvem é a encarnação da palavra. “Eterno é o céu – ela disse. – Sou apenas a sua parte mudável”. (2003, p. 295). Carregam a simbólica das emoções que deságuam na experiência da dor: “Todas as Nuvens são dramaticamente tolerantes. Até choverem” (2003, p. 152). Sua simbólica aponta para “o durável em nós, o que não enferruja, nem apodrece” (2010, p. 28).

29. Palavra/palavras: O universo simbólico nejariano por excelência. Raiz do neologismo (pa)lavra (2002, p. 453), o labor que se dá ao envolver-se com o verbo. A palavra tem uma dimensão pedagógica: “pode educar homens e símbolos” (1998, p. 68). Somos feitos de palavras: (2006, p. 24). “As coisas e os seres são palavras”. (2006, p. 144). Sua característica singular é a eternidade: “E é eterna a palavra”. (1998, p. 80). No discurso religioso nejariano, palavra pode ser o vocábulo e/ou a acepção teológica da Bíblia.

30. Pássaros: Simbólica da liberdade, da amplitude do voo e, sobretudo, da dimensão espiritual do encanto: “Mais vale pássaro nos olhos que abutre voando”. (2003, p. 300). Também há a simbólica da imaginação como o passaredo interior da inventividade: “Quando a

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

imaginação nos visita, ficamos cheios de pássaros por dentro" (2000, p. 69). A condição humana carrega uma dimensão de pássaro (1999b, p. 43). Dimensão da linguagem: "dialetos pássaros" (2002, p. 472), como palavras que voam e constroem suas casas nas árvores verbais (1998, p. 36).

31. Poesia: A arte da mudança, sem cadeias ou limites. A simbólica de todas as vozes e todos os significantes: "Porque a poesia sabe todas as línguas". (2003, p. 44). Um discurso religioso salvífico, uma teologia da beleza: "A poesia tem o poder de reduzir a impiedade dos homens" (1998, p. 66). A poesia habita uma dimensão íntima das palavras: "a seiva das palavras" (2000, p. 23). A simbólica do delírio e do sonho são intrínsecas à poesia (2000, p. 79).

32. Riopampa: Cidade e dimensão da inventividade nejariana: (2003, p. 76). No discurso religioso, torna-se metáfora da interioridade humana: "Riopampa é o coração do homem, terra que ninguém pisa". (2006, p. 167). Simbólica cíclica do tempo: "Tudo é palavra. Depois só alma. Riopampa: tempo". (2006 p. 208). Na metáfora do tempo Riopampa é redemoinho, lugar das águas que passam e não voltam.

33. Redemoinho: Dimensão de tempo, de eternidade (2000, p. 29). No discurso religioso, aponta para a presença do Espírito de Deus caminhando entre os humanos: "o redemoinho andava pelo meio deles" (2006, p. 117). Pode sugerir também uma dimensão mística simbólica do Espírito de Deus numa intertextualidade com Ez 37, além de sugerir uma experiência imagética apocalíptica do Deus que revela sua presença no caos.

34. Semente: Potência criativa, nascente existencial de seres e coisas. Simbólica das linguagens e suas fontes: "Tudo é semente, o mar. Tudo é semente retirada do vento". (2003, p. 87). A imagética da vida se dá na estrutura das sementes, num discurso profético: "O que as sementes falam, a terra cumpre. O florescimento nasce da fala das sementes. Até que a palavra solte a chuva em cima". (2006, p. 171). A vitória da vida vem da percepção da dimensão profética: "Gentes e coisas precisam de terra em cima. Porque a vocação da semente é mais ampla que a vocação do fruto". (2003, p. 266).

35. Silêncio: Linguagem da profundidade, um idioma do espírito: "Da abundância do coração fala o silêncio". (2003, p. 137). "O silêncio é mais eloquente do que a dor" (1998, p. 42). Simbólica da amplitude, o silêncio não é a falta do dizer, mas o excesso: "E o silêncio foi engolido, a palavra não". (1998, p. 138). Dimensão histórica de partilha da condição humana. Não há humanidade que não conheça o silêncio: "O silêncio conta a história do mundo". (1998, p. 159).

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

36. Tempo: Dupla acepção: inimizade com a condição humana e, ao mesmo tempo, lugar de aprendizado e experiência: “E o tempo é a fábula de Deus”. (2003, p. 142). Lembrete da vulnerabilidade e do limite: “Admiti que nem aos que o servem o tempo poupa”. (1998, p. 26). Simbólica da vertigem humana de viver: “O tempo sofre de labirintite”. (2006, p. 164). Dimensão da imparcialidade implacável: “Não tem rosto o tempo”. (1998, p. 57). Experiência de amadurecimento: “O tempo é uma forma de amor”. (1998, p. 179).

37. Texto: Tudo é texto, pois somos palavra. Simbólica da vivência substancial mais profunda da condição humana: “E o texto é viagem, leitores”. (2003, p. 303). Dimensão ontológica que mistura letras, palavras, escrita e discurso (2002, p. 433). Metáfora das essências: “Um poço que necessita de balde. Fala pela boca da página” (2003, p. 65). Lugar de esconder e revelar (2023, p. 21).

38. Velhice: Condição existencial entre a beleza e a crise: “A velhice sofre da vertigem da altura. E eu penso que sofre apenas de artrite na alma”. (2006, p, 173). Simbólica da maturidade que, à revelia da temporalidade, renova-se: “Quando os velhos descobrem as palavras com sua longeva fonte, a juventude, recomeçam a reverdecer a imaginação”. (1998, p. 86). Dimensão de sabedoria muito além do conhecimento: “Poucos sabem ser velhos”. (1998, p. 91). Lugar que favorece o equilíbrio: “A velhice que encosta muito no sol, tonteia” (2006, p. 25). Experiência de cultivo das melhores memórias: “Envelheço, economizando infância” (2003, p. 19). Discurso religioso da renovação: “Não envelheci, porque Deus em mim não envelhece” (2020, p. 104).

39. Vento: Dimensão mística por excelência, pois abarca as potencialidades múltiplas do Espírito de Deus, do sopro criativo e da fugacidade humana (2023, p. 25). Simbólica da linguagem: “O vento sempre conversa com quem o sabe escutar”. (2006, p. 9). “O acontecimento é vento. Algo está sucedendo e o vento quer contar. O vento sabe. Corre com o tempo atrás”. (2003, p. 25). Discurso religioso sob a interdiscursividade da Criação, em Gn 1 e da transitoriedade em Ec 2.11: “Até cairmos todos, todos. Todos em Deus. E dentro do vento”. (2006, p. 209). Experiência pentecostal de linguagem: “O verdadeiro escriba, contador da história da Nuvem, é o Vento” (2003, p. 304).

40. Viventes: Terminologia característica nejariana, indica o gerúndio do viver: “E viver não se repete. O virar do monjolo parece igual, mas não se repete” (2006, p. 95). Dimensão da história, os viventes falam uns dos outros (1999a, p. 376). Discurso religioso em interdiscursividade com o imaginário bíblico, sobretudo das visões do profeta Ezequiel, capítulo 1 (2006, p. 100). Simbólica da teimosia humana da persistência em sua épica do tempo (2023, p. 25).

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

CONCLUSÃO

Estudar a obra de Carlos Nejar, sobretudo como poeta e romancista, em seu período de atuação no estado do Espírito Santo, revelou-se uma jornada surpreendente. A relação entre religião e literatura promove mergulhos interessantes e proveitosos capazes de dialogar com imaginários e discursos repletos de possibilidades: no caso nejariano, o imaginário religioso-pentecostal envolve-nos em imagens e símbolos polifônicos, tais como a Nuvem, o fogo, a infância, o redemoinho, dentre muitos outros. O *corpus* pesquisado serviu como mapa pelos caminhos nejarianos e sua multiplicidade: o trânsito das ideias, o discurso do sagrado, a Bíblia como texto fundamental, além da dialogicidade com a presença do feminino no discurso nejariano, formaram o conjunto das ideias discutidas nesta pesquisa.

Nossa tarefa proposta foi perguntar sobre quais são as imagens, símbolos e linguagens que podemos perceber no imaginário religioso-pentecostal de Carlos Nejar em seu período de atuação no estado do Espírito Santo. Para respondê-la, partimos de um mergulho na obra de Carlos Nejar entre as décadas de 1980-2000, feito a partir de um recorte de sete obras: *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas; Aquém da infância; Os viventes; A engenhosa Letícia do Pontal; Riopampa: o moinho das tribulações; Carta aos loucos* e *A idade da aurora.* O *corpus* pesquisado foi escolhido com base em sua importância na carreira nejariana, bem como seu alcance, reconhecimento e potencial imaginativo, sobretudo em sua relação com o imaginário religioso-pentecostal.

Percebemos, ao longo da pesquisa, a proliferação das imagens, símbolos e linguagens nejarianas – Nuvem, vento, fogo, redemoinho, dentre outras – como polifonia e dialogicidade, conceitos que utilizamos a partir da análise do discurso, nosso referencial teórico. Nejar, como pregador e pastor pentecostal, perpassa esses conceitos com sua pentecostalidade, ampliando o discurso para além da figura de linguagem, o que amplifica seu discurso para além da literatura, como texto religioso da cultura. As imagens, símbolos e linguagens nejarianas nesse período, tornam-se ecos de outras vozes, das experiências comunitárias e espirituais com suas comunidades de fé: Assembleia de Deus e Igreja Cristã Maranata. Mostramos a presença da intertextualidade, interdiscursividade, dialogicidade e polifonia na obra nejariana e, sob os auspícios de Bakhtin, observamos a unidade da pentecostalidade como fio condutor da experiência nejariana.

Nossa hipótese de que o imaginário religioso-pentecostal de Carlos Nejar e a força de sua poética e romance, ganharam ainda mais profundidade e amplitude a partir das experiências e vivências nejarianas no estado do Espírito Santo, mostrou-se confirmada. Sua linguagem,

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

antes jurídica, formal, passou a ganhar contornos menos rígidos e mais próximos do diálogo com o Vento, com a Nuvem – que são presenças marcantes no discurso da simbólica pentecostal –, assim como a presença do feminino e sua leveza, como vimos nas figuras de Elza, Letícia e Assombro. As vivências de Nejar com as comunidades pentecostais do Espírito Santo marcaram sua vida de modo impactante, a ponto de seu discurso se consolidar com obras que se tornaram indispensáveis ao leitor nejariano: *Carta aos loucos; A engenhosa Letícia do Pontal* e *Os viventes*. A experiência pentecostal não diminuiu nem segmentou o discurso nejariano, pelo contrário, ampliou-o a ponto de permitir uma leitura teopoética que perpassa vários gêneros: poesia, romance, história. Em Nejar, o imaginário religioso-pentecostal não fica preso ao dogmatismo institucional, mas adentra o universo da cultura e chega à Casa de Machado.

Cada um dos textos nejarianos estudados serviu-nos como caminho para os nossos objetivos: identificar os principais símbolos, imagens e linguagens do imaginário religioso-pentecostal de Nejar. Perceber o alcance e impacto da perspectiva pentecostal na obra nejariana no período estudado, além de mostrar o quanto a religião, como texto da cultura, pode contribuir para os estudos das relações entre religião e literatura, ensino religioso e literatura, teologia pentecostal como aporte poético de qualidade. Nejar consegue produzir textos que dialogam com a cultura com forte carga religiosa sem tornar-se apologético ou fechado no gueto institucional. Suas obras dialogam com os intertextos da cultura mundial indo desde Don Quixote e Rubem Alves aos textos bíblicos e as experiências pentecostais de sinais, sonhos e profecias.

A linguagem nejariana possui características singulares que nos convidam a novos olhares. Refletindo sobre essa polifonia e multiplicidade de imagens, dimensões e símbolos, buscamos produzir um pequeno glossário nejariano das palavras e das ideias. O objetivo do pequeno glossário é ser um importante instrumento didático-pedagógico para os professores de ensino religioso, literatura e filosofia, que queiram aprofundar seu olhar para a obra nejariana. Os quarenta verbetes selecionados buscam fornecer pistas de aprofundamento na gramática religiosa de Nejar, gerando a exploração de novos horizontes de leitura em diálogo com as expressões religiosas, sobretudo pentecostais. Os verbetes trazem uma rápida definição em três aspectos: definição, simbólica e discurso religioso – dimensões que podem ampliar as discussões e promover outras perspectivas sobre as obras nejarianas.

A obra nejariana é vasta, portanto, ainda há muito chão poético-pentecostal para ser trilhado. Nossa pesquisa pode servir como base para o vislumbre da veia poético-pentecostal nejariana, bem como sugerir novos diálogos e perspectivas nas relações entre ensino religioso e literatura. As obras nejarianas são múltiplas e convidativas, podendo gerar novos trabalhos e

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

aprofundamentos. O pequeno glossário pode ser ampliado e tornar-se, inclusive, base para novos diálogos. O conceito bakhtiniano de polifonia e dialogicidade pode seguir como horizonte teórico nejariano, uma vez que as muitas vozes e intertextualidades seguem convergindo e conversando com as linguagens nejarianas. Os romances e poesias de Nejar guardam significativas possibilidades de aprofundamento e novos trabalhos, como por exemplo, a potência imaginativa teopoética de *Carta aos loucos* ou a personalidade pentecostal de Letícia – a Nuvem. O universo sobressimbólico nejariano persiste como convite à religião como texto da cultura.

O discurso sagrado poético-pentecostal de Nejar não parou no estado do Espírito Santo. Nejar segue publicando e produzindo imagens e símbolos de sua pentecostalidade. A título de exemplo, seu mais recente romance, *O idioma da alma*, carrega alguns dos símbolos e das imagens que pesquisamos: alma, Palavra, infância, vento, pássaro, assombro – numa constante dialogicidade com o próprio universo gramatical. Nejar segue fiel ao princípio existencial que adotou para si mesmo – e que tomamos como tema da nossa pesquisa – "É tudo pela Palavra". A polifonia do termo, a interdiscursividade e intertextualidade do vocábulo *palavra* segue promovendo o convite à imaginação e ao encontro com a potência teopoética que nasce no Pampa, entrega-se ao vento do Santo Espírito no estado do Espírito Santo e permanece na Casa do Vento, deixando-se encantar pela Nuvem.

Nosso esforço foi no sentido de apontar para o discurso nejariano poético-pentecostal como produtor de cultura, de um diálogo importante entre religião e literatura ampliando os sentidos e dialogando com os símbolos e as imagens que perpassam o imaginário pentecostal brasileiro. Acreditamos na importância de trazer à baila o viés pentecostal do discurso sagrado em Nejar, uma vez que são elementos essenciais das suas experiências no estado do Espírito Santo. A poética e o romance nejarianos podem ser pesquisados e experimentados como texto da cultura com toda a sua amplitude, pois sua polifonia e alcance ainda propiciam novos olhares, outras possibilidades hermenêuticas e dialógicas.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

REFERÊNCIAS

ABD-ACADEMIA BRASILEIRA DE DEFESA. *Luis Carlos Verzoni Nejar.* Disponível em: https://www.defesa.org.br/luis-carlos-verzoni-nejar/ Acesso em: 09 mar. 2023.

ABL-ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Bibliografia.* Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/carlos-nejar/bibliografia. Acesso em: 10 mar. 2023.

ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação.* São Paulo: Fonte, 2012.

ALVES, Rubem. *Do Universo à jabuticaba.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola.* São Paulo: Planeta, 2014.

ALES-ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO. *Assembleia Legislativa entrega títulos de cidadão e comendas.* Redação Web Ales. Disponível em: https://www.al.es.gov.br/Noticia/2012/12/22759/assembleia-legislativa-entrega-titulos-de-cidadao-e-comendas.html. Acesso em: 10 mar. 2023.

BAUCHAM, Richard. *A teologia do livro de Apocalipse.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2021.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2021.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso.* Campinas: Unicamp, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética:* a teoria do romance. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso.* São Paulo: Editora 34, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução e literatura: (filosofia, teoria e crítica).* Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

IBGE. *Censo Demográfico 2010.* Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://goo.gl/9ehgJb. Acesso em: 09 mar. 2023.

BRASIL. Senado Federal. *Cinquentenário da Igreja Cristã Maranata é comemorado em sessão especial*. In: *Senado Notícias.* Brasília, 23 mai. 2018. Disponível em: https://goo.gl/3iKdWH. Acesso em: 08 mar. 2023.

BRINCO, Joel Ribeiro. *Igreja Presbiteriana de Vila Velha, 50 anos de história.* Vila Velha: Do autor, 2003.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

BRIZOTTI, Alan; OLIVEIRA, David Mesquiati; TERRA, Kenner. “Creio na imortalidade da palavra”: a experiência poética da palavra na “Carta aos loucos” de Carlos Nejar. *Revista Unitas*, Vitória, v. 10, n. 2, p. 177-200, 2022. Disponível em: https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/2717. Acesso em: 5 abril 2023.

CAMARAPOA. *Carlos Nejar é Cidadão Emérito de Porto Alegre.* Disponível em: https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/carlos-nejar-e-cidadao-emerito-de-porto-alegre. Acesso em: 10 de mar. 2023.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade:* hermenêutica, história e teologia. São Paulo: Recriar, 2018.

CARMO, Paulo Roberto do. *Dicionário de citações da ficção de Carlos Nejar.* Rio de Janeiro: Batel, 2009.

CARPINEJAR, Fabrício. *GHZ.* Choro de felicidade. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2022/06/choro-de-felicidade-cl4ndd4h0006q019itpls1cg6.html. Acesso em: 06 mar. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. *Carlos Nejar e a “Geração de 60”.* São Paulo: Saraiva, 1971.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIAS, Adiclecio Ferreira; FERREIRA, Anderson Clayton N.; VALENTE, José Fábio Bentes (orgs.). *Igreja Cristã Maranata:* história, dogmas e contribuições sociais. Ananindeua: Itacaiúnas, 2021.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano:* a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FERRAZ, Salma; MAGALHÃES, Antônio; CONCEIÇÃO, Douglas; BRANDÃO, Eli; TENÓRIO, Waldecy. *Deuses em poéticas:* estudos de literatura e teologia. Belém: UEPA; UEPB, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 2022.

FRYE, Northrop. *O grande código: a Bíblia e a literatura.* Campinas: Sétimo Selo, 2021.

GAMA FILHO, Oscar. *Sobressimbolismo:* uma imersão na obra de Carlos Nejar. Disponível em: https://inteligencia.insightnet.com.br/sobressimbolismo/. Acesso em: 17 mar. 2023.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço.* Petrópolis: Vozes, 2017.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

ICM. Maranata 45 anos. *Revista Vem,* ed. especial, Vila Velha, mar. 2013.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura:* uma teoria do efeito estético. vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER Wolfgang. *O fictício e o imaginário*: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

ISTOÉ. *Indicado ao Nobel de Literatura, Carlos Nejar recebe homenagem em Brasília.* Disponível em: https://istoe.com.br/indicado-ao-nobel-de-literatura-carlos-nejar-recebe-homenagem-em-brasilia/. Acesso em: 10 mar. 2023.

JORNAL DA POESIA. *Carlos Nejar:* biografia. Disponível em: http://www.jornaldepoesia.jor.br/cn.html. Acesso em: 07 mar. 2023.

LAGO, Davi; TERRA, Kenner (orgs.). *Carlos Nejar e o sagrado:* aspectos literários, espirituais e proféticos. São Paulo: Recriar, 2022.

LEVINSON, Jack. *Inspirado:* o Espírito Santo e a mente de fé. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

LOPES, Márcio Cappelli Aló. *Por uma teologia ficcional:* a (des)construção teológica na reescritura bíblica de José Saramago. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro, 2017.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos.* São Paulo: Paulus, 1993.

MACHADO, Cínthia Marítz Ferraz dos Santos. *A palavra iluminada:* "A Arca da Aliança" - paródia na poesia religiosa de Carlos Nejar. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa, 2013.

MODERNO, João Ricardo (org.). *Carlos Nejar:* poeta da condição humana. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Balaio:* alguns poetas da Geração 60 & arredores. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2012.

MOISÉS, César; CARVALHO, Céfora. *Teologia sistemático-carismática*. vol. 1. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

MORGANTI, Vera Regina. *Autores gaúchos*. Revista do Instituto Estadual do Livro-IEL. Porto Alegre: IEL, 1985.

NEJAR, Carlos. *Carta aos loucos.* Rio de Janeiro: Record, 1998.

NEJAR, Carlos. *Os viventes.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

NEJAR, Carlos. *Livro de Silbion.* São Paulo: Hucitec, 1999.

NEJAR, Carlos. *Caderno de fogo:* ensaios sobre poesia e ficção. São Paulo: Escrituras, 2000.

NEJAR, Carlos. *A Idade da Aurora:* poesia II. São Paulo: Ateliê; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

NEJAR, Carlos. *A engenhosa Letícia do Pontal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

NEJAR, Carlos. *Riopampa: o moinho das tribulações.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NEJAR, Carlos. *A Nuvem candidata à Presidência.* Goiânia: R&F, 2010.

NEJAR, Carlos. *Contos inefáveis.* São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

NEJAR, Carlos. *O Evangelho segundo o vento.* Campo Grande: Life, 2020.

NEJAR, Carlos. *Memórias de outra idade.* Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2023.

NOGUEIRA, Paulo. *Linguagens da religião:* desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulus, 2012.

NOGUEIRA, Paulo (org.). *Religião e linguagem:* abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

OTTO, Rudolf. *O sagrado:* os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião.* São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

PRADO, Adélia. *Bagagem.* Rio de Janeiro: Record, 2022.

REVISTA VEJA. *"Multidões no Vale da Decisão*". 09 nov. 2022. Disponível em: https://veja.abril.com.br/religiao/multidoes-no-vale-da-decisao/ Acesso em: 09 mar. 2023.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa:* a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A falsa religião e a amizade enganadora*: o livro de Jó. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHROEDER, Silvia C. N.; SCHROEDER, Jorge L. Música como discurso: uma perspectiva a partir da filosofia do Círculo de Bakhtin. *Música em Perspectiva, Revista UFPR*, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/27495 Acesso em: 22 mar. 2023.

SMITH, James K. A. *Pensando em línguas:* contribuições pentecostais para a filosofia cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020.

SMITH, James K. A. *Como (não) ser secular:* lendo Charles Taylor. Brasília: Monergismo, 2021.

SOUZA, Diego Mendes de. *Entrevista com o escritor Carlos Nejar.* Entrevista. *Domingo com poesia.* Disponível em: http://www.domingocompoesia.com.br/2020/06/entrevista-com-o-escritor-carlos-nejar.html?m=1. Acesso em: 19 mar. 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal:* Espírito, Escritura e teologia. Natal: Carisma, 2020.

TERRA, Kenner. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 54, p. 1085-1106, 2018.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. *"Nuvens são pássaros…"* Jesus na obra *"A Arca da Aliança"* de Carlos Nejar. *Revista Teoliterária*, Curitiba, v. 10, n. 20, p. 38-69, 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/47288. Acesso em: 17 mar. 2023.

TERRIEN, Samuel. *Jó.* Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1994.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia:* ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

ANEXO

Entrevista concedida por Carlos Nejar a Alan Brizotti, via telefone. Data: 13 fev. 2023.

1. Gostaria de agradecê-lo por seu tempo e generosidade. Como o senhor enxerga o meu interesse em sua obra no período em que morou e atuou no estado do Espírito Santo?
Carlos Nejar: Fico muito feliz, meu irmão! O Espírito Santo é uma terra generosa. O povo do Espírito Santo me acolheu. Fico muito feliz em poder relembrar aquele tempo e saber que há esse esforço acadêmico para com a minha obra naquele período. Eu cheguei divorciado e sofri muito, mas casei-me novamente e experimentei muitos milagres de Deus. É tudo pela palavra. Foi o tempo mais feliz da minha vida: eu morava diante do mar. Minha experiência ali foi muito marcante. Deus fez muitos sinais nas igrejas: sinais, curas, salvação nas igrejas.

2. O senhor se lembra de sua atuação nesse período: escrita, espiritual, eclesiástica?
Carlos Nejar: Sim! Foi um período intenso, começando por volta de 1988. Eu fui obreiro da Igreja Cristã Maranata. Morei num apartamento dentro da sede da ICM, em Vitória, onde trabalhei como advogado para a igreja. Casei-me com Elza e escrevi muitos livros. É a palavra que me pega. Sou Servo da Palavra. Posso dizer que foi o tempo mais feliz da minha vida. Deus falou comigo várias vezes, meu irmão: através de sonhos, de profecia e da palavra pregada. Deus operou muitos milagres através da minha vida. Foi um tempo de milagres. Antes do meu casamento com Elza, vivemos uma experiência tremenda: ela sonhou comigo sem me conhecer; e eu também sonhei com ela.

3. Sua obra parece conter um incrível imaginário religioso-pentecostal. Como o senhor explica esse imaginário?
Carlos Nejar: Tudo é por Deus e seu Espírito. A experiência de conviver com os irmãos é muito profunda, está além de explicações. Eu tenho horror ao lugar-comum, por isso busco uma linguagem da verdade. Sempre busquei a revelação da palavra. Deus sempre me usava. Eu tenho experiência de muitas curas, muitos sinais na minha vida. O poder de Deus é de dentro para fora. É o Redemoinho de Jó, que coloquei em *Riopampa.* Eu escrevi várias obras no Espírito Santo: poemas, romances, textos que ainda estão sendo publicados. A palavra acende o fogo em mim.

4. Como era a sua relação com a Igreja Cristã Maranata?

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

Carlos Nejar: Eu fui para o Espírito Santo e congreguei na ICM por um tempo. Depois, eu fundei uma comunidade no Rio de Janeiro, chamada "Comunidade Evangélica do Deus Vivo", que vigorou por quatro anos. Vinha gente de tudo quanto era lugar e Deus operava maravilhas. Fui levantado pastor na Assembleia de Deus e, por orientação de Deus, voltei para a Igreja Cristã Maranata. Depois desse tempo, voltei como obreiro na ICM e Deus obrigou eles a me levantarem pastor como na Assembleia de Deus. Eu ainda sou integrado como pastor da ICM aqui no Rio de Janeiro. Vou pelas igrejas pregando. Eles me deram a carteira de pastor datada de 5 de julho de 1990. Eles me deram a carteira de pastor como se eu nunca tivesse saído da igreja. Quem nos levanta é Deus. O homem só chancela. Voltei para a ICM por revelação de Deus de que me usaria muito lá. Até o presidente da igreja me contou sobre uma revelação de Deus para que eu voltasse.

5. Como o senhor, com toda a sua experiência e poesia, definiria o sagrado?

Carlos Nejar: O sagrado é a Revelação do Deus Vivo na Palavra. *Carta aos Loucos*, por exemplo, é uma obra do Espírito. É uma obra do sagrado, como *A idade da aurora* e *A engenhosa Letícia do Pontal*. A *Carta aos Loucos* está muito ligada a Paulo, apóstolo, que escreveu que nós "somos cartas de Deus", cartas vivas. A loucura é a sabedoria para Deus e loucura para os homens.

6. Quem é Deus?

Carlos Nejar: Deus é definitivo. Nós passamos, e Deus é definitivo. Deus me deu uma nova vida. Não há impossível em Deus. Meu Deus é o Deus do impossível.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 26/03/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória